



Ribeirão Preto, 26 de Julho de 1928.

Revmo. Sr. Pe. J. Cabral.

Com prazer venho dar a minha acquiescencia á solicitação que V. Revma. me dirigiu de escrever algumas palavras que sirvam de apresentação deste seu trabalho que vae entregar á publicação.

Com a precisa attenção percorri as paginas que o compõem e nellas encontrei a exposição clara e exacta dos ensinamentos da Igreja sobre os assumptos versados e optimos conselhos praticos aos jovens, para que, executando-os, fiquem isentos de cahir nos profundos abysmos do mal, ou delles possam sahir, caso tenham a desventura de ahi se achar.

Se, por vezes, a linguagem empregada parece um tanto franca e energica, deve ser attribuida ao zelo do sacerdote pela salvação das almas, e tambem á dedicação e ao interesse de educador, que V. Revma. o é; conhecedor experimentado dos perigos que cercam a mocidade em nossos dias e que insidiosamente procuram levá-la ás diversas illusões dos vicios que a desfiguram, fazendo com que esqueça e postergue os sãos principios da moral christã, unica que tem a força de elevar as almas e educar as consciencias.

Este livro é um precioso manual onde se encontram bem descriptos os males que corroem a sociedade e os meios para evitá-los ou curá-los.

Oxalá seja elle divulgado, estudado e practicado, ficando V. Revma. certo de haver concorrido de modo efficaz para o reerguimento das forças vitaes da Religião e da nossa cara Patria, das quaes é a mocidade esperançoso baluarte.

De V. Revma.

servo em N. S.

Alberto, Bispo Diocesano.



Prefacio do Professor Dr. Celestino Bourroul, da Faculdade de Medicina de S. Paulo

Lemos com attenção o trabalho do illustrado Pe. J. Cabral «Lutas da Mocidade».

Esta publicação não podia ser mais opportuna, deante da onda crescente de prazeres que tenta submergir a sociedade presente.

A sua intelligencia viva aponta aos moços os perigos que os esperam á porta da vida e a sua alma de sacerdote apresenta os meios de preservação, de tratamento e de cura.

Do ponto de vista medico e principalmente hygienico, mais e mais se faz necessaria a educação sexual, feita pelos paes e pelos educadores esclarecidos, onde a funcção sexual appareça no seu ponto de vista simplesmente biologico, commum a todos os seres vivos para a perpetuação da especie na transmissão da vida.

Isto seria possivel por meio de comparações simples, com vegetaes e animaes, em que o sexualismo não fosse encarado como sensualismo e, despido de toda a malicia, apparecesse antes como uma funcção das mais importantes logo depois da nutrição.

Assim se attenuariam as curiosidades mal-sans inherentes ás questões sexuaes.

Não basta, porém, descriptiva, por miudo, de males tão grandes, convém que se achem remedios adequados.

O freudismo contemporaneo tenta explicar toda a physiologia dos actos de nutrição mais comezinhos, como manifestações sexuaes, o que

não passa de um exagero e erro, pois as necessidades imperiosas e vitaes da alimentação sobrepõem ás sexuaes.

Conhecidos os perigos do vicio em todas as suas consequencias terriveis pelo enfraquecimento do corpo e da vontade, pelo habito, pelo embotamento de sentimentos delicados, surgem ainda ameaçadoras as molestias venereas. Não se precisa aqui encarecer a gravidade enorme da syphilis, da blenorragia e outras molestias de contagio sexual para a saúde do individuo e de sua descendencia.

Preciso se faz, todavia, que fiquem bem claros os perigos de taes molestias, porque talvez este temor possa ter acção preservadora para os nervosos, isto é, para aquelles que tenham o medo das molestias.

Tal temor, porém, póde não vencer a paixão e a perda ser fatal.

Os presuppostos maleficios da continencia, verificados apenas em raros individuos tarados, desaparecem deante do sem numero de victimas da incontinencia.

Mais efficiente será o appello para a alma, no que ella tenha de mais santo no ideal religioso, em Deus.

Surgem aqui as obras de preservação, como as associações esportivas.

O esporte quer nos parecer um meio preservativo excellentes para a mocidade, ao lado do estudo, outro derivativo poderoso.

Emquanto se não multiplicarem os clubs desportivos não teremos uma mocidade forte de corpo e de alma.

Mas não é só: cumpre ainda fortalecer o espirito, pela religião, pela educação, pelo estudo.

Só a religião no absolutismo e elevação de sua moral, na grandeza de seu ideal, na efficacia de seus meios de preservação, que são os sacramentos, poderá servir de remedio a males tão

acabrunhadores. É curioso que em seu apoio viesse hoje o freudismo, preceituando a psychanalyse que não passa de uma confissão; o recalca-mento de sentimentos e impulsões; e a sublima-ção — tudo isso já de ha muito aconselhado e posto em pratica na religião.

Os nossos actos nos acompanham com uma sanção immanente e imprescriptivel. É a justiça e a historia da humanidade vêm mostrando que os prazeres da carne e da bocca e a ambição têm levado os individuos, a sociedade e as nações á decadencia, á ruina e á morte.

Os dez mandamentos constituem, no dizer insuspeito de Renan, os fundamentos nos quaes repousa a sociedade; e, os abalar, seria abalar a propria sociedade.

A moral evangélica de Jesus completou e culminou o decalogo, elevando, dignificando e divinizando o homem que a pratica.

CELESTINO BOURROUL.



A' memoria de meu Pae

Antonio Lustosa Cabral



Anteloquio

Caro jovem,

Tolle et lege.

Toma e lê.

Achava-se o grande Agostinho de Hippoia em terrivel luta, que lhe abalava as forças da alma. Em seu espirito debatiam-se a graça, que o queria conquistar, e a natureza, que não se resignava a perder tão prestante servidor.

Na phase recrudescente da pugna interior, entre as perplexidades e incertezas, fez-se ouvir, no adito da consciencia, uma voz, que bradava: «Toma e lê». E o futuro luminar da igreja tomou um livro, que estava ao seu alcance, abriu-o e leu as palavras divinas, pelas quaes a luz celeste lhe esclareceu o entendimento e a energia sobrenatural lhe envolveu a vontade, para conhecer os dogmas da verdade e seguir os dictames da justiça.

Toma e lê: eis as palavras que dirijo aos jovens de minha estremecida Patria, depondo-lhes nas mãos este modesto opusculo, filho dos meus esforços, producto de horas de trabalho e meditação.

Em tempo algum houve tão poucos leitores como agora; no entanto, os livros e os jornaes pullulam aos quatro ventos.

As collecções de «horas de leitura» e os folhetins dos grandes diarios occupam os momentos de lazer do nosso povo. As obras sérias

e os jornaes criteriosos ficam de lado: áquellas desgasta o caruncho, estes servem para involucros.

Por isto, tratando de assumptos graves, procurei conjugar o util com o agradável, ligar o instructivo ao doutrinario.

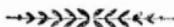
Ministro de Deus, escrevendo num país de população quasi inteiramente catholica, dei á composição um fundo religioso; não descurei, porém, o lado ethico e social das materias versadas, já em attenção aos que não crêem, já por evidenciar a harmonia da moral christã com a razão pratica.

Discorrer sobre costumes exige autoridade e, á mingua da propria, soccorri-me da alheia; dahí a copia de citações, que exornam o texto.

Não raro invoquei o testemunho de philosophos e escriptores laicos, quiçá lhes conferi a preferencia, não que os julgue acima dos mentores do povo christão, mas para patentear aos increos ou indifferentes a equidade da legislação divina em face da logica humana.

Este livro tem o merito da sinceridade. São paginas de uma alma, fragmentos de um coração.

Se conseguir, com meu brado de armas, fazer voltar ao campo da honra algum transfuga do dever: infundir um pouco de coragem a qualquer lutador desalentado; robustecer a energia de um combatente valoroso; considero-me como gratificado de meu esforço. Do contrario, resta-me um conforto — Deus louvado — a tranquillidade da consciencia, pois trabalhei de bôa vontade.



DUAS PALAVRAS

Esgotou-se a primeira edição do modesto livrinho *Lutas da mocidade*.

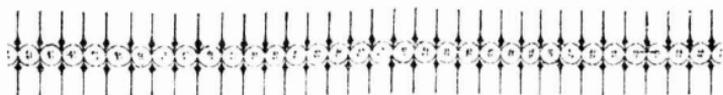
Desejando os editores fazer nova tiragem, julgámos opportuno, em bem da clareza, inserir um summario geral do nosso trabalho, um capitulo de introdução e, no final, um appendice sobre a limitação da natalidade.

Terminamos fazendo votos para que a presente edição seja tão bem acolhida quanto a anterior e que a graça divina torne proveitosos os ensinamentos aqui exarados.

Rio, 4 — X — 1930

“LUTAS DA MOCIDADE”

Summario geral



Summario

A CRISE DA PUBERDADE

Em que consiste. Suas manifestações. Importancia da puberdade. Educação dos sentimentos. Caminhos errados. Observancia da castidade. A palavra da sciencia medica. Motivos para viver castamente: a) a lei divina; b) a nobreza da dignidade humana. Recursos para guardar a castidade: a) as praticas religiosas; b) a fuga das occasiões perigosas; c) a pureza dos pensamentos; d) o bom emprego do tempo; e) recreação honesta e desporto.

I ELUCIDAÇÃO DOUTRINARIA

Elementos basicos da moral christã. O espirito e a carne. O mandamento da castidade e a sua observancia. A objecção de que a castidade é contra a natureza. Como ser puro. O peccado mortal e venial. A formação de uma consciencia recta.

II CILADAS DO INIMIGO

A luta entre o bem e o mal. Principaes meios que facilitam a quéda: a) a ociosidade; b) as más companhias; c) as conversas licenciosas; d) a dança; e) as leituras perversas e a pornographia em geral; f) o cinema e o theatro ou os exemplos concretos; g) as relações perigosas e o namoro.

III A GUARDA DOS SENTIMENTOS

Como alcançar o imperio sobre si mesmo. No limiar do amor. Distincção entre amor e amizade. Amor venal e amor puro. Esponsaes. Fidelidade prematrimonial. A porta estreita da vocação religiosa.

IV ESPLENDOR E DECADENCIA

As ruinas accumuladas pelo peccado impuro. A pureza, perola das virtudes. Os estragos do vicio. Avidez da concupiscencia e tedio da propria abjecção. Falsas arguições dos viciados; sua refutação.

V ELEMENTOS DE VICTORIA

Dignidade da natureza humana. As energias da vontade. Confiança em Deus. Principios directivos dos grandes homens e maximas dos santos.

VI RECURSOS DE DEFESA

O treino para as lutas moraes. Meios de defesa: a) os sacramentos, em particular a confissão e a communhão; b) a oração; c) a sobriedade e o desporto; d) os bons pensamentos; e) bom emprego do tempo, em particular o trabalho e o estudo; f) o dominio de si mesmo; g) a vigilancia individual e collectiva, nas associações. Associação social catholica. Obrigação de ser bom antes de fazer o bem.

VII AS EXIGENCIAS DO DECALOGO E AS CONCLUSÕES DA SCIENCIA

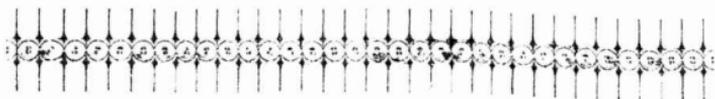
A sciencia e a moral. Possibilidade da continencia. Objecções. Beneficios da castidade. A eugenja. O temor das infecções. Conclusão.

A GLORIA

O triumpho temporal comparado com o triumpho eterno.

A crise da puberdade

(Servindo de prologo)



A crise da puberdade

Entre os diversos periodos, que completam o cyclo da vida humana, nenhum ha mais cheio de perigos e mais acompanhado de transformações profundas que o da puberdade.

Phenomenos geraes e locaes marcam o apparecimento desta idade. Os musculos adquirem maior resistencia e tornam-se mais salientes. Os ossos augmentam de tamanho e apresentam-se mais fortes; o phosphato calcareo é mais abundante. O systema piloso desenvolve-se e toma uma côr mais accentuada. A voz adquire uma tonalidade mais forte e o rosto muda de expressão.

Nesta época apparece a faculdade procreadora, isto é, a **capacidade** reproductora, que deve garantir a conservação da especie.

E', porém, de summa importancia não confundir esta faculdade com a nubilidadade. Importa assentar bem que a puberdade não tráz consigo a aptidão para gerar filhos normaes e bem constituídos; igualmente o apparecimento desta faculdade não quer dizer que della se possa fazer uso sem perigo para os possuidores da mesma.

Ao lado das transformações physicas e das mutações physiologicas, que, ligeiramente, acabámos de enunciar, outras, quiçá, mais graves e mais profundas, se operam no espirito do jovem, quando attinge á puberdade.

A' aproximação deste periodo da vida o character se modifica inteiramente. O menino torna-se, não raro, implicante, irascivel, teimoso e gros-

seirão. Revela-se orgulhoso; quer ser tido em grande conta e não soffre que se lhe censurem as faltas. Acima de tudo manifesta-se avido de liberdade e de independencia. O egoismo começa a fazer suas primeiras revelações; o moço procura a propria satisfação, sem cuidar dos outros e sem lhes prestar attenção, as mais das vezes.

Nesse tempo principiam os primeiros anseios do coração, ao qual não contam as affeições da familia, o amor dos paes e o carinho fraterno. As emoções sentimentaes e as formas do sexo diverso fazem despertar tentações e desejos lubricos. Os espectaculos licenciosos e as leituras obscenas provocam a curiosidade e a exaltam. De ordinario sobrevém o aborrecimento do trabalho, o desgosto das occupações ordinarias, em quanto que a imaginação se deixa ir através de sonhos irrealizaveis. As relações com as antigas companheiras de brinquedos de infancia revestem-se de certo constrangimento.

E' o despertar do amor.

Isto quando máos companheiros, exemplos perversos, creados corrompidos ou algum acaso da vida não haja revelado, de chofre, certos mysterios da natureza, que deviam ficar occultos ao menino, ainda por varios annos.

A ligeira enumeração acima exposta basta para revelar a importancia summa de uma boa orientação nesta quadra decisiva. Claramente se deprehende quanto merecem especiaes attenções os jovens, nesses dias de transição.

A hygiene manda que se lhes dê uma alimentação substancial e abundante, mas de facil digestão; exercicios moderados, porém, constantes; jogos ao ar livre, passeios pelos campos, banhos de mar, corridas e outros generos de desporto.

Se o physico requer uma serie de desvelos constantes, não menores cuidados devem ser pres-

tados ao coração, que, inexperiente, se abre para as realidades da vida e os embates das paixões, que acordam no fundo da alma. E' necessario que os paes e os educadores auxiliem ao desenvolvimento normal do adolescente, empregando, porém, methodos de todo differentes dos que presidiram á educação na primeira infancia.

Levanta-se aqui a grande questão sobre se é ou não necessario falar aos jovens sobre assumptos attinentes á hygiene sexual.

Antes, porém, de qualquer consideração acerca desta materia, cumpre recordar a prudentissima advertencia de S. S. Pio XI na luminosa encyclica a proposito da educação da juventude: «é de summa importancia que o bom pae, enquanto arrazoa com o filho sobre tão lubrica materia, esteja bem attento a não descer ás particularidades e aos varios modos com os quaes essa serpente infernal envenena tanta parte do mundo, para que não succeda que ao envés de apagar este fogo, o atice e accenda imprudentemente no coração simples e terno da creança».

O ponto de vista da pedagogia ideal será que as revelações indispensaveis se façam o mais tarde possivel, visto como a innocencia é de si mesma uma barreira contra os extravios da imaginação e as pesquisas da curiosidade malsan.

Infelizmente, porém, a infancia acha-se de tal modo cercada de perigos, que a creança entra muito cedo no conhecimento do mal.

J. Viollet, em seu livro *Education de la Pureté et du Sentiment*, escreve que se trata de escolher não já entre a innocencia e a sciencia, mas, sim, entre a sciencia pura e a sciencia impura.

Embóra a familia cerque seus filhos de toda vigilancia possivel, ainda assim não póde ficar tranquilla, porque bastam algumas palavras escutadas a meio de uma conversação, a vista de qua-

droz obscenos ou de figuras immoraes, as confidencias maliciosas dos companheiros — bastam estes accidentes, a que nenhuma solitudine póde obstar, para cahir por terra toda barreira dos cuidados paternos.

A vida moderna não permite mais o isolamento das creanças; por maior que seja a attenção prestada, os meninos desde cedo se acham em contacto com o mundo exterior e rodeados dos inimigos do pudor e da innocencia. Em taes casos, pois, é melhor prevenir o mal que tratar de o remediar mais tarde.

Como tornar a vontade bastante forte para resistir ás seducções do vicio, se a intelligencia não é capaz de discernir, na agitação dos desejos, o bem do mal? De que modo evitar que os adolescentes se entreguem a indagações perniciosas, quando se lhes negam os necessarios esclarecimentos?

Impõe-se aproveitar as occasiões mais oportunas para, com o devido criterio, inculcar no animo dos moços o sentimento das responsabilidades moraes e a obrigação ineluctavel de conservar, na pureza e na simplicidade, as potencias do corpo e da alma.

Do contrario a mocidade incidirá nos peores vicios e acabará por se conspurcar nas abjecções dos prostibulos, na degradação do vicio solitario e no aviltamento das perversões do amor.

De qualquer modo fenecerá a flor encantadora da innocencia e innumeradas ruinas phisicas e moraes ficarão accumuladas para uma existencia inteira.

A prostituição, além de estragar a alma, embota o discernimento da intelligencia, destróe a saúde e tráz doenças infecciosas, transmissiveis por qualquer contacto immoral ou até por um simples beijo.

A *Questão Sexual*, de Forel, descreve, em synthese bem clara, as consequencias terriveis das molestias venereas.

Contra o perigo do contagio, dizem os medicos mais illustres e mais conscienciosos, ha, unicamente, o recurso de uma vida casta. Um passo falso, na mocidade, é bastante para destruir, de vez, uma compleição robusta. Ademais não é somente o culpado a soffrer as consequencias de seu erro; a esposa e os filhos, victimas innocentes, vão supportar as devastações horrorosas de germes destruidores, que lhes roubarão todas as alegrias da existencia.

O vicio solitario e as perversões do amor causam não menores estragos no organismo dos adolescentes. Esfalfam o systema nervoso e escravizam a vontade a tal ponto que não ha mais logar para uma resistencia energica. Ainda mesmo que um resto de dignidade pessoal provoque impetos da nobreza do character, o animo não dispõe de vigor para enfrentar a torrente dos sentidos degradados. Pouco e pouco estes feios vicios dominam de tal modo as tendencias naturaes que as potencias da alma perdem todas as suas forças.

Ao lado destas tres vias tortuosas, que levam o inexperiente moço ao campo aberto do vicio e do crime, ha o namoro, que é fonte de grandes males.

Cinemas, theatros e outras diversões facilitam o encontro de jovens de ambos os sexos, estabelecendo relações, que, somente, trazem consigo o despertar prematuro de desejos insaciaveis.

A perda de tempo, desperdiçado em longas e frivolas palestras, e as despesas, com presentes á «pequena», constituem de si já notaveis inconvenientes, originados do namoro. Mas não são estes, infelizmente, os unicos males. As inclinações do

poração occasionam, frequentemente, o desequilíbrio moral e difficultam sobremodo a formação do caracter.

Além disto, desgraçadamente, não raro o namoro não é tão innocente como parece ou como, geralmente, se diz. As tendencias psychologicas, muitas vezes, derribam os limites do mutuo respeito e das conveniencias sociaes.

Como se não bastassem estes entraves á castidade da juventude, os preconceitos contrarios á pureza de vida exercem triste influencia no animo dos moços.

A estas estultas affirmações cumpre oppôr as conclusões da verdadeira sciencia, favoravel á observancia do VI preceito do Decalogo.

Dr. Jacobsohn, assim resume as deducções de trinta e cinco notaveis professores de medicina: «Os moços devem guardar a continencia; a continencia não os prejudica de maneira alguma; pelo contrario, ella é benefica. Conservando-se continentes e evitando relações extramatrimoniaes, conservarão um alto ideal de amor e estarão livres das molestias venereas».

Poderia adduzir innumeros testemunhos de notabilidades estrangeiras, mas prefiro citar o Primeiro Congresso Americano de Eugenia, celebrado em a nossa Capital Federal, no qual depois de longo debate, foi approvada a conclusão da these «Continencia masculina antes do casamento», do Professor Dr. Joaquim Moreira da Fonseca, que declara: «E' preciso ensinar á juventude masculina que a castidade e a continencia são possíveis e não são nocivas, mais ainda, que estas virtudes são as mais recommendaveis sob o ponto de vista simplesmente medico, hygienico e eugenico».

O veredicto da sciencia, por tantos e tão autorizados orgams, proclama a possibilidade e os beneficios da castidade.

A mocidade de animo nobre e de sentimentos elevados pôde abraçar a pratica da virtude sem temor algum de prejuizo para a sua saúde.

A isto poderemos ajuntar motivos poderosos, que actuarão fortemente sobre um animo bem formado.

Em primeiro lugar, a vontade divina, expressa no Decalogo, que o Eterno promulgou nas alturas do monte Sinai. A observancia, que os santos e bemaventurados prestaram a este mandamento, constitue alto estímulo para aquelles que soffrem e combatem neste valle de lagrimas.

Outra razão muito poderosa é o desejo de vencer-se a si proprio, a fortaleza de animo, que quer trazer as paixões subjugadas ao dever e os sentidos obedientes á voz da consciencia. Ser verdadeiramente homem é dominar as tendencias inferiores da natureza e nortear a propria conducta para a senda da perfeição moral.

As praticas religiosas offerecem meios subsidiarios, que ajudam o coração bem formado a lutar contra as insidias do mundo, do demonio e da carne, conjugados contra os filhos de Deus.

Ha ainda recursos de grande monta nas lutas da puberdade: a fuga das occasiões perigosas e o bom emprego do tempo. Esses expedientes, que auxiliam poderosamente aquelles que orientam sua vida segundo os preceitos da moral do Evangelho, constituem os unicos baluartes para aquelles que não seguem as maximas christãs.

Desejando guardar a castidade, deve o jovem conservar pensamentos elevados e nobres e evitar tudo que é lubrico ou conduz á immoralidade: leituras, palestras e o mais que attenta contra o pudor.

Occupação seria e constante apresenta oppor-
tunidade de afastar, para longe, as imaginações perigosas e cheias de sensualidade. De modo

todo particular, o fito de conseguir uma carreira publica ou aperfeiçoar-se em alguma profissão constitue para os moços o melhor emprego de suas energias.

Ao lado do trabalho, uma recreação honesta e um desporto moderado formam o melhor emprego dos annos agitados da juventude.

Deste modo uma puberdade digna abrirá caminho para uma virillidade honrada.

No decurso de nosso modesto trabalho desenvolveremos as idéas acima enunciadas.



Elucidação doutrinaria

«O coração recto busca a verdadeira sciencia.»

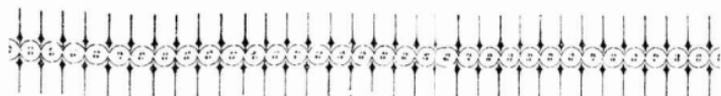
(Prov. XXVII)

«Eu sou que sublimo, num instante, o espirito humilde á penetração mais profunda da verdade eterna, do que poderá com dez annos de estudos nas escolas.»

(III Imit. XLIII)

«Quando se estudou muito tem-se a fé do camponês da Bretanha. Se eu tivesse estudado mais ainda, teria a fé de uma camponêsa bretã.»

PASTEUR.



Elucidação doutrinaria

O ESPIRITO E A CARNE

S. Paulo, na epistola aos romanos, desvenda o seu magnifico interior, deixando-nos perceber o amplo campo de lutas, que se travavam em seu coração. E fala do embate de duas vontades — da pugna entre o bem e o mal.

Pobre e dorido coração humano... que de magoas não encerras... que de amarguras não provaste...

E' a historia de todas as almas, são os segredos de todas as consciencias, entre as fluctuações da passagem do homem sobre a terra.

Se milhares de espectadores se debruçam das archibancadas, acompanhando as peripecias de um campeonato de pugilistas, Deus e os anjos, os espiritos bemaventurados e os entes queridos, que nos precederam na casa da eternidade, das collinas olympicas, são invisiveis testemunhas das lutas travadas no recondito dos corações.

E, parece, resôam aos nossos ouvidos as palavras sagradas: «O reino dos céos padece violencia, só os fortes o poderão conquistar.»

Os valentes e os fortes são a pleiade das almas castas, que crucificaram a carne com todas as suas concupiscencias.

O MANDATO

Deus inscreveu no Decalogo a obrigação do homem ser casto. Esta lei não exceptua condição social, sexo e idade.

O Omnipotente commina as mais severas penas aos transgressores deste mandamento.

Ha duas innocencias — a que se conservou immune de qualquer macula, a mais bella e a mais fresca; a que foi reconquistada á custa de lutas e sacrificios, a mais ardua e a mais humilde.

Num e noutro caso o transito do homem sobre a terra é continuo pelejar e o Apostolo das gentes nos adverte: «Sêde fortes, cingi-vos da verdade, tomae a couraça da justiça, abraçae o escudo da fé, com o qual possaes lapparar todos os dardos inflamados do maligno. Tomae tambem o capacete da salvação e a espada do espirito.»

Já o Divino Mestre nos preveniu, dizendo que veio implantar a guerra e não a paz.

Um poeta francês, Rimbaud, diz que os combates do espirito são tão brutaes como as batalhas entre os homens.

Daqui estes recontros terriveis, que se fêrem no intimo das almas e que lemos, frequentemente, na historia de muitos santos. S. Jeronymo deixou admiravel pagina de seus combates intimos. Escrevendo a um amigo, dizia que orava, jejuava, chorava e dilacerava a propria carne, para apylparar «aquella tempestade de mãos pensamentos.» Acrescenta: «No corpo frio e na carne secca e quase morta, viviam sómente os desejos do appetite deshonesto. E, reprimidos, porfiavam sempre em tornar a crescer como hervas más.»

Muita vez, valorosos animos succumbem ás pugnas interiores com inimigos invisiveis; por esta razão o grande orador sacro Lacordaire apresenta a victoria do Evangelho contra a luxuria como uma prova da divindade de Christo.

Deante desta perspectiva de lutas, ao pensamento dos ataques a repellar, nada de desanimo, nada de covardia.

A sollicitação do mal, o aguilhão da sensualidade, é partilha da natureza decahida; é herança commum a todos os homens.

Os baixos estimulos da carne, em opposição ás nobres advertencias do espirito, constituem o que S. Paulo denomina a lei dos membros.

Deus nos creara em um pedestal de grandeza e sublimidade moral, mas a prevaricação do Eden roubou-nos estes privilegios. Agora cumpre lutar, para a reconquista do perdido.

Das virtudes exercidas sobre a terra é a pureza a mais trescalante de perfumes celestes.

Só Christo conseguiu implantar no mundo as virtudes dos anjos, porque é Deus.

O paganismo possuia vestaes, mas á custa do temor; era uma virtude coacta. O christianismo offerece ao mundo o espectaculo sublime de centenas de milhares de almas, de ambos os sexos, que juraram ao Cordeiro de Deus o sacrificio de todos os prazeres dos sentidos, de todas as alegrias da carne.

Ha mais de trezentos mil sacerdotes e um sem numero de donzellas, que se votaram ao Senhor, em pleno seculo da civilização.

A humanidade, amollentada pelo sensualismo, apresenta creaturas que conseguem pela virtude e pela resistencia contra si mesmas o que os anjos possuem por essencia.

Os puros espiritos são inattingiveis ás seducções dos cantos lascivos e ás musicas langurosas. Não póde cahir no peccado dos sentidos quem não tem corpo.

«O homem, diz G. Papini, é um animal que deve transformar-se em anjo. E' materia que se está convertendo em espirito.»

De facto. Se a animalidade predomina, o homem desce abaixo dos brutos, porque as for-

ças do espirito são sacrificadas á natureza; mas se o ser humano vence as inclinações viciosas, ascende á dignidade angelica e participa da santidade divina.

Da Biblia consta que apenas dez justos teriam alcançado para Sodoma o escapar á chuva de fogo, que a destruiu; podemos concluir que as almas de elite detêm o braço vingador do Omnipotente contra os seculos de prevaricações e iniquidades.

No céo perolado da christandade, na via lactea dos bemaventurados, fulgem tres estrellas de primeira grandeza, scintillam tres astros de incomparavel fulgor — Luís Gonzaga, Estanislao Kostka e João Berchmans — triade archangelica, especulo ante o qual se deve mirar a juventude catholica.

E não sómente os santos, mas tambem os homens do seculo são capazes da realização deste ideal de honra viril; Xenocrates, no philosophismo pagão; Edison, na intellectualidade contemporanea; Victor Hugo, na literatura moderna; Mozart, no mundo das harmonias; Newton, na historia da sciencia, são provas exemplificadoras da possibilidade de uma vida pura e continente.

Ajuntemos ainda, para encerrar esta serie, o testemunho do Dr. A. Felicio dos Santos, no prefacio da edição brasileira de *A vida do Joven*, do Dr. Surbled: «Assim se explica a conservação da intelligencia em alguns velhos castos, como Leão XIII; continentes, como Ruy Barbosa, que nos affirmou dever a conservação da lucidez intellectual á sua continencia em toda a vida e á abstenção completa nos ultimos tempos.»

ANTINATURA

A' vista da existencia do preceito e da sua integral observancia, de que a Igreja e a historia apresentam exemplos, ha espiritos rebeldes, que chamam a Deus de cruél e dizem que Elle é um

monstro, porque dotou o homem de nervos e ordena que estes se não abalem, deu-lhe sensibilidade e não permite o desfructe da mesma.

As maiores conquistas moraes, observa um pensador coevo, repugnam á natureza, porque são amputações do proprio eu.

Contra a natureza érgue-se tudo que é virtude e grandeza moral: é contra a natureza o arriscar a vida, nas ondas tumidas, para salvar um naufrago; é contra a natureza a obediencia ao poder constituido; é contra a natureza afrontar as labaredas de um incendio, para das garras arrancalhes as victimas.

Fóra de vez com tudo que é grande e generoso, porque grandeza e generosidade implicam sacrificio, e o sacrificio é contra a natureza. No entanto, a estes actos chamamos de heroismo e virtude.

Admittindo mesmo que a estricta disciplina da castidade occasionasse qualquer incommodo á saúde ou qualquer embaraço ao trabalho — o que aliás demonstraremos inteiramente falso — ainda assim não haveria razão sufficiente para o jôvem se furtar á observância do sexto preceito do Decalogo. Quantas profissões não ha cujo desempenho exige pesados sacrificios, que compromettem o vigor physico e até a propria existencia?! Como desculpar o medico que se recusasse a attender a um chamado nocturno, sob a allegação de que isto lhe causaria damno á saúde?

Ao estolido orgulho humano, que se revolta contra a lei eterna, o Evangelho responde com um anathema fulminante, pois os mandamentos não são impossiveis de se guardar.

S. Agostinho, ha longos seculos, proclamou que: «Deus jámais ordena alguma coisa que não seja para o maior bem daquelles a quem transmite as suas ordens.»

Ao lado da natureza está a graça. O Senhor, diz o Apostolo, não permite que nossa fraqueza seja experimentada acima das proprias forças.

Tudo podemos com as energias sobrenaturaes, que nos offerecem, para a vida da alma, os sacramentos e a oração.

Ademais, como se não bastasse a assistencia divina, na peleja, ha a promessa sempiterna de uma corôa de louros virentes, pelos seculos sem fim.

Na ventura suprema da visão beatifica, as almas fortes transformam-se em lyrios purissimos, de fragrante olôr, que embalsamam os céos.

«Bemaventurados os puros e os limpos, porque verão a Deus.»

Está determinado que todo o homem seja um miliciano dos embates da pureza.

E' a lei da generalidade.

Ha, no entanto, variações extraordinarias, oriundas de elementos relativos.

Entre a claridade discreta da aurora e o esplendor das soalheiras meridianas e destas aos pallores moribundos do occaso, ha uma gradação infinita, na variação de cambiantes.

O temperamento, isto é, a constituição physiologica, representa grande papel nos choques dos sentidos inferiores com os sentimentos do dever.

A pathologia revela a existencia de crises, em que o menor abalo póde trazer consequencias fataes; estas crises tambem se produzem na alma.

Sem professar a absurdidade de que os mortos governam os vivos, é incontestavel a influencia estupenda que a hereditariedade e o atavismo exercem sobre os nossos destinos. A experiencia constata que certos cargos da magistratura publica e o pendor para determinados ramos da sciencia e da arte se perpetuam nalgumas familias.

Igualmente, nevroses terríveis, propensões morbidas, decadência mental e degradação de costumes formam a partilha de gerações taradas e decadentes.

Daqui um philosopho moderno, Emerson, dizer que a educação deve começar cem annos antes da creança vir ao mundo.

O abuso das bebidas alcoolicas e o consumo das drogas entorpecentes provocam excitações eroticas e depressões nervosas, que, muita vez, terminam em sensações lubricas e afrouxamento das reservas de energia moral.

«Do que facilmente se deduz — escreve um moralista — que o pleno dominio da vontade requer certas condições de saúde e equilibrio physiologico.»

Grande influencia exercem sobre nós as circumstancias exteriores, que, de varios modos, actuam sobre o physico. Assim a alimentação, o vinho, em geral todos os excitantes, bem como o clima e as estações se fazem sentir na vida do espirito.

Na donzella, o amor reveste formas affectivas e delicadas, mixto de ternura e vaidade; no jovem, levanta tempestades violentas e fortissimas revoltas dos sentidos.

De todos os elementos capitaes nas lutas da pureza, o principal é a idade; sobretudo é tormentosa a quadra dos vinte annos.

E' na puberdade que acordam as paixões, que despertam as energias do mal. Em principio, são devaneios sentimentaes, commoções inexplicaveis, phantasias de amor, anseios de felicidade; depois sobrevêm os terriveis estimulos do peccado, cujos dardos se vão cravar no recesso das consciencias.

E' o transitio da innocencia para a virtude.

ALERTA

«Acantelae-vos, irmãos, porque vosso inimigo, o demonio, anda á roda, como leão, buscando a quem devorar; resisti-lhe invictos, na fé.»

Estas palavras resumem toda a malicia do espirito infernal, que, para atacar, não espera que o provoquem e, derrotado, tenta, constante, novos assaltos.

São os olhos as janellas da alma; é por ali que penetra a morte no espirito. Do olhar impudico resulta um pensamento lascivo, donde se passa, facilmente, ao desejo peccaminoso.

As quedas desastrosas, de que faz menção o Antigo Testamento, comprovam o dizer do Espirito Santo: «Um abysmo chama outro abysmo.»

Os antigos disseram que era necessario evitar ou curar o mal no principio, porque tarde vem o remedio, quando a molestia tudo invadiu.

A prophylaxia é preferivel á medicação: daqui tanto zelo e cuidado da saúde.

O peccado é escorregadio; torna-se mais facil, relativamente, não aventurar a descida que parar a meio caminho.

A vigilancia, só, não basta; faz-se mister a intransigencia.

O tentador, se encontra animo forte e resolido, afasta-se; mas, se o homem vacilla, nenhum animal da terra se lhe póde comparar pela ferocidade.

Quem ama o perigo nelle perece — é uma sentença que a razão e a experiencia demonstram veridica; portanto fugir das occasiões é prova de coragem e prudencia; procurar objectos que despertem as paixões, é tornar-se o obreiro da propria ruina.

O PECCADO

O peccado: eis o inimigo.

Daniel, na cõrte de Babylonia, depois de destruir o idolo de Bel, pediu e obteve do rei licença para dar á serpente, que o povo adorava, e á qual offerecia victimas humanas, uma comida por elle preparada; effectivamente, deu-lhe uma mistura de pez e asphalto, com que a matou; depois, retirando-a do covil, apresentou-a ao povo estarrecido, dizendo: «Eis a quem adoraes.»

A feia serpente é a imagem do peccado, ao qual sacrificamos não só victimas humanas, mas imolamos a nós mesmos; causa elle toda sorte de desordens e perturbações, pela destruição da harmonia implantada por Deus.

Causa transtorno na terra, onde a natureza se revolta contra o peccador. Adão só encontra cardos e espinhos... Sodoma e Gomorrha atrahem contra si o fogo do céu... Coré, Dathan e Abiron perecem soterrados...

Causa transtorno no céu, na hierarchia dos espiritos creados por Deus; muda anjos refulgentes em demonios negrejados.

Causa transtorno até no coração de Deus, que se arrependeu de haver creado o homem quando o viu maculado das mais negras culpas. Foi este monstro que arrancou dos lábios de Christo o grito lancinante, que os seculos repercutem: «A minha alma está triste de uma tristeza mortal.»

PECCADO MORTAL

Assim se denomina toda violação grave da lei divina, com pleno consentimento e deliberação da vontade.

A gravidade da materia aquilata-se pelos mandamentos do Senhor e pelos preceitos ecclesiasticos. A advertencia é dada pela intelligencia,

que conhece a lei e a despreza. A deliberação da vontade é o assentimento desta a algo vedado por Deus. Estas tres limitações são condescendencias da misericórdia infinita á fraqueza humana.

O peccado é irreductivel, isto é, faltas veniaes não se reúnem em moriaes, nem uma mortal póde fragmentar-se em veniaes.

O tempo ou duração não entra na idéa de responsabilidade da culpa, basta haver um instante de afastamento de Deus e conversão para as creaturas.

O peccado é um insulto a Deus, e, se a injuria é proporcional á dignidade do offendido, o peccado é infinito. E' uma revôlta da creatura contra o senhor dos senhores; o rei dos reis manda e o homem diz: «Não obedecerei.»

E' uma deshonra irrogada á majestade suprema, porque o peccador prefere um vil deleite, de alguns momentos, á obediencia á lei eterna; envolve uma comparação entre a creatura e a divindade, comparação esta summamente deprimente para o eterno legislador. Ha ainda a aggravante do peccado ser commettido á face de Deus, que enche o céo e a terra; é uma injuria perpetrada rosto a rosto.

Pela graça o Espirito Santo habita em nós e não nos abandonará sem que o abandonemos antes; o peccado o expulsa de nosso coração, que sete espiritos immundos, no dizer da Sagrada Escripura, passam a occupar.

Que de afflicções, que de ignominias, que de ingratições não encerra um só peccado mortal!...

Daqui a inexorabilidade da justiça infinita em castigar as transgressões dos seus decretos.

Um peccado lançou ás fauces dos abysmos infernaes as cohortes angelicas e transformou Lucifer em Satan por toda a eternidade.

A desobediencia de nossos protoparentes, no Eden, acarretou-lhes e aos seus descendentes a perda de todos os bens sobrenaturaes e preternaturaes, outorgados pela dadivosa Providencia.

Ainda hoje, um só pensamento bastará para lançar nas prisões do inferno, para todo o sempre, o mais austero penitente do deserto.

«E' terrivel cair nas mãos de Deus.»

O peccado rouba-nos a graça santificante, obscurece a intelligencia, enfraquece a vontade, priva-nos dos merecimentos das bôas obras, tráz-nos a morte eterna e muitos castigos temporaes.

«A morte, escreveu S. Paulo, na epistola aos romanos, é o estipendio do peccado.»

De todos os peccados, porém, o que Deus mais aborrece é a luxuria. No Genesis lemos que o Senhor tolerou a idolatria e outros crimes, mas quando o homem se entregou á impureza, Jehovah se arrependeu de o haver formado. No mesmo livro encontramos que o diluvio foi o castigo da impudicia. A chuva de fogo, que destruiu Sodoma e Gomorrha, cahiu sobre as cidades malditas, para delir as iniquidades da carne.

Não nos enganemos, avisa o Apostolo das gentes, porque os impudicos não possuirão o reino de Deus.

PECCADO VENIAL

Esta especie de peccado, embora não traga o rompimento entre Deus e o homem, torna as relações tensas, determinando, facilmente, a ruptura da amizade divino-humana.

Não pôde haver offensa pequena quando se trata da majestade divina; chama-se, porém, venial, em comparação dos castigos e males que o peccado mortal occasiona.

S. Francisco de Salles diz que as faltas veniaes não nos desviam do caminho que vae a

Deus, mas fazem-nos parar. E' molestia, que, sem roubar a vida, produz extremo abatimento.

A Biblia relata severos castigos infligidos a culpas leves: os bethsamitas, por um curioso olhar lançado á arca da alliança, foram punidos de morte; o Senhor mandou lapidar um israelita que apanhara lenha no sabbado. Maria foi coberta de lepra por causa de uma murmuração contra seu irmão Moysés, e este, em razão de uma falta de confiança em Deus, não logrou entrar na terra da promessa; um sentimento de vaidade custou a David a perda de setenta mil de seus subditos.

«E' verdade, diz Marmion, no livro *Le Christ Vie de l'âme*, que mesmo repetidas, as faltas veniaes, não impedem a união com Deus; no entanto, ellas diminuem o fervor desta união, porque constituem um começo de aversão. a Deus, derivado de uma complacencia na creatura, na fraqueza de nossa vontade, de um esmorecimento na intensidade de nosso amor para com Deus.»

CLARIVIDENCIA DO ESPIRITO

Deus collocou em nosso intimo um tribunal, para julgar os nossos actos. E' a consciencia.

Tomando por codigo o decalogo, o homem pesa nas proprias acções, sonda-lhes a culpabilidade, depois profere a sentença.

Importa, porém, que a consciencia seja recta e esclarecida; é recta quando não se inclina para o escrupulo ou para a laxidão; é esclarecida se dispõe de conhecimentos sufficientes da moral christã.

O escrupulo é uma doença da alma, que faz ver a vida perfeita como uma coisa inexequivel. A laxidão procura diminuir, em tudo, a propria responsabilidade.

Cura-se o primeiro pela obediencia cega ao confessor; a segunda, com o pensamento da justiça divina e das maximas eternas.

A multiplicidade de applicações dos juizos da consciencia, em assumptos de pureza, exige de nós uma recta intenção a toda prova, pois a Deus não poderemos enganar.

Na duvida fundada, é mistér recorrer ao confessor, no consultorio franco do tribunal da penitencia.

A audição da palavra divina, a frequentação dos sacramentos e a leitura ascética proporcionam á alma o gosto das coisas sobrenaturaes e o discernimento das duvidas.

— Promulgada a lei divina da castidade, passemos ao estudo dos perigos principaes, que o jovem encontra, no decurso da existencia.



II

Ciladas do inimigo

«A nossa maior luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os principes e as potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espiritos malignos espalhados nos ares.»

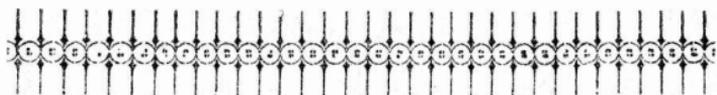
(Eph. VI, 12)

«Inteiramente abrigados das tentações, enquanto vivermos, não podemos estar; visto sermos filhos da concupiscencia, e existir em nós uma fonte donde ellas provêm.»

(I Imit. XIII)

*A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só póde exaltar.»*

GONÇALVES DIAS.



Ciladas do inimigo

A OFFENSIVA

Declarada a guerra, o inimigo tenta invadir o territorio de seu contrario. Assim o demonio procura conquistar a fortaleza de nossa alma. E' a tentação.

A tentação é tão commum na vida espiri-
tual, como o soffrimento na vida humana.

S. Paulo conta que, havendo Deus colloca-
do a seu lado um anjo máo, a fim de que não
se ensoberbecesse por causa da grandeza das re-
velações recebidas, elle, o apóstolo das gentes,
pediu tres vezes ao Senhor que o libertasse e
foi-lhe respondido: «Basta-te a minha graça.»

A tentação é inevitavel; estamos cercados
de inimigos: o demonio, que procura assenhorear-
se de nossa alma; a carne corrompida, plena de
solicitações desordenadas; o mundo, repleto de
seduções constantes.

Não obstante, Deus chama bemaventurado
aquelle que geme ao peso da tentação.

Porque? Porque, diz o Apóstolo, o homem,
depois que fôr provado, receberá a corôa da vida,
que o Senhor prometeu aos que o amam.

Tanto mais encarniçada a batalha, tanto mais
aguerrido o inimigo, tanto mais bella a victoria,
tanto mais glorioso o vencedor.

A tentação põe á prova nosso amor e fide-
lidade a Deus, dá-nos o conhecimento da propria
fraqueza e indignidade, inculca a necessidade da
graça e do auxilio sobrenatural.

Demais, o mal não consiste em sentir, mas em consentir. A tentação rechaçada é uma pedra engastada na corôa gloriosa da eternidade. Consentida é deshonra; debellada torna-se uma victoria.

Os mais vivos transportes da sensibilidade carnal indicam o despertar normal dos sentidos; a infidelidade á consciencia reside nos pensamentos voluntariamente acceitos e nos desejos conscientemente reflectidos.

As cicatrizes, que, nestas refregas, recebe a alma, brilharão, para sempre, na tunica de luz dos seguidores do Cordeiro.

As fortalezas melhor construidas, os edificios mais solidos têm todos um lado menos firme, por onde costumam penetrar os agentes destruidores. Na ordem social reconhece-se, facilmente, alguma inclinação para a qual o individuo, naturalmente, propende.

A physiologia demonstra que o organismo tem determinado ponto vulneravel, promptamente attingivel pelos germes letiferos, em qualquer dos systemas funcionaes; são as propensões para tuberculose, lesões cardiacas ou alguma outra.

Todos têm o seu lado falho, o seu «fraco», tanto na compleição physica como na ordem moral. Cada um possui um temperamento especial, pelo que, em identidade de causas, se encontra a diversidade de efeitos.

«O temperamento, diz Sinibaldi, em seu tratado de philosophia, é o predomínio de um certo grupo de paixões no homem, proveniente da disposição do organismo, e, sobretudo, do systema nervoso.»

A tentação afflige a todos, mas sob formas diversas. Alguns cedem á fraqueza do coração, em extremo sensivel e terno, ou á phantasia demasiado realista; outros caem pelas leituras pe-

rigosas, conversações lascivas, reminiscencias do passado, relações de sociedade e attractivos do mundo.

Além disto, a queda deixa vestígios, que se não apagam facilmente: é o psychismo rememorativo, que leva o homem á reincidencia na primeira culpa.

A introspecção da alma, pelo exame de consciencia, é indispensavel para o conhecimento do proprio valor moral.

Veridica e muito util é, pois, a sentença inscripta no oraculo de Delphos: «Conhece-te a ti mesmo.»

ASSALTOS DO INIMIGO

A guerra moderna comporta os mais variados engenhos mortiferos e os mais terriveis machinismos destruidores. O combate espirital é movido por todos os expedientes da malicia demoniaca contra a natureza fraca e corrompida.

Todos os estratagemas bellicos de Satan e todos os principios deleterios da carne multiplicam as investidas contra a virtude da pureza.

Vejam as algumas das armas do inimigo. Conhecidas as fontes do mal, não será difficil a elaboração de principios moraes, que orientem a vida.

1. A ociosidade

A ociosidade é a mãe de todos os vicios. Velho proloquio, que a sabedoria moderna não pôde destruir.

As aguas estagnadas tornam-se putridas e desenvolvem germes letiferos; assim o corpo humano, se não é exercitado no trabalho, gera a concupiscencia e a impureza.

A actividade bem ordenada e constante traz ao espirito a sensação do bem-estar moral, liberta o animo de pensamentos indignos.

A ociosidade, ao contrario, arrasta a imaginação ao que é torpe e vae chafurdá-la nas aguas envenenadas do peccado.

É necessário empregar bem o tempo em alguma coisa util, que entretenha o espirito.

Montaigne escreveu: «Para distrahir-me de uma imaginação importuna, bastava recorrer aos livros; punham-na logo fóra. Foi o melhor far-nel que encontrei para esta viagem humana.»

O somno diurno deve ser proscripto, quer em nome da natureza, que reservou o dia para o trabalho e a noite para o descanso, quer em nome da hygiene scientifica, que o reconhece exhaustivo e insufficiente, salvo fadiga ou exgotamento excessivo.

A ociosidade no leito é de todas a mais pe-tiposa.

Daqui S. Francisco de Salles dizer que: «O madrugagar conserva a saúde e a santidade.» E Julio Payot, no tratado da «Educação da vontade», escreveu: «dize-me a que horas te levantas e di-tei se és ou não vicioso.»

2. As más companhias

O Divino Mestre nos premune contra aqueles que nos pódem perder, lançando corpo e alma na gehenna. São os companheiros perversos.

A prophylaxia moderna põe navios de quarantena e estabelece os mais rigorosos cordões sanitarios: para longe os pestosos!...

O grande Lacordaire diz que a vida inteira de uma creatura depende de seus familiares. A convivencia nos acostuma, a um tempo, ás coisas e ás pessoas. Deste modo a indisposição é substituida pelo habito. Aos poucos os olhares se corrompem, o coração perde o sentimento do pudor, o espirito propende para o que é abjecto; das palavras más passa-se ás acções indignas.

S. Agostinho, nas suas *Confissões*, conta do damno que lhe causaram amigos viciosos.

O senso commun julga de um individuo pelos que o frequentam. Ligeira reflexão demonstra o valor deste sentir da sabedoria popular.

Os perdidos e corruptos experimentam um prazer infame em mergulhar na iniquidade almas simples e innocentes.

Em plenos dias de civilização, resplendem de luz e de verdade os velhos conceitos do mais sabio dos homens: «Não caminheis com os mãos nem trilheis os seus caminhos; evitae-os, não passeis por elles. Aquelle que anda com os bons será bom, mas o companheiro dos loucos eſtará, pela certa, perdido.»

Não faltam, desgraçadamente, falsos amigos, que arrastam os fracos e os incautos á casa de jogo, tascas immundas, antros sordidos, cafés-concertos e clubs dançantes, onde, no deslumbramento orgiaco de luz intensa e musica barata, se arruinam, de vez, physica e moralmente.

Os effeitos perversedores das más companhias resaltam das seguintes palavras de um dos grandes diarios da metropole paulista:

«Jovens desgarrados do lar, evadidos do circulo convencional em que vive a familia, muitas vezes gentes de habitos austeros, residindo em cidades do interior, dentro de alguns annos de vida em S. Paulo, ficam familiarizados com todos os vicios. Insubmissos, rebeldes a quaesquer tentativas de coerção, que sobre elles tentem exercer, rolam de abjecção em abjecção, até o roubo e o suicidio.»

Entre os perigos más tentadores, que defronta a mocidade no convivio social, está o jogo, calamidade publica, causador de males incriveis e desgraças sem numero.

A fidelidade aos compromissos, a persistencia no labor fecundo da intelligencia, as energias physicas e a parcimonia economica desaparecem

na voragem da jogatina, que consome o tempo, destróe o equilibrio espiritual, arruina as aspirações nobres e extingue os valores reaes.

Ruy Barbosa fulminou o jogo com esta sentença: «Os desvarios do encilhamento dão e passam como rapidos temporaes. São irregularidades violentas das épocas de prosperidade e de esperança. Só o jogo não conhece remittencias; com a mesma continuidade com que devora as noites do homem occupado e os dias do ocioso, os milhões do opulento e as migalhas do operario, tripudia uniformemente sobre as sociedades nas quadras de prosperidade e de penuria, de abastança e de fome, de alegria e de luto. E' a lepra do vivo e o verme do cadaver.»

3. As palavras licenciosas

«Que as palavras deshonestas sejam banidas de vossa bocca», diz o apostolo aos fiéis de Collossos.

Éis um dos mais insidiosos escolhos contra os quaes vae sossobrar a pureza da mocidade.

De começo, nas expansões intimas, os jovens se descobrem, mutuamente, os segredos da consciencia, as impressões mysteriosas da vida e as investigações furtivas sobre os mais delicados assumptos. Não raro uma palavra qualquer motiva a curiosidade de indagações indiscretas.

Depois, o respeito humano dos mais fracos de animo completa o rebaixamento de tantos caracteres e o aviltamento de tantas almas. São os covardes, que por temor de um escarneo ou dos gracejos dos camaradas, se envergonham daquillo de que se deveriam honrar; falta-lhes a coragem do bem.

Estes desgraçados se pejam da propria virtude e não comprehendem que a estima dos companheiros — estima que tanto ambicionam — con-

quistariam, de certo, se fossem mais sinceros relativamente ás proprias convicções e obteriam delles não só a estima, mas até a admiração.

Habito indigno de pessoa educada e indice de espirito mesquinho é entoar descantes lascivos e cançonetinhas dubias. Não sómente a honestidade publica, mas tambem a urbanidade, condemna costume grosseiro e tão baixo. Quem assim procede desmerece da consideração em que é tido.

4. A dança

A dança, em sua forma original, é uma expansão lyrico-artística das alegrias da alma e um divertimento popular.

No Antigo Testamento a encontramos como signal de regosijo perfeitamente innocente e permittido, não sómente nas commemorações civicas, como nas solemnidades do culto.

Entre os gregos foi cultivada com especial carinho, com vistas de esthetica.

No entanto, em nossos dias, a consciencia humana, a não ser que esteja de todo carbonizada pelo vicio, resente-se tristemente dos effeitos das danças modernas, onde se exhibem attitudes lubricas, a que chamam *poses* plasticas. Donde a cada passo a pergunta: «dançar é peccado?»

Cicero, na antiga Roma, condemnava os excessos das danças, dizendo que ninguem dançava a não ser que estivesse embriagado.

Em nossos tempos, por desgraça, já não ha mais o saltar rythmico da quadrilha franceza, lanceiro, valsa lenta, schotisch, polka e outros passos choreographicos, para gaudio das reuniões familiares, mas, sim, o tango, o maxixe, com desordenada approximação dos sexos, fomento de sentimentos indignos.

Viveiros de Castro, em *Attentados ao pudor*, verbera declaradamente o sensualismo, os

maneios inconvenientes e a degradação moral, que andam por ahí, mesmo em *bailes familiares*, rotulados como «danças modernas.»

Augusto de Lima, da Academia Brasileira, tratando da decadencia moral de nossa sociedade, escreve — «Para completar o quadro e agravar o perigo, principalmente de contacto das danças, a moda ultrapassou o limite extremo que a decencia impõe á mulher.

Os bailes, quase sempre se realizam em circumstancias taes, que não permitem reacção nem offerecem defesa contra a lascivia: o luxo desenfrejado, as musicas langorosas, as bebidas fortes, os perfumes inebriantes, os galanteios pouco escrupulosos, as importunações livres e continuadas, a nudez mal disfarçada das senhoras e o ambiente de expansão concorrem para augmentar os perigos das nimias familiaridades.

Nestas condições são illicitos e peccaminosos, quer pela origem degradante, quer pela perversão que encerram: o *fox-trot*, o *one-step*, o *shimmy*, o *charleston* e o *black-botton*.

E' de admirar que os defensores da innocuidade moral das danças contemporaneas sejam tão apaixonados das mesmas...

Só o adeantado da hora em que se realizam os bailes, o desperdicio enorme de dinheiro, que acarretam, e os movimentos violentos e exhaustivos, que impõem, bastariam para a condemnação desta especie de divertimentoó, ainda quando o contacto directo, a desenvoltura dos gestos e a approximação excessiva dos pares não fossem bastante fortes como argumentos de ordem moral.

Acerca dos bailados russos das pretensas sacerdotizas de Terpsichore cabe melhor o silencio.

E dizem de civilização e de progresso a época em que o homem, no canto, procura imitar

os gritos estridulos e, na dança, os sarcoteios voluptuosos dos simios.

O' tempos! ... O' costumes!...

Felizmente já começa uma reacção justa da dignidade humana contra os desmandos das danças modernas.

Em Budapest, Hungria, constituiu-se uma liga contra o *jazz-band*, «porque esta musica produz no espirito os mesmos efeitos que os toxicos sobre o corpo humano.»

O commissario de hygiene de Vienna, Austria, Sr. Semanskho, numa entrevista, declarou que as danças modernas são absolutamente indecentes e grosseiras. Lá só se póde dançar o *charleston* nos bares e cafés, isto mesmo depois da meia noite.

O prefeito de Chieti, Italia, prohibiu o *charleston* e o *black-botton*, por considerá-los «contrarios ao espirito moral e esthetico da nação.»

Dr. Bower, de Kansas, Estados Unidos, dirigiu forte campanha medica contra estas danças modernas, que abalam todas as visceras do organismo humano.

Deste modo a sciencia e a policia vão corrigindo as desordens e loucuras da geração ho-dierna.

5. As más companhias

Lamartine, em pagina memoravel, fantasiou a duvida de Guttemberg sobre os efeitos do portentoso invento da imprensa.

A consideração de que a imprensa é um dom de Deus teria posto termo á luta intima do genial descobridor. No entanto este dom de Deus, ao serviço do inferno, está deschristianizando o mundo e retornando a humanidade á barbaria do paganismo.

«Preferiria, disse o gentio Quintiliano, que fosseis incapazes de ler a que lesseis coisas contrarias á integridade dos costumes.»

Os athenienses dispunham do Areopago e os romanos do Forum, onde se divulgavam as novas. Hoje possuímos a imprensa — o quarto poder — que propala tudo, bom e máo. As folhas vão por toda parte, penetram nos lares mais humildes, nos sitios mais reconditos, levando impresso o pensamento humano.

Encerram profunda verdade as palavras de Heine: «uma gota de tinta, cahindo, como orvalho, sobre um pensamento, o fecunda, fazendo germinar o que depois irá fazer pensar a milhares e talvez milhões de homens.»

Cuidado, pois, com a imprensa corruptora, que offende a pureza da alma e deixa no espirito idéas falsas sobre a religião, a familia e a sociedade.

Peor ainda o romance, que, na taça de ouro de um enredo attrahente, propina o veneno do crime, descrevendo suicidios, attentados á vida alheia e mais o cortejo de luxuria dos crimes empolgantes e tragedias monstruosas, enche de idéas exaltadas a cabeça dos leitores e açula os máos instinctos dos desequilibrados e a fantasia dos psychopathas.

Não poucos delictos perpetrados devem sua origem á leitura de romances; outras vezes o mal fica incubado por bastante tempo, lá um dia explode.

Não é raro que os confessores ouçam almas timoratas, que se queixam de terriveis tentações oriundas de leituras frivolas.

Proudhon escreveu, em *Idées revolutionnaires*, que a leitura romanesca pôs em ruina a geração contemporanea.

Na historia antiga encontramos que o senado de Athenas fez queimar os livros de Pro-

tagoras, que punham em duvida a existencia de Deus. Os espartanos destruiam os escriptos obscenos. Em Roma, Cesar Augusto mandou lançar ao fogo dois mil volumes immoraes.

O novo codigo penal italiano estatue multa desde 100 a 5.000 liras contra os propaladores de noticias offensivas á moral.

Para acabar a nefasta repercussão dos escandalos conjugaes sobre o espirito publico, a lei inglêsa adoptou severissimos dispositivos contra os divulgadores de taes casos, punindo-os com quatro mêses de prisão e £ 500 (cerca de 25 contos) de multa.

A má leitura destróe os sãos principios, apresenta a virtude com aspecto demasiado severo e o vicio sob cores agradaveis; deixa o espirito preso ao mundo exterior, torna o jovem incapaz de qualquer trabalho serio e reflectido que exija attenção e cuidado.

O moço, que se conserva imbuido de idéas sãs, guardará a pureza de espirito e escapará á perdição dos costumes, mas o que deixou infiltrar-se de principios deleterios, jámais se libertará do contagio persuasivo do vicio.

Nem o fogo consome, nem o tempo póde apagar os quadros lubricos que as más leituras gravam na alma.

Não ha palavras sufficientemente energicas para a condemnação dos livros perversos, que arrancam do espirito as mais puras satisfações e roubam os affectos merecedores de todo apreço, cavando a ruina moral da sociedade.

O mesmo se applique ás estampas indecorosas, aos postaes obscenos, ás gravuras impudicas. O homem que preza a dignidade e a honra, jámais se deterá ante vitrinas ou cartazes, que exhibam formas indecorosas e suggestivas. Muito menos possuirá taes retratos em seu quarto ou entre papeis reservados.

Quem quizer conservar a pureza da alma e a saúde do corpo evitará a todo transe a quebra do correctismo moral.

Os máos livros constituem um toxico lento, mas terrivel, do espirito; ao começo é o gosto da leitura; depois a curiosidade, estimulando a imaginação; por ultimo, a malicia prende a attenção, horas a fio, em romances e novellas, que degradam a alma.

6. Os cinemas e os theatros

Socrates, Solon, Cicero e Seneca, sabios philosophos, consignaram em seus escriptos a condemnção dos espectaculos publicos.

O esplendor destes divertimentos marcou o inicio da decadencia da civilização romana.

Aos escriptores profanos ligaram-se os padres da Igreja, verberando os abusos dos theatros.

Tertuliano admirava-se de que se julgasse licito ver no theatro o que é peccado fazer.

Hoje o theatro classico, feito de arte e de talento, provoca bocejos; só merecem os favores das platéas as revistas e operetas, que, na illuminação feerica das ribaltas e gambiarras, entre a pilheria bandalha e os dizeres chulos, projectam contra a alma as sombras lubricas do peccado.

Que dizer então do cinema?

A impressão que exercem sobre o animo dos assistentes os quadros vivos das scenas mudas é forte e impulsora, depondo nos cerebros o germe das peores paixões.

No romance encontram-se aventuras escabrosas, mas narradas; no cinema patenteia-se tudo, no realismo das côres e na intensidade dos movimentos. O romance exige tempo e paciencia, para a leitura acurada de numerosas paginas; na tela desenrolam-se, em duas horas de momentos prazerosos, todo um livro de grande paginação.

O escopo deste trabalho não comporta o exame detido e minucioso dos efeitos deletérios do cinema, sob seus múltiplos aspectos.

Em primeiro lugar compete mencionar os títulos berrantes e sugestivos das pelliculas, que despertam a tentação terrível de assistí-las. Os enredos, sem logica e sem consciencia, mostram o desencadear de scenas, que, não raro, terminam em bachanaes da mais baixa lubricidade. Invertem os valores moraes e annullam as qualidades mais nobres do coração, confundindo numa craveira commum vicios e virtudes, crime e santidade, candura e perversão.

A propaganda destas fitas faz-se com o mais estapafurdio estardalhaço, visando unicamente o augmento dos lucros dos proprietarios e o afastamento dos concorrentes. Deste modo vêm-se annuncios espalhafatosos, de todos os feitios, nos jornaes, revistas e cartazes, aguçando a curiosidade doentia dos frequentadores de taes casas. Ora insinuam perguntas capciosas e cheias de reticencias, ora narram-se exitos retumbantes de prodigiosas superproduções... de montagens sumptuosas... de palpitantes realidades... e queijandas ridicularias.

Deste modo o cinema desorienta o espirito publico, desviando-o das verdadeiras noções de bem e mal, envolve a intelligencia numa atmosphaera de futilidade, que a torna incapaz da reflexão seria e da curiosidade scientifica ou litteraria.

Ainda existe outro perigo de perversão: a promiscuidade social, sem selecção de qualquer especie, que reina neste ambiente.

Recentemente um jornal de Chicago, *New World*, fez um inquerito sobre a moralidade dos filmes americanos. Do exame de 632 chegou a este resultado: 113 encerravam attentados ao pudor; 117 davam scenas de infidelidade conjugal;

38 faziam a apologia do divorcio; 172 exhibiam *toilettes* indecentes; 192 apresentavam scenas de flirte.

Nossos catholicos, escrupulosos paes de familia, seriam tomados de horror se soubessem que havia uma escola profissional de immoralidades; no entanto, elles mesmos levam seus filhos ao apprendizado do mal, quando os conduzem a certas sessões cinematographicas.

Não raro o cinema é o desgraçado premio de um comportamento melhor. Ao envés de conduzirem as creanças aos campos e jardins, de ar oxygenado e puro, trancam-nas em salas malsãs para o corpo e para a alma.

Ao lado da policia dos costumes e das disposições do codigo dos menores, deve estar a vigilancia dos chefes de familia, exigindo rigorosa fiscalização destas casas para garantia da preservação moral da infancia e da mocidade.

Infelizmente, porém, em nosso país, é assumpto para discussão judiciaria o saber se é permittida aos menores a assistencia a espectaculos que alhures seriam, pura e simplesmente, interdictados pela policia.

Visto que é impossivel corrigir a «mania» do cine, cumpre ao menos torná-lo moralizado e accessivel, sem perigos, á juventude ávida de recreações.

Ha pouco, o governo inglês, defendendo o patrimonio moral do povo, declarou guerra de morte aos filmes americanos, prohibindo a entrada na metropole e nas colonias de pelliculas que reproduzam quadros lubricos, scenas escandalosas e orgias degradantes.

Premente necessidade constituiu-se para os dias presentes a censura cinematographica, para cohibir os excessos e obstar os effeitos dissolventes sobre a moralidade social.

Genil Perrin proclama a incontestavel utilidade da prophylaxia mental das multidões, em re-

lação ao cinema, «porque este actúa sobre um meio particularmente receptivo, com um poder de suggestão muito vivo e em condições ambientes muito favoraveis á efficiencia de sua acção.»

O cinema tem ainda outro aspecto não menos perverso — a desnacionalização do nosso povo pela introdução de costumes outros que os dos nossos avós.

Sem cuidar que o nosso clima não é o dos Estados Unidos e que a raça latina, caldeada com aborígenes e africanos ao sol do equador, não possui o temperamento anglo-saxonico, importam-se hábitos livres, contrarios á nossa indole e á nossa educação.

A este respeito o Dr. Mario Vilhena, na sua obra *Da continencia e seu Factor eugenico*, referindo-se á America do Norte, diz: «Lá, um rapaz, que se apanhe a sós com uma donzella, vae lhe perguntar pelo tennis, aqui, pelo coração.»

A mocidade precisa de diversões e alegrias; não se devem recusar á primavera da vida recreações beneficicas, mas ha razões imperativas para que se evitem as perigosas.

A dança e o theatro, no pensar do methodista Sylvanus Stall, são tão inimigos da virtude e do character moral, como a agua é inimiga do fogo, o sal do ferro, o oleo da borracha, a vida da morte.

7. As relações perigosas

Ardil dos mais empregados pelo inimigo da alma é o contacto intimo de pessoas de diferentes sexos. Um dos meios que facilitam occasiões de quedas mais desastrosas e irremediaveis.

Amizades illicitas ou apenas perigosas, cultivadas a despeito das advertencias dos mais velhos e mais experimentados, são o vasto estendal de miserias e de crimes.

Quantas torrentes de lágrimas, quantos rios de lama, que afogam reputações honestas, quanto sangue vertido, por causa de facilidades imprudentes!... e se a tanto não se chega aos olhos da sociedade, quanta negrura em almas de rostos lípidos... quantas carícias e ternuras encobrem felonias e trahições...

Nesta luta, valente é o covarde, que foge de um encontro, donde só se afastará ou pelo heroísmo ou pela deshonra.

Aos homens recordo a palavra de S. Teresa de Jesus, honra do sexo fragil e doutora da Igreja, em uma carta ao seu provincial, o Padre Graciano: «Recebei, meu Padre, esta carta. Permitti que vos dê um aviso: E' que nunca vos fieis em mulheres... quando observardes vivacidade em seus desejos, pois a vontade de os levar a cabo, lhes fará imaginar em acções más, que ellas, aliás, julgam muito boas.»

Na mythologia, Omphalla adormentava Hercules; nos livros santos, Dalila, perdeu a Sansão.

Escutemos P. Bourget: «As relações de um homem e de uma mulher, quando esta é gentil e aquelle atrevido, nunca foram bem definidas; a vontade feminina fica sempre á mercê de uma surpresa, assim como a vontade masculina está sempre em risco de uma brutalidade.»

E o namoro?

«O namoro, diz o auctor do *Le combat de la pureté*, é um estado de equilibrio instavel, arriscado a um trambolhão de um ou de outro lado.»

Para escapar á pecha de anti-social, deixo de parte as palavras terriveis, mas sempre novas, porque são eternas, do Antigo Testamento. Igualmente as sentenças dos moralistas e ascetas.

Sei que, infelizmente, na sociedade, constitue o flirte o prato obrigatorio das reuniões familiares; sei que contra o namoro esbarram, in-

utilmente, os principios severos recebidos em educandarios religiosos, a vigilancia continua dos chefes de familia e os remorsos da consciencia.

Grande é a responsabilidade dos paes que incutem nos filhos, desde tenra idade, o conhecimento e o habito do namoro e a tendencia para os galanteios, fazendo que os brincos e as relações entre as creanças percam o cunho de simplicidade e innocencia; mais tarde se revoltam contra as conquistas aventureosas dos rapazes e os namoros inconvenientes das filhas...

Mario Vilhena escreve: «Entre nós apenas a creança balbucia as sagradas palavras «Pae, Mãe» já estão os paes a imbui-las com namorados e casamentos.» Triste e pernicioso gracejo!...

Impõe-se, porém, remar contra a corrente.

Contentar-me-ei sómente com mencionar a autoridade de P. Bourget, no livro *Physiologie de l'amour*, onde, em passagens diversas, classifica o namoro de diversão perigosa, amor sem amor, peccado das senhoras honestas, prazer de negacear com o perigo, amizade voluptuosa.

Do exposto entenderá o leitor que o moço, para ser casto, deve levar uma existencia de eremita, privado de todo convivio social.

Não. Ha muito, felizmente, em que empregar, com alegria, as horas livres. As reuniões familiares, a convivencia de pessoas illustradas e virtuosas, o cultivo da musica e de outras artes liberaes offerecem ao espirito um prazer sadio.

Ademais, os proprios meios, que ás mãos do demonio se tornam em ciladas preparadas contra a virtude, podem ser expurgados de muitos de seus inconvenientes, como veremos no decurso deste modesto trabalho.

Resta agora dizer algo sobre a delicada questão das relações entre jovens de sexo differente.

Constitue um dos mais difficeis problemas da sociedade moderna.

Certos educadores, contradizendo a ordem natural das cousas, entendem levantar barreiras, que separem a juventude masculina da feminina. Isto é impossivel e contraproducente. Impossivel, porque a vida moderna dá tanta liberdade aos adolescentes, que não ha recurso para impedir encontros e relações entre rapazes e donzellas; contraproducente, dada a necessidade de se conhecerem, mutuamente, aquellas pessoas, que se vão receber em matrimonio.

Cumpre, pois, dispôr este contacto, de modo que tudo se passe sem inconveniente algum.

Regulamentar o trato entre gente moça constitue tarefa sobremodo difficil, visto que depende de factores diversos, como sejam: o temperamento, os costumes locais e as tradições de familia. Deste modo apenas poderemos lançar algumas idéas geraes e deixar a applicação das mesmas ao criterio dos responsaveis pelo futuro dos filhos, educandos ou pupillos.

Os jovens, no contacto com o sexo fragil, ordinariamente, incidem em um dos extremos: ou se deixam levar por uma falsa timidez, que os leva a fugir das moças; ou os impulsos do coração os tornam audaciosos e inconvenientes. Uma e outra tendencia devem ser combatidas, porque offerecem serios perigos, embóra de ordem inteiramente opostas.

Uma criteriosa educação dos sentimentos, em vez de levantar barreiras falsas entre os sexos, procura formar as consciencias de tal modo que o mutuo respeito e a urbanidade afastem a familiaridade, que, facilmente, leva a intimidades perigosas.

Esta educação deve começar no seio da familia, desde a primeira infancia, ensinando a se considerarem reciprocamente irmãos e irmãs, primos e primas; e continuar através das escolas pri-

mariaes mixtas. Este habito deve ser contrahido antes mesmo que as creanças apprehendam a noção da diversidade de sexos.

O ideal consistiria em reuniões familiares, nas quaes os jovens de ambos os sexos se entretivessem com verdadeira alegria e franca expansão, sob as vistas dos paes. Infelizmente, porém, estas reuniões custam caro e nem sempre se acham familias que compartilhem as mesmas idéas e se rejam pelos mesmos principios.

Acima de tudo importa gravar bem fundo no animo da mocidade que as relações furtivas, a correspondencia clandestina e a camaradagem vulgar compromettem seriamente a honorabilidade de quem usa de semelhantes expedientes.

A simplicidade e a lealdade devem presidir as distracções tomadas em commum.

Os circulos de estudos e as obras sociaes são chamados a representar importante papel neste particular, dado que tudo se passe sob a vigilancia attenta de uma direcção esclarecida.

Acabámos de considerar as occasiões mais ariscadas, que cercam os moços; procuraremos agora uma directriz segura para os affectos do coração.



III

A guarda dos sentimentos

«Aquelle que julga estar de pé tome sentido, para que não caia.»

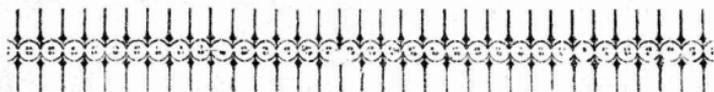
(I Imit. I, 12)

«Vigilancia, porém, mórmente no principio da tentação, que mais facil nos é vencer o inimigo, fechando-lhe todas as entradas da alma e fazendo-lhe frente, logo que bate no limiar.»

(I Cor. X, 12)

*O amor encanto é puro, mortal. Sê descrente
Tambem tonta creança vae ás margens da corrente
Remirar-se e cáe, deixando a vida.»*

VICTOR HUGO.



A guarda dos sentimentos

NO PORTICO

A physiologia affirma e aceita como provado que o coração não é a séde do amor, e, sim, o cerebro.

Deixemos o aspecto scientifico desta questão e abracemos o sentir commum dos mortaes que tomam o coração como symbolo e séde das mais sublimes affeições humanas.

Admittamos o coração como centro de convergencia de onde se irradiam affectos diversos: amizade, amores e amor...

A AMIZADE

«A mais nobre e a mais solida de todas as sociedades, diz Cicero, é a que une em tranquilla familiaridade os homens de bem, cujos costumes se assemelham.

A historia antiga regista o bello exemplo de Damão e Pythias, amigos intimos. Sendo um delles condemnado á morte, pediu ao tyránno Dionysio, de Syracusa, por ultimo favor, que lhe fosse permittido ir á casa dispôr alguns negocios. Como refem offereceu-se o outro, respondendo com a vida, se o amigo faltasse ao seu compromisso.

Approximando-se a hora da execução e tardando a chegar o condemnado, Pythias não cessava de affirmar que o amigo viria cumprir sua

sentença, resgatando a palavra empenhada. De facto, Damão veio. E, á vista de tamanha lealdade, o tyranno indultou o réo.

Cosme I, de Florença, por suspeitas politicas, encarcerou, no palacio Bargello, a seu amigo Filippe Strozzi, que lá deixou esta sentença: «Dos amigos guarde-me Deus, que dos inimigos me guardo eu». Observa Lacordaire que é preciso ser puro para amar; os que se deixam dominar pelos sentidos tornam-se como incapazes de sentir e até de comprehender a amizade.

A escolha dos amigos offerece ensejo a algumas considerações importantes: primeiro, ver as qualidades moraes, antes que os dotes physicos ou intellectuaes daquelle a quem offerecemos o nosso affecto; segundo, que a amizade se funde nalgum motivo razoavel e digno, tenha uma finalidade seria e honesta e não provenha apenas da sympathia pessoal.

Entre o amor e a amizade, affirmam os psychologos, vae distancia infinita; pelo que alguns dizem que esta é a morte daquelle.

P. Vermeersch dá-nos, em quadro comparativo, os criterios pelos quaes podemos discernir o amor da amizade.

AMOR

O amor exige a posse absolutamente exclusiva da pessoa amada.

O amor nasce, de preferencia, da sympathia physica.

O amor nasce subitamente: um olhar, um encontro

AMIZADE

A amizade admite a participacão de outros, embora restricta a um numero limitado.

A sympathia physica não basta á amizade, nem lhe é indispensavel nem sufficiente, nem sequer absolutamente exigida.

A amizade vem aos poucos, á medida que se vão

fortuito determina o «cahir do raio», embora a «incubação» haja precedido a declaração de amor.

O amor dá-se entre caracteres oppostos, um domina, outro obedece, um forte, outro fraco.

O amor é irrequieto. Exige declarações repetidas, mais tarde basta-lhe a linguagem muda. E' ciumento: occasiona rixas, alternadas com successivas conciliações, que lhe reacendem a chamma. As brigas dão-se sómente pelo prazer das reconciliações.

O amor revela-se por cartas e bilhetinhos.

O amor extingue-se pela ausencia: tirada a causa physica, cessa o seu effeito.

O amor desperta algum escrupulo na consciencia.

O amor leva a escrever por toda parte o nome da pessoa amada.

O amor vive ansioso por ver, a braçare apertar a mão. O tacto tem papel saliente.

O amor apresenta um aspecto mysterioso, envida meios de occultar seus sentimentos e alimentá-los em segredo.

O amor facilmente provoca pensamentos e movimentos máos.

patenteando as qualidades moraes.

A amizade, de preferencia, existe entre pessoas do mesmo caracter e da mesma idade.

A amizade é serena, desinteressada e tranquilla.

A amizade está menos sujeita a estes incidentes. E' tão pouco ciosa que os amigos até servem de confidentes.

A amizade nunca ou raramente.

A amizade não.

AMORES E AMOR

Ha um amor puro, dignificante, que participa das bençams de Deus aos primeiros paes, no Eden. Ha amores, relações peccaminosas, que usurpam, criminosamente, o nome deste sublime attributo do coração humano.

Estas affeições, firmadas nos laços degradantes, que unem dois seres na abjecção da cobardia e da infamia, desmerecem o doce nome de amor; não passam de grosseiro sensualismo.

Os delictos passionaes, chamados, impropriamente, crimes de amor, explicam o profundo sentir de Pascal de que a concupiscencia é fundamentalmente um odio.

Sylvio Pellico, em *Deveres do homem*, aconselha aos jovens: «Quando virdes estas mulheres em quem ha muita vaidade e outros defeitos, não lhes acolhaes as esperanças; sêde-lhes severos nos julgamentos, não para lhes exaggerar os erros, mas para lhes fugir a tempo, se presentis que cahis numa armadilha indigna de vós.»

Um escriptor moderno, universalmente conhecido, P. Loti, relatando aventuras vergonhosas, escreve: «Destas creaturas não conservei senão a lembrança, sem encantos, que deixa o amor ardente dos sentidos. Nada me prendeu a ellas e depressa se me varreram da memoria.»

C. Wagner, no livro *Valor*, enuncia este bello conceito: «Diz-se: *amor venal*, como se estes dois termos não se repellissem violentamente. Basta que elle (o amor) se compre ou se venda para que deixe de existir.»

São amores sem amor: «alguma coisa como vinho azedo ou brasa extincta.»

A primavera é o sorriso da natureza; nesta quadra privilegiada as hervas tapizam os campos, as flores embalsamam o ar, os passaros chilreiam no espaço.

E' o despertar da vida.

A mocidade é a primavera da existencia; nesta idade brilhante o ser physico desenvolve as energias e expande-se em ansias de viver e lutar; o espirito eleva-se ao de cima de si proprio e recolhe impressões mais vivas e mais fortes que nunca.

As paixões então manifestam a vehemencia toda dos seus impetos, no acordar dos sentidos.

Na estação das flores desponta na alma o mais bello sentimento humano — o amor.

Este affecto puro, nobre, verdadeiro e bem intencionado deve ser o primeiro, o maior e o unico da vida.

E' alegria; é salvaguarda.

Deus o abençôa, nos livros santos, com estas palavras: «Cifra tua alegria na mulher de tua juventude. Que os seus encantos te encantem por todos os teus dias.»

ESPONSAES

«O casamento, diz S. Francisco de Salles, aliás com a graciosa simplicidade que caracteriza os seus escriptos, é uma ordem em que se faz a profissão antes do noviciado, e, caso houvesse um anno de provação, como para a profissão nos mosteiros, poucos seriam os professos.»

E' questão magna a escolha da companheira de vida.

Um philosopho allemão definiu a mulher «um animal de cabellos compridos e idéas curtas». Hoje não sei o que diria o pessimista Schopenhauer, mas, pela certa, não subscreveria o contrario desta sentença, embora as damas modernas hajam deposto as tranças.

Não resisto ao desejo de citar uma passagem de Hoornaert, dirigida ás «melindrosas»:

«O juizo dellas é ainda mais curto que a saia de que usam! E ha nellas tão poucas idéas como o pouco estofô que lhes cáe dos hombros.

Os seus sentimentos são um tecido tão pouco solido e resistente qual o de suas meias, como teias de aranha.

Estas pequenas são grandes apenas pela altura dos seus tacões, e valiosas só pela quantidade de seus adereços.

O seu cerebro não é um sino capaz de dar o bello som grave da reflexão, é uma campainha em que só tintila o badalar da vaidade e do prazer.»

Dirão que isto é carrancismo jesuitico; pois bem, apresento a opinião insuspeita do senador francês Berenger, que considera a moda actual «verdadeiro ultraje publico ao pudor».

Nos livros sagrados encontram-se, claramente assignalados, os traços característicos da «mulher forte.»

E' de desejar que o jovem, inspirado nos conselhos da verdadeira prudencia, procure da Escriptura Sagrada os requisitos que devem compôr o todo moral da eleita de seu coração. Lá se acham os mais perfectos typos de mulher — alegrias de Israel e honra do povo de Deus — Debora, corajosa; Esther, confiante; Anna, piedosa; Martha, servical e prestativa.

A mythologia representava a divindade do amor sob a forma de um menino, olhos vendados, facho ás mãos, na extranha companhia dos risos, jogos, prazeres e até da loucura.

Não ha duvida que não é fóra de proposito todo este acompanhamento symbolico.

Ao corrente dos factos humanos estava o romancista ao perguntar: «Amor, nunca te reconciliarás com a razão?»

A fantasia deve ser proscripta, quando se trata de resolver tamanho problema; o amor deve ser aconselhado pela intelligencia e sujeito ao raciocinio.

Primeiro que tudo as disparidades precisam ser banidas. Quando num casal ha differenças de religião, de caracter, de posição social, de cultura intellectual, o resultado é sempre a infelicidade de uma illusão desfeita.

A desharmonia religiosa é a peor; gera filhos indifferentes; a desigualdade da alma é a mais triste, pois, até nas esperanças eternas, afasta os corações.

Procurar dotações pingues, em logar da conquista de um coração bem formado, é occasião das mais tristes desgraças em familia; determina, pelo menos, uma situação de humilhante constrangimento para a parte menos favorecida dos bens de fortuna. O dinheiro pôde auxiliar o talento, proporcionar relativo conforto e evitar uma existencia por demais rude, mas riquezas facilmente adquiridas depressa se consomem, em desperdícios, que abastardam o caracter.

A disparidade de annos, quando muito pronunciada, occasiona indifferenças e até a infidelidade entre os conjuges.

A esposa não deve apenas compartilhar a posição social do marido, mas precisa tambem de ter com o mesmo intima communhão de idéas e enthusiasmos; do contrario a convivencia tornar-se-á enfadonha e monotona.

Muitos desgostos e decepções aguardam o que desposa uma creatura palradora, intrigante, desdenhosa do lar, habituada aos passeios e visitas, sobretudo se extravagante e falha de principios religiosos e moraes.

Emfim, quem desejar acertar na escolha, procure uma «dona de casa», que conheça o bem e o direito e tenha aptidões de os pôr em pratica: activa e habilidosa, para os misteres e obrigações do lar.

Ventoinhas da sociedade, que só entendem de bailes e vestidos, não servem para esposas,

falta-lhes coragem e fortaleza para as contrariedades e embates diarios.

Mocinhas que olham o matrimonio como o *dolce far niente*, uma posição de destaque social, que lhes facilite a satisfação dos caprichos da vontade e das extravagancias da moda, sem consideração aos graves deveres deste estado e ás responsabilidades domesticas, não convêm para companheiras dos que devem ganhar a vida com um trabalho honesto e perseverante.

Outro obstaculo ás uniões felizes encontra-se no amor da independencia temeraria, gosto das aventuras e tendencia para o materialismo, que George Leconte, da Academia Francêsa, regista como graves defeitos da mulher contemporanea.

Gustavo Le Bon, interpellado sobre as qualidades e as falhas das jovens de hoje, respondeu: «Não possuo conhecimentos particulares sobre esse assumpto, porém, a julgar de momento, parece-me que as meninas modernas têm creado necessidades de independencia que difficultam o seu accesso ao matrimonio.»

O candidato ao casamento, que não queira ver, para sempre, compromettida a felicidade do lar, medite muito antes de fazer uma escolha definitiva.

FIDELIDADE

Determinada a eleita e sagrada a rainha do coração, deve o jovem proceder com dignidade e honra viril.

A fé jurada nos esponsaes deve constituir para o moço fonte de brio e generosidade, nos embates e refregas da castidade prematrimonial, para que não leve para o thalamo nupcial os sentidos embotados e as energias gastas.

A este proposito dois exemplos valerão mais que largas dissertações e profundos arrazoados.

Victor Hugo, nas proximidades de seu casamento, escrevia á sua noiva: «E' o desejo de me tornar digno de ti, que me torna severo para com meus defeitos.

Tudo te devo, e apraz-me repeti-lo.

Se eu mesmo me tenho preservado, constantemente, dos defeitos tão generalizados entre os meus contemporaneos e que o mundo tão facilmente desculpa, não é por me terem faltado as occasiões, mas é porque a tua recordação me tem protegido constantemente.

Graças a ti, tenho conservado intactos os unicos bens que hoje te posso offerecer: um corpo puro e um coração virgem.»

Mozart, aos vinte annos de idade, escrevia a seu pae, a 15 de Dezembro de 1781: «A natureza actua em mim tão fortemente como em qualquer outro e, quiçá, mais fortemente do que em algum vilão bronco e grosseiro. No entanto, é-me impossivel regular a minha conducta pela de muitos jovens de minha idade. Por um lado tenho o espirito muito sinceramente religioso, e além disso prezo tanto a minha honra e tenho tanto amor ao meu proximo que me preservam de enganar a qualquer *creatura innocente*. E por outro lado, a minha saúde me é tão cara que não vou arriscá-la em algum trato mal aventurado. E assim é que posso deante de Deus jurar que minha consciencia não me accusa de qualquer falta a esse respeito.»

E um escriptor profano ou antes acatholico, C. Wagner, escreveu estas palavras: «Não é generoso acceitar e explorar o amor de uma rapariga honesta e brincar com os sentimentos, quando não se lhe vota amor ou se está disposto a partilhar a vida.»

Concordo. Em logar de «não é generoso» teria escripto: é indigno.

Justamente celebre tornou-se a pagina de Michelet, em que a imagem, nimbada de luz e de

pareza, de uma donzella, afugenta do coração de humilde operario as seducções dos prazeres do mundo.

Luís da Thuringia, quando noivo da candida santa do milagre das rosas, disse que, se a lei de Deus consentisse desfructar dos facéis prazeres da juventude, elle não se permittiria tal coisa, por lho vedar a fidelidade jurada á Izabel de Hungria.

—

Ao celibato christão oppõe-se outro, o falso: o do deboche e do egoismo, que implanta a deshõra nas familias e nas almas: são os solteirões, repulsados das sociedades honestas, que pretendem gozar da vida sem as responsabilidades do estado matrimonial e da paternidade legitima.

H. Bolo, em *Casamentos Abençoados*, escreve: «O solteirão foge ao dever e escolhe o prazer. Entre o divino, que ennobrece, mas pesa, e o immundo que desagrada, mas dá os prazeres brutos, elle toma o immundo. Nada pède á vida senão satisfações. Não ama a familia, porque não ama a Deus; não ama a religião, porque não ama a virtude; não conhece a abnegação, porque não ama os aborrecimentos, não tem sequer as raizes da honra, porque não póde seguir sua inclinação sem trahir alguém ou alguma coisa; é toleravel apenas em virtude do decoro com que cobre as miserias de sua alma; só tem o merito da sua hypocrisia.»

E o divorcio?... E' a mascara hypocrita de todos os egoismos do homem: do ciúme e da volubilidade do coração...

A PORTA ESTREITA

Christo impôs ao mundo sua realeza sobre as intelligencias, exigiu a fé e os seculos lha deram; foi mais adeante, reivindicou a conquista das vontades, pediu a soberania dos corações,

e os povos se submeteram ao seu doce imperio; sobre as carnes palpitantes do peito humano o Filho de Deus firmou seu dominio absoluto.

Napoleão, nos dias amargurados de S. Helena, considerava o maior milagre de Jesus, o reinado da caridade, que Elle implantara, na terra.

A seducção admiravel, que o Homem-Deus exerce sobre os corações, apresenta duas modalidades sublimes: o martyrio, sacrificio violento e cruel na arena sangrenta dos circos; a vida religiosa, immolação placida e incruenta, na reclusão voluntaria dos claustros.

O amor é uma inclinação suave e forte da vontade, para algum bem, que enche o coração, satisfaz seus anhelos de felicidade e cuja posse confere alegria e paz.

Deus é o unico objecto digno de nosso amor, porque contenta e plenifica as mais elevadas aspirações humanas.

Jesus é o melhor amigo, égide protectora, que nos guardará, noite e dia, contra todos os perigos.

O coração do homem, batido pelas salsas ondas do infortunio, precisa de um asylo onde se abrigue confiante e tranquillo.

A alma necessita de um adminiculo forte, para resistir aos embates e difficuldades da vida.

A natureza, fraca e abatida, almeja algo de doçura e de bondade, que lhe suavize o jornadaear pelas plagas deste mundo; e a «Imitação» diz: «estar com Jesus é doce paraíso e estar sem Jesus é terrivel inferno»; — quem encontra Jesus, achou um thezouro de grande valor;—quem perde a Jesus, perde mais que o mundo inteiro.»

Sim. Elle, com suas riquezas infinitas, pôde encher o vasio de nossa indigencia; com seus attributos divinos é capaz de apagar a sêde de felicidade de um coração creado para um gozo eterno.

A amizade de Jesus é leal. Os amigos do seculo vão-se á aproximação da noite da dôr; Elle é sempre o mesmo, na paz e na guerra, no soffrimento e na alegria.

A cruz é a arvore da vida; o confessorio, o throno do perdão; o sacrario, o pão do amor.

A liberalidade suprema tudo concede: amparo e conforto, nas horas de amargura; luz e calor, nas trevas e no frio das tentações; gloria e triumpho, no céu, pela eternidade, em premio de nossos esforços.

Jesus veio á terra atear o fogo do divino amor, no qual deseja ver tudo abrasado; na fornalha ardente da caridade suprema devem consumir-se nossas fraquezas e nossas imperfeições.

Christo convidou todos os homens para a vida eterna, a todos abriu o caminho da bem-aventurança. Indicou, porém, duas estradas: uma larga e ampla, a dos mandamentos; outra estreita e angusta, a dos conselhos evangelicos.

Aquella mostra-se franqueada a todos os filhos de Deus, no meio dos passatempos da existencia; esta é segregada do mundo.

O matrimonio é uma mitigação da lei divina, em attenção á fraqueza humana e á necessidade da propagação da especie. O Novo Testamento declara que nem a todos é concedido resistir na continencia, permanecer na castidade, mas «só áquelles a quem é dado.»

A castidade é triumpho da graça sobre as fraquezas da natureza; é a palma da victoria do espirito sobre a materia.

«A vida religiosa é atalho do céu. E' ericada de espinhos, é cortada a pique pela encosta do Calvario; mas é o mais curto caminho por onde se vae á gloria.»

E' pobreza voluntaria, obediencia inteira, castidade perpetua.

E' triplice renuncia: dos bens da fortuna, dos caprichos da vontade, dos gozos da carne,

E' chamado de Deus a algumas almas generosas.

E a recompensa de tanto sacrificio, o estipendio de tamanha renuncia?

No dia da tomada de contas: sentar em thronos, para julgar as tribus de Israel.

Na gloria pelos seculos sem fim: seguir o Cordeiro para toda parte, entoando «um cantico novo», que aos demais eleitos é vedado acompanhar.

— No capitulo seguinte estabelecemos um parallelo entre a sublimidade da virtude e a abjecção do vicio.



IV

Esplendor e decadencia

«A justiça engrandece as gentes; o peccado torna os povos miseraveis.»

(Prov. XIV, 34)

«Ora, qual jumô se desfazem os opulentos do seculo, nem lembrança resta dos passados prazeres, que nem em vida fruem socegados, senão com travo de tédio e temor. Porquanto do proprio objecto de seus deleites, não raro lhes vem a dôr e o castigo. E assim, com justiça, encontram amargura e confusão nos gozos que querem e perseguem desorientadamente.»

(II Imit. XII)

«Sem virtude, o homem é o mais impio e feroz de todos os sêres: não sabe, para vergonha sua, senão amar e comer.»

ARISTOTELES.



Esplendor e decadencia

RUINAS...

O propheta das lamentações, em threnos de dôr, chora a grandeza passada de Jerusalém, carpe as vias desertas, o templo solitario, as praças silenciosas, as viúvas desoladas, as virgens macilentas... a senhora das gentes tornada o ludibrio dos povos.

Symbolo das almas decahidas...

A PEROLA DAS VIRTUDES

As sagradas letras são prodigas de elogios á pureza. É com razão, porque é a mais extraterrena das virtudes.

O livro da Sabedoria diz: «O' quam formosa é a geração casta com claridade! Immortal é sua memoria, porquanto ella é assim honrada deante de Deus e dos homens.»

E' a luz da alma, a estrella mais luminosa a indicar o porto da eternidade.

Jesus demonstrou especial predilecção pelas creanças e pelos jovens, almas candidas, vestidas de innocencia e de simplicidade.

S. Cypriano affirma qua a castidade embelleza o corpo, purifica os costumes, engrandece as gerações.

Não se podem contar os testemunhos de apreço que a Igreja tributa a esta virtude.

A propria impiedade a exalta.

Rousseau profere estas palavras: «O jovem que conservou até os vinte annos a innocencia é o mais amante e o mais amado dos homens.» E Balzac: «O semblante dum homem casto tem um não sei que de radiante e de sublime.»

VENCIDO

Altivez no olhar, garbo no porte, elegancia na farda, liberdade dos punhos, para o manejo das armas — tal o soldado entre seus camaradas; olhar abatido, visão humilhada, uniforme amarrotado, algemas nos pulsos — eis o prisioneiro, no campo inimigo.

O primeiro é o vencedor das paixões; o segundo, o escravo dellas.

Na guerra moderna pôde cahir uma fortaleza, apesar de toda vigilancia e heroicidade de seus defensores, mas nos combates do espirito, não; no reducto da alma, na cidadella do coração, ha um baluarte inexpugnavel — o consenso livre da vontade.

A vehemencia da paixão, a impetuosidade do assalto e a subtiliza dos movimentos da concupiscencia podem, de algum modo, attenuar a responsabilidade da culpa; mas, no fundo, haverá sempre maior ou menor condescendencia da vontade.

A degradação é companheira inseparavel da luxuria, minando o physico e atrophando o moral do individuo.

A medicina attribue a este peccado, em grande parte, muitas das mais graves perturbações nervosas, dyspepsia, hypocondria, irascibilidade e ainda o cansaço da existencia, o aborrecimento da sociedade, a agitação continua e as interrupções durante o somno.

Certo que estes estados morbidos nem sempre provirão da libertinagem, que, no entanto, os pôde produzir, porque exerce uma influencia profunda sobre os centros nervosos.

«Com a impureza, diz Sertillanges, aida associada a inaptidão para o trabalho e a impotencia senil, tratando-se embora de jovens.»

Este vicio hediondo gera o egoismo, embota as melhores qualidades do espirito e da educação. Faz, de um filho obediente, de um irmão affectuoso, de um noivo fiel, de um esposo amante, um desalmado, grosseiro e indifferente.

Rousseau, no livro IV do Emilio, constata a observação de que os jovens corruptos se tornam cedo deshumanos e crueis; o temperamento fogoso deixa-os impacientes, vingativos e colericos, a imaginação, presa de um só objecto, nega-se a tudo o mais: não conhecem piedade nem misericordia, e sacrificariam, de bom grado, os proprios paes e o mundo inteiro ao menor dos seus prazeres.

AVIDEZ E TEDIO

Salomão, que sorveu, até o fim, o calice do prazer, teve estas palavras, reveladoras do tédio profundo, que lhe ia na alma: «Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.»

E' o lamentar continuo do insaciavel coração humano.

Daqui a voz de S. Agostinho: «Senhor, fizestes nosso coração para Vós, por isso elle estará sempre inquieto, emquanto não repousar em Vós.»

O desgarrado da virtude pede aos gozos que lhe plenifiquem os sentidos, assim se entrega de todo ás paixões, mas não consegue calar os anhelos de felicidade.

O Dr. Sonderegger adverte que as necessidades augmentam tanto mais quanto se satisfazem.

Cada vez que cede ao prazer prohibido, o homem cava mais fundo o abysmo insondavel dos desejos.

A repetição do acto torna mais fugaz o lampejo do gozo, pelo que a rêde do prazer se torna mais intensa; depois sobrevem um tédio profundo e acabrunhador — depressão physica e moral — remorso da culpa e vergonha de si mesmo.

Aqui merecem citação as palavras do grande apóstolo da juventude, Lacordaire: «A castidade é uma virtude necessaria á vida do genero humano. Sem ella, seccam e estancam as fontes da vida; a belleza do rosto se esvae, a bondade se afasta do coração; as familias caminham para a morte e se extinguem; as nações, pouco e pouco perdem seus elementos de progresso e de expansão; o respeito á hierarchia desaparece; em poucas palavras, todos os males entram por esta porta, e por ella passa toda a ruina e escravidão: porque é a porta mestra.»

Testemunho inconcusso disto é a historia da civilização. Os antigos persas, os lacedemonios e os romanos deveram a immortalidade de seus nomes aos habitos morigerados; quando abandonaram as usaças de honestidade e se tornaram dissolutos de costumes, enfraqueceram e cahiram na servidão.

Igualmente os individuos. Cyro, Socrates e Napoleão conquistaram fama universal, tanto pela influencia que exerceram sobre seus contemporaneos, como pela sobriedade de vida. Alexandre Magno, dotado de invejavel compleição physica, victimou-o, na flor dos annos, a intemperança.

J. Finot attesta que muitos homens dotados de grande talento inutilizam-no desastrosamente, por não refrearem os instinctos da sensualidade e, assim, morrem victimas de suas paixões sinistras, antes de realizarem a decima parte do que poderiam produzir em condições harmoniosas de vida.

E' a voz da historia, confirmando a sentença do livro sagrado: — a concupiscencia gera o pec-

cado e o peccado, uma vez consummado, gera a morte.

Se os moços empregam esforços, que, não raro, ultrapassam os limites da prudencia, para vencer um campeonato, conquistar uma taça, adquirir um diploma, sem calcular, muita vez, as consequencias destes excessos; maior cuidado deve merecer da juventude a conservação da honra de sua vida e a dignidade dos seus costumes.

Em nossos tempos vae pelo mundo uma febre de cultura physica e uma ansia de preparo intellectual com esquecimento do bello conceito de Horacio Mann de que a educação consiste «no desenvolvimento dos sentimentos moraes e religiosos que, com o auxilio da Providencia, nos levam a submeter nossas inclinações e nossos desejos ao poder supremo da vontade.»

PRETENSAS JUSTIFICATIVAS

Os desclassificados da ordem moral, os derrotistas, os escravos do peccado procuram desculpar a sua infamia e occultar a propria abjecção.

— Os castos são poucos; logo, irei com o maior numero.

— E' julgar sem conhecimento de causa, porque só Deus póde ler os segredos das almas, perscrutar os rins e os corações.

Ademais, a infamia alheia não diminue a propria — seguir a moral do prazer, postergando a lei divina e a consciencia humana; é a estulticia da carneirada de Panurgio.

Recusar-se aos sacrificios do dever, só porque os generosos são poucos, é a norma dos covardes, das almas pequeninas, que se não exalçam acima da mediocridade.

Abraçar uma causa justa, quando todos a abandonam, assignala animo talhado para empresas elevadas.

O homem é um animal social: é velho conceito. Bom ou máo, robusto ou debil, existe para si e para os seus semelhantes. Indeclinavel dever lhe assiste de envidar esforços para o aperfeiçoamento da collectividade.

— E' natural; é preciso...

— O preceito da necessidade, convertido em triste aphorismo, encobre a covardia e o egoismo do sexo forte.

Esta palavra «é preciso» occulta um cynismo despudorado e revoltante.

A natureza é uma só, portanto não póde haver dois codigos de moral. E tanto é verdade, que o mundo e a sociedade exigem da donzella e da senhora casada um nome sem mancha.

Então a pureza dos costumes e a dignidade do viver constituem apenas o apanagio da mulher, creatura fraca e sensivel; o homem, ser forte e voluntarioso, será incapaz de se guardar da luxuria?

Em these, ninguem sustentará tão aviltante theoria.

A affirmativa nefanda da necessidade conspira a lei do affecto, degrada o individuo, que já não respeita differenças de côr, idade, raça, nem se detém ante os principios elementares da hygiene. Prova-o a experiencia.

«Não te entregues á volupia, diz Pithagoras, senão quando consentires em ser inferior a ti mesmo.»

— O mundo zomba destes preconceitos religiosos, destas velharias...

— Sim, é verdade. Não obstante, o mundo vive a condemnar as quedas vergonhosas; os escandalos da sociedade andam de bocca em bocca. Enquanto as almas piedosas desculpam e atenuam as fraquezas do proximo, as rodas mundanas atassalham a reputação alheia, sem in-

dulgencia alguma. E o mesmo culpado, dentro em si mesmo, reconhece a propria infamia e se envergonha do seu proceder.

O mundo zomba das advertencias da consciencia e dos preceitos da religião, mas os que se deixam seduzir por tão falsas maximas arruinam a saúde, degradam o character, perdem o bom nome, tornam-se, sem ideaes, cynicos e incredulos.

— São extravagancias da mocidade...

— E' justo o termo. São extravagancias, que malbaratam energias, que mais tarde farão falta.

Os annos da juventude é que decidirão da sorte da existencia inteira...

A ninguém assiste o direito de desperdiçar as forças vitaes, que a natureza lhe concedeu. São dons cujos depositarios somos e pelo emprego dos quaes seremos chamados a estrictas contas, não só á face do supremo dominador, mas perante a familia e a sociedade, se nos tornarmos inúteis, ou, o que é peor, um peso morto.

Se o sangue reflue ao peito do adolescente, no estuar das paixões, são energias superabundantes, que devem ser poupadas. Estas reservas de forças garantirão enfrentar, sem fraquezas, até o fim da vida, as lutas asperas da existencia.

— Sou livre; não dou contas de meus actos a ninguém.

— Duplo engano.

A propria natureza está sujeita a leis e bem sabemos que de prejuizos e desastres trazem as perturbações dos elementos. Maior deve ser o transtorno causado pela violação da lei moral, gravada na consciencia.

Deus tudo vê e julgará, até os pensamentos e affectos.

A verdadeira liberdade é daquelle que se domina a si mesmo e ás paixões. Quem não sabe ou não dispõe de coragem, para jugular as tendencias inferiores da natureza, é vil escravo.

Ser livre é abandonar, num esforço generoso e firme, a senda tortuosa da plebe ignara, os passos dubios da massa bronca, para trilhar o caminho indicado pela religião e determinado pela sciencia.

«O homem moral, diz Schiller, é o unico verdadeiramente livre.»

Plutarco, referindo um rasgo de grandeza moral de Alexandre Magno, que se recusara a certa entrevista, accrescentou: «E' mais nobre e real vencer-se do que vencer o inimigo.»

—

— Quero ser feliz...

— Que felicidade haverá no gozo fugaz, seguido da amargura do remorso e da eternidade dos tormentos?

Doçura nos labios, travo nas entranhas.

O homem foi creado para a felicidade. Arancá-lo do nada, evocá-lo á vida e depois cumulá-lo de infortunios não foi o plano da criação. Mas se cada um tem direito a uma parcella das alegrias da terra, este direito é circumscripto e limitado por leis eternas, ás quaes ninguem se póde esquivar.

Na ordem politica e social os mais sagrados direitos são delimitados por certos deveres, a fim de que não se perturbe a tranquillidade publica.

Quem quer passar indifferente á lei divina é filho ingrado de uma bondade sempiterna.

«Que me importa...» Palavras sacrilegas daquelle que despreza o Deus, que morreu pelo seu resgate.

—

— Gozarei da vida, mais tarde...

— Triste philosophar este, que nos expõe ás mais funestas consequencias, tanto na ordem physica como na ordem moral.

Além disto quem nos assegurará a conversão mais tarde, se agora recusamos os convites da graça? Demais, não será bom filho aquelle que espera entrar em annos para obedecer ás ordens de seus paes.

Ironia da sorte? Não. Castigo da Providencia.

A legião dos gozadores da vida é a que fornece aos hospitaes maior contingente de de-pauperados, loucos, tuberculosos e avariados.

Justa punição da imprudencia. A falta de coragem para debellar os sentidos, seguindo a voz da consciencia e os dictames da razão, perde a alma e arruína o corpo: assim a natureza se vingá, terrivelmente, dos que desrespeitam seus direitos e violam suas leis.

Se a vida é uma só e o tempo breve, cum-pre passá-los dignamente. O melhor meio de al-guem nobilitar seu transitó sobre a terra é lan-çar, nos primeiros annos, os alicerces de uma idade madura perfeita e plena de serviços á so-ciedade.

— A refutação dos sophismas da juventude conduz, logicamente, o homem a considerar o valor moral da propria personalidade. Entremos no assumpto.



Elementos de victoria

«Em quanto temos tempo façamos o bem»

(Gal., VI, 1.º)

*«Uma vez, porém, que cobraste alento após a tormenta, reanima-te á luz das mi-
nhas misericórdias; porquanto proximo es-
tou, diz o Senhor, para restaurar, universal-
mente, tudo não só com integridade, mas
tambem com abundancia e profusão.»*

(III Imit. XXX)

*«O que não faz nada está proximo de
fazer o mal.»*

FRANKLIN.



Elementos de victoria

O CONCEITO DE HOMEM

Era nos tempos medievos.

A Europa christã, estarrecida ante a avançaça dos filhos de Ismael pelos logares santos, achava-se congregada, na pessoa de seus principes e de seus bispos, em Clermont-Ferrand, quando, do meio daquella assembléa, surge o vulto de Pedro Eremita e brada: «Soldados do demônio, sêde soldados de Christo.»

O remorso acordou as consciencias adormidas e daquelles peitos estrugiu o brado, cujos echos a historia repercute: «Deus o quer! Deus o quer!»

Este grito de fé reuniu os soldados da primeira cruzada, no undecimo seculo da nossa era.

Deus o quer! Seja este o grito da juventude catholica, da mocidade sadia — heroes em flor — esperanças da patria, enlevos das familias.

A suprema aspiração do combatente deve ser a corôa da victoria contra as hostes inimigas.

A luta espiritual tambem deve nortear-se pela esperança das glórias do triumpho.

O homem creado justo e bom, em consequencia da prevaricação original, perdeu a graça divina e teve sua natureza fortemente lesada pela concupiscencia.

O baptismo santifica, intrinsicamente, a creatura humana, remanescendo, porém, as paixões desorientadas, que motivam duras lides e occasiões de reincidencia na culpa.

A liberdade individual garante ao christão a victoria contra si mesmo, na luta contra os instinctos inferiores, se cooperar com a graça.

A vontade humana é livre, nem Deus pôde privá-la do direito de eleição entre o bem e o mal; eis o seu titulo de nobreza.

A intelligenciã e a vontade collocam o homem acima de todos os seres creados; importa, porém, que aquelle, por seus actos, traduza sua superioridade moral sobre estes.

O homem, fraco de character, assemelha-se ao mar, sempre batido e agitado pelas vagas das paixões. O homem forte sabe reprimir os impulsos da colera e dominar os desfallecimentos do coração; permanece o mesmo entre as vicissitudes da vida e as impressões do momento.

Uma consciencia esclarecida deprehende logo que não pôde tomar como guia de seus actos os movimentos impulsivos da natureza, que acordam, bruscamente, em face de uma representação impudica ou de qualquer circumstancia fortuita.

Ser homem é agir segundo a razão.

O PODER DA VONTADE

Que de hymnos entoados ao poder da vontade!...

Querer é poder: diz o proloquio.

O poder da vontade é um facto: o livre arbitrio, a faculdade de resistir manifesta-se incontestavel.

O homem domesticou os brutos, arrancou da terra ingrata fartas searas, rasgou montanhas, transpôs abyssos, investiu valorosamente, contra os mais rijos elementos.

Pôde, portanto, dominar-se a si mesmo, sobretudo na juventude, quando as energias phisicas e psychicas se acham intactas.

O espirito póde dominar a carne, sem se permittir transigencias mesquinhas, nem condescendencias humilhantes.

Gabriel Compayré, pedagogista moderno, diz que «a vontade é o agente essencial da virtude, indispensavel á felicidade e ao bom exito.»

A dignidade da vida pelo espirito, consiste em enfrentar o impeto das paixões.

Dr. Surbled judiciosamente observa que a castidade não está ao alcance dos caracteres que a plebe classifica de *frouxos*, antes exige animos varonís, que saibam vencer difficuldades, supportar penas e praticar renunciás.

Os sentidos são vivos, abertos a todas as sensaçõe., e susceptíveis a qualquer contacto: se a intelligencia accéita o sacrificio, o mesmo não se póde garantir da parte dos sentimentos.

Uma vontade recta, clarividente e firme evitará transigencias e vacillações, e, segura de si e confiada em Deus, triumphará de todos os assaltos da concupiscencia.

A resistencia ao mal, a cada instante, entre a tolerancia bastarda dos codigos e a complacencia criminosa da sociedade, é o supremo heroísmo.

No campo de batalha, é-se heróe de raro em raro; nesta guerra as occasiões offerecem-se constantes.

Cesar, ao transpôr o Rubicon, disse: «jogue-se o lance»; decisão igual devem sustentar os corações nobres da adolescencia amante da honra e da pureza.

Mocidade! Levantae as energias do espirito, retemperae os propositos de vossa vontade generosa e combatei o bom combate de Christo! Nesta pugna espiritualizae vossos tentamens, na antevisão da gloria eterna.



A influencia da educação sobre a vontade, no fito do aperfeiçoamento moral, é reconhecida por autores alheios ás preoccupações religiosas.

«Uma verdadeira castidade, diz P. Dubois, no livro *L'Education de soi même*, não é possível senão sobre vistas claras e noções moraes, que se devem aprofundar constantemente e que aprenderemos a amar.»

Leão Tolstoi, em *Plaisirs vicieux*, declara: «E' preciso ensinar aos homens e ás mulheres uma educação, em que a influencia e os bons exemplos da familia sejam preponderantes e crear na opinião publica uma corrente de idéas sãs com o fim de fazer praticar esta abstinencia, que a moral e a religião ambas nos recommendam e fazer considerar as paixões bestiaes como inimigos que são necessarios vencidos e não como amigos que ha mistér acoroçados.»

Ao lado do testemunho do philosopho e reformador russo apresentarei mais duas sentenças de igual valor.

«Uma vontade inflexivel, diz Chateaubriand, supplanta tudo e vence o tempo.»

Já Rochefoucauld deixou escripto: «Nada é impossivel; ha caminhos, que conduzem a tudo. Se temos bastante vontade, temos sempre muitissimos meios a empregar.»

CONFIANÇA

Os grandes generaes, os maiores conquistadores tiveram os seus momentos difficeis, suas batalhas indecisas, mas não capitularam e, por isso, venceram.

Não admira que, nos recontros do espirito e da materia, haja phases melindrosas. Cumpre então não desanimar, não perder a disposição de vencer.

Na primavera o ar é mais quente, o vento mais rijo, as arvores vicejam, as sementes germinam; a juventude é a primavera da existencia; offerece maiores perigos, ciladas mais frequentes.

Preconiza-se tanto, hoje, a cura psychica, a auto suggestão, em lugar das applicações medicamentosas; porque não infiltrar, em todas as almas abatidas, a possibilidade do resgate, a convicção do restabelecimento?

«A confiança, dizia Napoleão, gera a tranquillidade.»

O Divino Mestre, no Evangelho, teve esta palavra: «Não se turbe o vosso coração.»

Este aviso deve animar-nos á repressão do exaggerado cuidado de todo o temporal. Ha acima de nossas previsões uma Providencia eterna, que tudo vigia e concerta todas as coisas.

Entreguemos a Deus as preocupações, que nos abatem, e a paz circumdar-nos-á.

Nestes combates interiores encerra grande fonte de coragem o abandono em Deus, que de tudo dispõe, em beneficio de seus filhos dilectos.

Nada de receio das tentações de amanhã, nada de medo dos assaltos a que teremos de resistir, no decorrer da existencia.

Todas as manhãs preparemos o animo para vinte e quatro horas de resistencia, peçamos o auxilio sobrenatural e fiquemos socegados. É assim todos os dias.

Eis o segredo das grandes almas, dos espiritos imperturbaveis.

PRINCIPIOS DIRECTIVOS

Psichari, depois de convertido, tomou para lemma director de sua vida esta curta prece: «Senhor, que eu seja logico.»

Banhada a alma na claridade da fé, resta ao christão pôr em pratica os principios da logica, em ordem á vida espiritual.

A disciplina da vontade, a confiança em si mesmo e a serenidade de animo recebem forte auxilio dos principios basicos da cultura intellectual.

A idéa, no sentir de Taine, assemelha-se á estanca de ferro, que sustenta as estatuas; serve de amparo e guia ao homem.

E' a idéa-força.

Na biographia dos grandes homens encontram-se principios, que constituíam o alimento substancial de suas almas, a estrella que fitavam nas procellas da sorte.

Nelson escrevera a palavra «dever» na flam-mula da não capitanea.

A. Daudet offerecera a um dos seus filhos um anel com os dizeres: *Memento vivere*.

Carlyle propõe o lemma «vencer ou morrer» a todo homem que desejar realizar algo acima do commum.

Gayner, o grande aviador, tomou por divisa: «fazer frente.»

Franklin ou Newton, não estou bem certo qual dos dois, interrogado sobre o segredo de suas grandes descobertas nos dominios da physica, respondeu que as conseguira «pensando sempre nellas.»

Garfield, que ascendeu á suprema magistratura dos Estados Unidos, em creança, sendo-lhe perguntado que desejava ser na vida, respondeu: «Procurarei, antes de mais nada, ser um homem exemplar, porque, se não fizer isto primeiro, não conseguirei ser um elemento util.»

Os santos escolheram tambem idéas directoras, extrahidas das verdades da religião e dos principios da moral.

S. Francisco de Assis — «Meu Deus e meu tudo.»

S. Teresa de Jesus — «Ou soffrer ou morrer.»

S. Ignacio de Loyola — «Tudo para a maior gloria de Deus.»

Os novissimos do homem, os ultimos fins da vida terrena devem ser o fiel da balança, em que o christão pesa a liceidade dos proprios actos.

Deus me vê! Palavra terrivel e confortadora.

Terrível, para aquelles que procuram fugir á face do Senhor; confortadora, para quem deseja andar na presença do Altíssimo.

No estonteamento dos salões festivos e illuminados, na voragem da tentação, quando a alma se vae afundando no pelago da culpa, valha ao espirito a interrogação de S. Luís Gonzaga: «Que vale tudo isto em comparação da eternidade?»

— Nas próximas paginas passaremos em revista o que deve fazer ou evitar o jovem desejoso de escapar aos males dos tempos actuaes.



Recursos da defesa

*«Esta casta de demonios não se expelle
senão pela oração e pelo jejum.»*

(Math. XVII, 20)

*«Não dorme o demonio, nem ainda está
morta a carne; continúa, pois, a preparar-te
para a peleja; visto como, á direita e á
esquerda, estão inimigos, que, jámais, re-
pousam.»*

(II Imit. IX)

*«O trabalho é a vida que avança
Em procura do bom, do melhor;
As estrellas do além brilham menos
Do que as gotas do humano suor.»*

TOBIAS BARRETO.



Recursos da defesa

NO ACAMPAMENTO

Dias de trabalhos, horas de fadigas enchem a vida nas trincheiras.

E' lá, no entanto, que se prepara a victoria e se adextra a juventude para defender o solo sagrado da patria e vingar a honra do país.

A vida humana é um combate, cuja palma triumphal se acha nos páramos celestes.

Na resistencia ás paixões cabe parte relevantissima á vontade, esclarecida pela razão.

Ha, porém, varios agentes physicos e psychicos, que influem grandemente. Além disto, esta luta não se fere apenas no terreno da ethica natural, transcende muito, attinge a ordem da graça.

A vontade exerce extraordinario influxo sobre os actos humanos, pois é innegavel que somos livres, mas o meio envolvente e as circumstancias externas se fazem sentir, mui fortemente, no appetite volitivo.

«O espirito, na verdade, está preparado, mas a carne é fraca. Vigiae e orae, para não succumbirdes á tentação.»

Cumpre, portanto, fortalecer a vontade e reparar-lhe as fraquezas.

MEIOS A EMPREGAR

Poderosos inimigos defrontamos, obstaculos terriveis se nos anteparam em recontros intimos, exigindo forças sobrehumanas. Mas não nos vencerá o receio dos inimigos, não nos dominará o terror da guerra.

Contra os nossos oppugnadores dispomos de armas fortissimas, umas spirituaes, fornecidas pela religião, outras moraes, asseguradas por um regime condigno de viver.

No plano divino o auxilio sobrenatural supera a vehemencia das tentações; na ordem moral a energia da vontade subjuga as tendencias inferiores da natureza.

I. Os Sacramentos

Do lado fendido do eterno supplicado do Golgotha manou a fonte, donde jorraram os sacramentos — remedios da alma.

E, entre estes, dois se destacam como pre-excellentes: — o sacramento do amor — o sacramento do perdão.

I

Ha dois mil annos que Jesus, na Eucharistia, dá força á Igreja e consolação á humanidade.

Prova inconcussa da divindade deste mysterio são os effeitos maravilhosos, que produz.

E' alimento que sustenta nossas almas: luz, que esclarece a trajectoria da existencia; força, que destroe o poder do mal e firma o imperio do bem.

A Eucharistia é o pão dos fortes e alimento dos fracos.

A primeira criação deste sacramento foi o martyr.

Os primeiros tempos do christianismo foram seculos de agonia; atenazados nos supplicios, retalhados de açoutes, moidos de flagellos, calcinados ao fogo lento de sombrios archotes nas orgias dos cesares, lançados ás feras, aquelles homens, aquellas mulheres, aquellas donzellas não recuaram.

Como explicar tenras creaturas enfrentarem a ira dos carnifices? Quem infundia a corágem de

desafiarem velhos e creanças a ferocidade de al-
gozes, de tigres e pantheras?

As idéas suscitam martyres, mas estes mor-
rem de armas ás mãos, fulminando adversarios;
a religião suscita martyres, que deixam a vida
abençõando os inimigos: são martyres de amor.

O segredo desta força residia na hostia
branca e immaculada, recebida nas catacumbas de
Roma, entre os pallares sombrios e antelucanos.

Creação da Eucharistia é o padre — sal da
terra, e luz do mundo.

O padre é o anjo de luz entre as trevas
do erro e do mal; é sal que preserva a humanida-
de da ruina absoluta. Como? Pela Eucharistia.

Sem padres não haveria na terra o corpo
e o sangue de Jesus.

Padres foram os Apostolos, os pontifices,
os doutores da Igreja.

Padre foi Anchieta, pregando aos gentios
brasilicos o amoravel Evangelho da paz; foi Viei-
ra, tonitruando anathemas contra os esclavagistas
desalmados e ambiciosos.

Aos esplendores do sacerdocio juntam-se as
claridades da castidade perpetua.

A Eucharistia é o vinho que gera as virgens.

Os imperadores romanos, que abateram o
orgulho de tantos dominadores de povos, para-
vam reverentes, para que as sacerdotizas de Vesta
não fossem interrompidas nas vias publicas. «Tal
era o respeito que o mundo pagão testemunhava
á castidade — perfume celeste, que embalsama a
terra.

A Eucharistia sustenta as filhas da caridade,
nos seus sacrificios ingentes — esquecimento das
alegrias do passado, renuncia das doçuras do
presente, e desistencia das esperanças do futuro;
o manná dos escolhidos lhes sabe ao coração
mais suavemente que todos os gozos deste mundo.

O monge, que se sepulta, de vez, na solidão do claustro, para orar pelos que não oram, e o missionario, que dá o ultimo adeus á mãe desolada e deita á patria querida o extremo olhar, são vergontes da arvore eucharistica.

A geração hodierna está se afundando no paganismo. Afrouxaram os laços da moral, os preconceitos substituíram as máximas da religião christã.

Muitos ha que se dizem catholicos, mas a existencia que levam é a negação de sua fé.

Porque o enregelamento de tantas almas, o enlanguescer de sentimentos generosos?

Porque são muito poucos os ternos consoladores do amante Prisioneiro do tabernaculo.

A Eucharistia conserva intactos os predica-dos da therapeutica eterna; falta apenas quem venha dessedentar o coração nesta fonte divina.

A lampada tremula e bruxuleante desven-da á fé a presença do Deus escondido e diz que o sacrario humilde e pequenino occulta o que o céu e a terra não comportam.

Mysterio do Novo Testamento!

Ali está o Cordeiro santo e immaculado, victima de eterno amor, que se offerece, a cada momento, ao Pae, em expiação dos nossos peccados e do mundo inteiro.

Ali se esconde o nosso irmão, que se aniquilou a si mesmo, tomando a forma de servo, revestindo-se de todas as miserias da fragil natureza humana, excepto o peccado.

Ali está o amigo e consolador, prompto a todas as horas, para receber e escutar sempre as nossas preces, e que, no dia extremo, no leito de morte, nos dará o ingresso do paraiso, no osculo da caridade.

«Oh! se conhecesseis o dom de Deus!»

«Quem come de minha carne e bebe de meu sangue tem a vida eterna.»

«Quem se alimenta deste pão viverá eternamente.»

Palavras sublimes. Oraculo consolador.

Caminheiros do deserto desta vida, necessitamõs de força, coragem e energia.

Força, para a luta do bem contra o mal.

Coragem, no enfrentar os ardis do inimigo.

Energia até o fim da carreira mortal.

O manná sustentou os israelitas, quarenta annos, no deserto; a communhão, ha vinte seculos, sustenta os catholicos e sustentá-los-á até o fim dos tempos.

Sim. Passarão os céos e a terra, mas ficarão de pé as palavras daquelle que disse: «Vinde a mim vós todos que soffreis e andaes opprimidos que vos alliviarei.»

II

Em defesa do tribunal da penitencia escutam-se vozes dos proprios inimigos do catholicismo.

J. J. Rousseau, na *Correspondance II*, escreve: «A confissão de minhas faltas aproveita á minha regeneração, porque, impondo-me a obrigação de tudo revelar e com verdade, a vergonha de as confessar de novo me preservará de reincidir nas minhas culpas.»

Marmontel, em *Memoires*, tece-lhe este elogio: «Não existe melhor meio para conservar na sociedade a pureza de costumes que a confissão.»

O impio patriarcha de Verney, em *Essai pour les moeurs*, disse: «A confissão deve ser tida como o maior freio dos crimes occultos.»

O grande poeta allemão Clemente Brentano, cansado das loucuras do mundo, entediado dos sophismas, queixou-se, um dia, a uma amiga, Luiza Hensel, piedosa senhora protestante, das fundas magoas do espirito e dos desenganos

da vida, que lhe iam na alma. Esta, porém, respondeu-lhe: «O senhor é catholico, tem a felicidade de poder dispôr da confissão, vá procurar um sacerdote...»

Quantos catholicos, lamurientos e abatidos, precisariam ouvir estas palavras!... quantos!...

J. de Maistre, genio esclarecido pela fé, escreveu que os dogmas, os preceitos e as instituições do christianismo têm uma base na essencia da natureza humana — mixto de abatimento e de tristeza, de gloria e de esplendor.

Assim a confissão apresenta um lado de humilhante, que nos confunde, de triste, que faz inclinar fronte orgulhosas.

A penitencia é uma expiação e como tal encerra o character de sacrificio, implica, necessariamente, certa fortaleza de animo, para fazer declarações que envergonham.

François Coppée confessa, francamente, que a falta de humildade para frequentar os sacramentos e praticar a religião o levaram a desertar da milicia da Igreja catholica, por não lhe supportar a disciplina, e se, mais tarde, regressou ao Deus de sua mocidade, foi graças á influencia benefica e regeneradora do soffrimento.

Quem ousará restringir a Deus o direito de impôr condições ás dadivas da caridade? Senhor absoluto de tudo, seu dominio se estende a todas as creaturas, sem conhecer limites ou reservas.

Espectaculo mais triste que um hospital de sangue, juncado de mutilados, offerece o mundo das consciencias. São os mutilados moraes, mais ou menos profundamente feridos, segundo a gravidade da culpa.

A infinita sabedoria e a infinita misericordia divina encontraram remedio prompto e infalivel para todos os males; remedio que cura e que previne, a um tempo,

... Cura; porque cicatriza as chagas do peccado. Previne, evitando novas quedas, que occasionam os ferimentos da alma.

Não é só recurso obrigatorio, em casos de accidentes fataes; é um meio facil e seguro de perseverança no bem e na virtude.

A fraqueza e a inconstancia da vontade precisam de sustentaculo, e este se encontra nos bons propositos. Daqui a necessidade de se propôr a muito quem quizer conseguir algo. Ora, quem de raro em raro se confessa, pouco propõe, logo, nada alcança.

A' penitencia ligam-se effeitos sobrenaturaes inculcaveis.

A divindade, no sentir de Socrates, jungiu a dôr ao prazer; tambem podemos dizer, com verdade, que o remorso e a culpa pendem de um mesmo vinculo.

Experimentalmente o sentimos: qualquer offensa ao proximo, ainda vil creatura, traz consigo tristeza legitima, que abate a alma.

Offendido Deus, fere o aguilhão do remorso e desperta a exprobação da consciencia, por mais recondita que haja sido a falta.

E depois? Um desgosto immenso do mal praticado, um pesar profundo do peccado commettido.

E o perdão? Como obter a certeza de que Deus riscou do livro da vida o debito de nosso peccado?

Só a confissão auricular afugenta da alma o espectro do remorso.

Nada mais triste, nada mais terrivel, nada mais acabrunhador que a duvida.

Tanto mais importante o negocio, maiores os interesses em jogo; quanto mais cruel a ansiedade, mais angustiosa a hesitação.

O negocio da salvação é o unico necessario. Quantas duvidas, porém, se nos antolhami

na consciencia!... Como difficil se torna, muita vez, discernir o bem do mal, o bom do melhor!...

A luz da verdade, esclarecedora das consciencias, cõa-se daquellas grades estreitas.

Não é só de perdão e de illuminação que o homem necessita: precisa tambem de conforto.

Cada um tem magoas, que o pungem; cada qual soffre. Ha chagas nas almas.

Muita psychologia encerram os versos do poeta sobre os dissimuladores das proprias penas:

*«Quanta gente, que ri, talvez existe
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa.»*

Uma das primeiras e mais elementares necessidades da alma é a expansão — Extravasar os proprios males num peito amigo.

A confissão nõ-la offerece.

Os amigos pódem enganar-se, pódem trahir; ao confessor isto é mais difficil, porque dispõe de conhecimentos especiaes sobre as miserias da condição humana, Deus o assiste e a graça o illumina.

Os imperador Wencesláo precipitou nas aguas do Moldava a João Nepomuceno, mas não conseguiu arrancar-lhe dos labios a confissão da imperatriz.

E a historia, que guarda os nomes de Ephialto e Catilina, desconhece o do padre que haja violado o sigillo sacramental.

No cumprimento do dever, o confessor rasgará chagas, para extrahir-lhes a peçonha; reprimendará os recedivos, mas esta energia salutar encobrirá a ternura do pae. E' o bom pastor ao encalço da ovelha tresmalhada.

A piscina de Bethsaida curava o primeiro que a ella descesse quando da revolução das

aguas pelo anjo... a fonte salutar da penitencia sana a todos os males dos que lá procuram a vida do espirito e a saúde do coração.

Christo, na peregrinação terrestre, resuscitou tres mortos: a menina de Jairo, havia momentos fallecida, symbolo das almas apenas despenhadas no peccado; o filho da viuva de Naim, a meio caminho da cidade dos mortos, representante dos que, ha tempos, desertaram das veredas da justiça; Lazaro, já sepulto e putrefacto, imagem dos envelhecidos no crime.

Ainda hoje este admiravel sacramento opera as mais portentosas regenerações espirituaes. Lá recobra a vida o que peccou pela primeira vez, encontra animo o fraco e reincidente na culpa. A influencia benefica da confissão transforma o habitudinario e regenera o endurecido no vicio.

2. A oração

Estygio chamava-se o rio que circulava o inferno sete vezes. Quem se banhava em suas aguas, tornava-se inatingivel aos golpes inimigos. Thetis, mãe de Achilles, mergulhou-o no rio sagrado, deixando invulneravel o jovem heróe, excepto o calcanhar, por onde o sustentava. Mais tarde uma setta hervada, cravando-se no referido ponto, causou a morte ao mais intrepido dos gregos.

E' da mythologia.

O christianismo, entretanto, dispõe das aguas da graça, que mana dos sete sacramentos e não permite nos debelle o inimigo da alma.

Depois dos sacramentos, a oração attrae sobre nós os dons de Deus.

A efficiencia da prece fica incomprehendida sem uma noção da vida sobrenatural.

A historia natural, no estudo deste phenomeno polymorpho, que se chama existencia dos

seres organizados, distingue, communmente, tres especies diferentes de vidas; a vegetativa, propria das plantas; a sensitiva, mais perfeita que a primeira, pertencente aos animaes; a intellectiva, do homem, «uma intelligencia, servida por orgams.»

Na ordem sobrenatural, no plano da economia divina, ha uma outra vida, tão real como as supracitadas, porém muito mais nobre.

Negá-la será rasgar as Escripturas, destruir as actas dos concilios e eliminar a interferencia divina em nossas almas.

Christo declara que veio ao mundo trazer a vida, para que todos a possuam mais abundantemente. E accrescenta que seus discipulos participarão de sua vida como os ramos que crescem por causa da seiva da videira.

A palavra do Mestre, tão propria para nos dar uma idéa clara e precisa das operações da graça, completa-se pela passagem do apóstolo S. Paulo, declarando que somos templos de Deus e habitação do Espirito Santo, o qual nos é conferido pela caridade. Ao lado destes dizeres amovaveis e consoladores, ha ameaças divinas de morte eterna contra quem destruir a obra da graça em seu coração.

Quanta soberbia de familia, estolido orgulho de parentela illustre e nome respeitado e não se consideram os laços eternos desta alliança divina!...

E o peccado, um só peccado mortal, quebra estes élos, destróe a familiaridade divina, que se chama graça santificante.

Na vida espiritual, a graça é para a alma o que o sangue é para os animaes, a seiva para as plantas, o combustivel para os motores.

Pela oração a alma sóbe até Deus, eleva-se acima da materialidade deste mundo, buscando alivio e conforto.

Jesus nos deu o exemplo: passava as noites em oração, antes de qualquer acto importante voltava-se para o Pae, implorando luzes e graças. Ao exemplo ajuntou o preceito: «Importa orar sempre e não desfallecer.»

Por ultimo fez promessas: «Tudo que pedirdes ao meu Pae em meu nome, Elle vó-lo dará.» E mais ainda: «Pedi e receberéis e o vosso gozo será completo.»

—

O Evangelho offerece alguns typos de oração.

O grito angustioso dos Apostolos, nas borrascosas ondas do mar de Tiberiades: «Salvae-nos, Senhor, aliás pereceremos.»

À prece confiante do leproso: «Senhor, se quiserdes, bem podeis curar-me.»

O pedido humilde do publicano: «Senhor, compadecei-vos de mim, peccador.»

Em todas ha um acto supremo de adoração; reverente confissão da dependencia absoluta em que nos achamos; supplica confiante na Providencia que liberaliza todos os bens e de tudo cuida.

—

Salomão, no livro dos Proverbios, reconhece a propria incapacidade para guardar a castidade e dirige-se a Deus, em supplicas fervorosas, exorando-a.

O homem assimila as qualidades daquelles com quem convive: orar é conviver com Deus: é assimilar dons sobrenaturaes.

A oração methodica e perseverante chama-se devoção. Ha innumeradas devoções exercidas pelos fiéis e sancionadas pela Igreja.

Entre todas sobreexcella a devoção á Virgem Maria.

Maria é Mãe de Deus — é toda poder: E' Mãe dos homens — é toda bondade.

E' o modelo das perfeições, reflexo da santidade increada, onde nos devemos mirar.

E' a cidadella de David, aonde não pôdem chegar os dardos inimigos.

Desarvorados, na salsa planura das traiçoeiras vagas, num céu sem astros, os nautas fitam a amplidão brumosa, procurando uma estrella, que lhes indique o roteiro da patria.

Maria é a estrella do mar na tormentosa travessia do mundo.

Dj-lo a pleiade dos santos: Bernardino de Sena, Casemiro de Polonia, Pedro Canisio, Francisco de Salles, Gabriel da Dolorosa, todos emfim.

Proclamam os resgatados de todos os vicios, os redimidos de todas as culpas, os regenerados de varia especie, que devem emenda e conversão ao Refugio seguro dos peccadores.

A experiencia individual confirma que todas as nossas victorias as devemos á excelsa Rainha das virgens, e que a derrota só nos alcança quando longes de seu manto gasalhoso e protector.

O *Lembrae-vos* é o recurso favorito de muitas almas fortemente tentadas.

A pequena e facil devoção das *Tres Ave Marias* offerece o amparo seguro e a protecção certa da Virgem contra os continuos assaltos do inimigo; S. Leonardo de Porto Mauricio propagava-a zelosamente e S. Affonso de Ligorio considerava esta piedosa pratica meio certo de perseverança para os bons e de conversão para os peccadores.



O culto marial acha-se de tal modo radicado nos prophetas e evangelistas, que não o podemos proscrever sem destruir a essencia da revelação christã.

Na alvorada da criação, apparece Maria, na promessa do Redemptor do mundo. Eva transtorna o plano divino; Maria encerra o prenuncio de generoso perdão.

As tradições do povo israelitico assignalam a figura resplandecente de uma mulher, nivea como a lua, deslumbrante como o sol, poderosa como um exercito em linha de combate. Os idólatras desfiguraram as esperanças messianicas, mas conservaram sempre destacado este admiravel typo feminino.

Os prophetas, perpetuando as promessas do Eden, decantaram a gloria da virgem, que conceberia Emmanuel; celebraram a arvore mysteriosa, sobre a qual repousaria o espirito do Senhor; a mulher por excellencia, bella como a rosa de Jerichó, candida qual o lyrio do valle, tão perfumada quanto as mais olentes flores, que se adeantou entre as filhas de Jerusalém, para arrebatár o coração de Deus.

Os psalmos dizem que o Altissimo santificou-a para seu tabernaculo. O livro de Esther proclamou-a isenta da lei da morte. O Cantico dos Canticos então laudes á fonte assignalada e ao jardim recluso da amiga toda pura, em quem não se encontra uma macula.

Na plenitude dos tempos o anjo do Eterno saúda esta creatura privilegiada, para annunciar-lhe que, «cheia de graças e beindita entre todas as mulheres», receberia a honra inconcebivel da maternidade divina.

Desde então quantos adoram a Jesus, amam e veneram sua Mãe augusta.

O que a poesia possui de mais harmonioso, os perfumes de mais suave, os affectos de mais terno, a arte de mais delicado, a natureza de mais bello, a piedade e o reconhecimento dos fiéis depõem aos pés da «Mãe do bello amor».

O rejar dos seculos regista os tributos e as homenagens do mundo inteiro á donzella de Judá,

em confirmação dos arroubos propheticos de Maria na casa de Elizabeth.

Cumprem-se as palavras do *Magnificat*: «Todas as gerações me chamarão bemaventurada.»

3. A sobriedade e o desporto.

Pureza, fonte de vigor.

Godofredo de Bouillon, heróe da primeira cruzada, achando-se, certa vez, em Antiochia, arrebatou ás garras de feroz urso um pobre peregrino. A fera, irritada, investiu contra o aggressor, que a matou com a espada.

Aos que admiraram esta extranha demonstração de vigor physico, respondeu: «Sou forte porque sou casto.»

Este episodio vem confirmar a opinião popular, que attribue a longevidade e a saúde dos monges á continencia perfeita e á vida frugal.

Os habitos morigerados e a gymnastica racional constituem poderosos auxiliares da integridade dos costumes.

A temperança é um dos mais valiosos elementos da sanidade physiologica e do alevantamento moral; já o demonstrámos, citando o testemunho da historia.

A sobriedade, pois, contribue para manter a perfeita saúde do corpo e o exercicio pleno da intelligencia, conservando em harmonia as funcções dos varios aparelhos da vida sensitiva; por isso é considerada, com justeza, fonte da virtude e remedio do vicio.

Poucas regras resumem o principal deste assumpto.

Não sobrecarregar o estomago com alimentação excessiva.

Proscreever, quanto possivel, os condimentos, dar preferencia aos alimentos simples e de facil digestão, mas ricos de principios nutritivos.

Evitar, em absoluto, bebidas e estimulantes.

Trazer o animo livre enquanto dura a refeição e descansar depois algum tempo.

Mastigar bem e sem precipitação.

Estes principios mais os cuidados elementares da prophylaxia sobre ar, agua, regime alimentar e vestuario, hygiene e salubridade das habitações formam a base da saúde e bem-estar.

A fraqueza physica é uma das miserias da geração hodierna.

Um bom organismo constitue um dos melhores requisitos para uma existencia util e feliz. Quem se conhece physicamente debil deve procurar a razão de sua insufficiencia, para, com cuidado e perseverança, corrigir a fraqueza herdada ou adquirida.

Multiplas causas influem na debilidade organica, algumas facilmente evitaveis.

Alimentação excessiva causa dyspepsia; refeições muito parcas deixam o organismo depauperado e fraco.

As irregularidades no horario e o comer nos intervallos produzem a irritabilidade nervosa e a indigestão chronica.

O somno é um agente reparador por excellencia. Em geral bastam ao adulto oito horas de repouso; dormir em excesso amollenta o corpo; as vigílias continuadas enfraquecem o organismo.

Diversões exhaustivas, prolongadas, nos salões familiares, até altas horas da noite, tornam-se poderoso factor de depressão nervosa.

A tristeza e a ansiedade alteram a circulação do sangue, fazendo-o refluir ao cerebro, com prejuizo das outras partes do organismo.

Leitos demasiado macios entorpecem os membros, provocando a relaxação do systema nervoso, pelo aquecimento da columna vertebral.

Tudo que possa affectar os nervos ou enfraquecer o physico merece particular cuidado; as perturbações mais graves devem ser logo levadas ao conhecimento do facultativo.

Ha não poucos vicios de nefasta influencia sobre a constituição physiologica e o equilibrio animico.

Entre estes toma logar o alcool, do qual cem grammas matam uma creança de sete annos e um litro dá cabo de um homem.

«O alcool, diz Julio Gautier, é o chlorophormio das amputações moraes.»

O professor Morel, conceituado alienista francês, verificou, experimentalmente, que as familias de alcoolatras, após percorrerem diversas formas de degenerescencia, acabam por extinguirse na quarta geração.

Jacquet, entre 252 tuberculosos internados, encontrou 180 alcoolatras.

Publicistas bem intencionados e medicos illustres apontam a aguardante como um dos perigos mais terriveis para o futuro da nossa nacionalidade e vêem no alcool um dos mais perniciosos elementos de destruição da riqueza publica e da ruina moral de nosso povo.

Hermeto Lima, após estudos minuciosos, concluiu que, só no Rio de Janeiro, em 1912, se consumiram 229.000 litros de alcool, no valor de 120.000\$000 — diariamente!...

No mesmo anno, entre 7.500 detidos nas varias delegacias, havia 6.000 bebados; de 5.000 processados, 4.000 eram consumidores de bebidas alcoolicas; de 4.000 mortos pela tuberculose, 2.600 eram alcoolistas; nos 1.500 ingressados nos manicomios, encontraram-se 1.000 frequentadores de tabernas; finalmente, 50 % dos suicidios provieram de excessos no uso do alcool.

Dr. Henrique Rôxo declara ser o alcoolismo que maior contingente de loucos fornece ao

Hospicio Nacional de Alienados e o Dr. Roberto Duque Estrada encontrou 2.000 intoxicados pelo alcool entre 8.000 internados.

As investigações que o Dr. Moraes Mello levou a effeito na penitenciaria de S. Paulo demonstraram que 99 % dos reclusos, anteriormente se haviam dado ao vicio da embriaguez.

Em pequenas doses abala todo o organo; em grande quantidade provoca as mais terribes desordens: o alcoolismo chronico, na prole, determina a indolencia, a tristeza, a extrema sensibilidade dos nervos e o enfraquecimento das faculdades intellectuaes.

Na ordem social é sementeira de crimes, viveiro de iniquidades.

Conspurca a honra viril e a dignidade conjugal, estiola a delicada flôr dos mais puros affectos, abastarda a palavra e entenebra o pensamento; nivela em promiscua e deprimente igualdade as categorias civis, desgrada caracteres bem formados, inutiliza intelligencias cultas. Aos poucos enerva o physico, deprime as faculdades mentaes, cresta os mais nobres sentimentos.

E' a vagar que se começa; pelas «saúdes» e aperitivos advem o gosto das bebidas, até chegar ao alcoolismo e deste passar á toxicomania — vergonha da civilização.

Alguns justificam o abuso da cerveja, dizendo que esta é inoffensiva. Ora, é certo que a cerveja contém apenas 4 a 5 % de alcool; é igualmente certo, porém, que esta bebida se consome em quantidade muito maior que os vinhos e os licores.

O Dr. J. A. de Magalhães, nas *Lições de Hygiene*, chamando a attenção publica para este particular, observa que: «enquanto o vinho se bebe, apenas ás refeições, em quantidade que, em regra, não ultrapassa de meia garrafa, 300 grammas em cada refeição, equivalendo a 60 grammas de alcool por dia, os bebedores de cerveja

consomem, habitualmente, 4 e mais garrafas por dia, ou 2.400 grammas, que contêm de alcool 120 grammas; muito mais alcool e muito mais liquido». E conclue: «Resultado final da substituição do vinho pela cerveja: intoxicação alcoolica mais intensa e disturbios organicos determinados pela maior quantidade de liquido ingerido.»

Daqui as medidas rigorosas de repressão ao alcoolismo adoptadas nos países mais civilizados.

O governo italiano, sem o apparatus complicado e dispendioso da lei secca americana, dá combate a esta praga, sem desfallecimento. Antigamente existiam na Italia 104.000 casas de bebidas; hoje, segundo relatório official do departamento central da policia, restam, em todo país, 11.256 casas deste genero, pois em 1927 o governo mandou fechar 3.500 casas de vinho e bares, negando-lhes a renovação das respectivas licenças, igualmente foram fechados cerca de 5.000 cabarés, que vendiam vinhos.

Entristece, em nosso país, ver a incuria dos governos ante problema tão serio e de consequencias tão graves; enquanto a cachaça arruina a plebe ignara, os vicios elegantes degradam a alta sociedade.

A' intoxicação alcoolica, sob multiplas formas — rhum, whisky, absyntho, kirsch, vêm ajuntar-se os entorpecentes, opio, ether, cocaina, heroína, chloral e derivados, que encerram principios letiferos.

Estes «elixires de curta vida» produzem tal estrago nas altas camadas sociaes que, em nossos dias, as intoxicações quase levam a palma ás infecções.

Cheirando o vidro de ether, fumando o cachimbo de opio, consumindo a morphina e sorvendo a cocaina, em breve tempo, jovens robustos, enlevo dos paes e esperanza da patria, ficam debeis, apathicos e abulicos, que arrastam um trapo de vida, vergonha da raça humana, opprobrio

da familia honrada. Os olhos vitreos e o passo tardo e incerto revelam a symptomatologia dos toxicos.

Deante da devastação produzida na juventude, a Italia fascista, pelo seu delegado, snr. Cavazzoni, apresentou á commissão de opio da Liga das Nações um projecto, visando dominar, completamente, o commercio das drogas entorpecentes, por meio da fiscalização mais rigorosa.

Carlos Noce, medico em S. Paulo, verberando *os desvarios da mulher moderna*, dedica extenso capitulo aos effeitos das intoxicações, no qual, com a competencia profissional, analisa os syndromas dos estupefacientes.

O cocainismo, segundo Philippe, é uma intoxicação mais perigosa que a originada do alcool e da morphina. Produz hallucinações e toda sorte de desordens mentaes, acompanhadas da maior depressão physica.

Da Irlanda do Norte, propagou-se pelo mundo inteiro o vicio do ether, que tantos estragos vem causando em nossa alta sociedade.

Meninas modernas e matronas chiques aspiram voluptuosamente lenços embebidos nesta droga, enquanto jovens degenerados e homens devassos ingerem-no pela bocca, em largas doses, que determinam logo graves perturbações gastro-intestinaes, de par com a degradação intellectual: é a etheromania.

A morphina, outro cancro social, occasiona a decadencia organica, o afrouxamento da vontade, a excitabilidade e ainda outros males.

O fumo, embora em menor escala, constitue outro factor terrivel de decadencia physiologica, maximé, na juventude.

Merece nota a aversão de grandes espiritos a este vicio, que, impropriamente, chamam de habito.

Victor Hugo não tolerava o charuto, ainda mesmo no exílio de Jersey. Alfred de Vigny offendia-se com o offerecimento de um cigarro. Montalembert e Garibaldi votavam-lhe horror. Guizot, Thiers, Villemain, Berryer e Nizard foram outros tantos adversarios do fumo.

A influencia do tabaco faz-se sentir, economicamente, pelos gastos que acarreta, e, physiologicamente, pelas perturbações gastricas e nervosas a que estão sujeitos os seus habituaes consumidores. O que se deve aos 4 %, que contém do alcaloide volatil — nicotina, veneno cardio-vascular, do qual duas gotas depositadas sobre a lingua de um cão, matam-no immediatamente.

Alguns coelhos, postos em gaiolas de vidro, respiraram, diariamente, a fumaça de dez cigarros, resistiram duas semanas e morreram. A necropsia encontrou lesões organicas semelhantes ás produzidas no homem, pela arterio-esclerose.

E' possivel, observa um educador americano, que o homem maduro chegue a fumar moderadamente, sem prejuizo, mas é absolutamente certo que um jovem não o póde fazer sem consequencias deploraveis para a saúde. Nos estabelecimentos de ensino, observações cuidadosas demonstraram que os fumantes são, na media, inferiores em peso, capacidade intellectual e largura do peito aos collegas que não fumam.

Ainda uma vez, abstracção feita da idéa de perfectibilidade moral e de principios religiosos, visando, unicamente, conservar a robustez physica, e enthesourar energias, a mocidade deve evitar entaves á formação da virilidade do character.

Deante de tal cortejo de vicios e miserias, cumpre observar que uma vida pura e sobria deixa o jovem ao abrigo de tamanhas infelicidades. O preclaro arcebispo de S. Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, diz, e com muita razão, que ignorar que «a exuberancia juvenil, sacrificada ao prazer,

se tornará em decrepitude e esgotamento, é não saber que o tempo fortalece, no coração, o que nelle encontrar de bom ou de máo, acarretando a maturidade dos vicios como das virtudes».

«Os exercicios, diz o conhecido professor Coelho e Sousa, tem por objecto preparar o individuo para o desempenho de qualquer acto ou função com perfectibilidade e adoptar o esforço á resistencia. Se se deseja adquirir certo desenvolvimento physico dos organs é forçoso que o exercicio se execute gradual e moderadamente: E' o *treino*.»

A arte de dar ao corpo vigor e flexibilidade é conhecida desde os tempos mais remotos. Os antigos egypcios e os povos da Asia Occidental praticavam, collectivamente, exercicios coordenados, em solemnidades religiosas, pompas funebres e competições athleticas. A India e a China conheciam uma gymnastica curativa. Os celebres jogos olympicos desempenharam papel importantissimo na civilização hellenica. Nos tempos modernos a educação physica revestiu-se de uma forma scientifica, que visa augmentar a força muscular, desenvolver a circulação, corrigir as ossificações viciosas, dilatar o aparelho respiratorio; em fim, de modo racional, promover o aperfeiçoamento de todo o corpo humano.

A questão dos exercicios physicos é de capital importancia para os que têm vida sedentaria. Não sómente o exercicio, mas a recreação.

O exercicio physico educará o corpo, fortificá-lo-á, para resistir aos germes infecciosos e ás paixões sensuaes.

A recreação tonifica a alma, distrae o espirito e afasta a monotonia do trabalho, machinalmente executado.

Os nossos tempos não comportam athletas e gladiadores, que se batiam nos circos romanos,

nem tampouco as creaturas anemicas dos castellos da Idade Media.

«Cerebração esclarecida em organismo sadio, diz o citado Dr. J. A. de Magalhães: eis os dois predicados que deve possuir o homem moderno, para não falsear a sua missão, cada vez mais elevada e cada vez mais complexa.»

A cultura physica fortalece o individuo e valoriza a raça.

Os clubes de esporte, as associações athleticas e o escoteirismo preparam uma geração nova, rica de poderes intellectuaes.

O episcopado allemão, recentemente, apresentou aos seus fiéis algumas conclusões sobre cultura physica, que tentarei resumir, pois encerram toda a doutrina catholica sobre este assumpto.

Os sacramentos santificam e fazem um templo de Deus do corpo humano, que deve ser conservado puro e intacto.

Os cuidados physicos não pódem degenerar em culto, ao ponto de ficar preterida a cultura da alma.

O plano divino prestabeleceu perfeita harmonia entre os elementos essenciaes do composto humano: o peccado original subverteu esta ordem e a creatura precisa de lutar, cooperando com a graça para restabelecer a primitiva harmonia.

A carne procura subjugar o espirito, que dispõe do pudor e da modestia, impressos por Deus no coração humano. Tudo que sacrifica estas delicadas virtudes deve ser proscripto. Tremendas contas prestarão ao soberano juís aquelles que organizam escolas rithmicas, clubes desportivos e associações gymnasticas, onde, a pretexto do desenvolvimento corporal, se exhibem aspectos impudicos, que enervam o physico e corrompem o coração.

O catholicismo ordena a cultura e a hygiene physica, no intuito de crear-se o corpo forte, sa-

dió e agil, que seja digno instrumento da alma creada por Deus.

«Para bem serví-la, deve o corpo manter-se são dentro da esphera da moral e do caracter racional.»

Parecerá talvez extranho que, em tratando da castidade, se recommendam a limpeza corporal, o treino gymnastico, a observancia das regras de hygiene e prescripções similares.

Tal pensamento desaparecerá á consideração de que o homem é um composto substancial de espirito e materia e que, nestas condições, o pleno exercicio da vontade depende do equilibrio physiologico.

S. Teresa o experimentou, quando escreveu: «Ha dias que me sinto tibia; mas prescrutando-me bem, vejo que é por não estar bem disposta, por não haver digerido bem e ter dormido mal. E outros dias sinto-me fervorosa; mas examinando melhor a causa, observo que tenho passado melhor, tenho digerido e dormido bem.»

Certo que isto nada encerra de absoluto; a virtude bem póde morar num organismo depauperado e fraco, já nos extremos da vida, como o vicio desgastar uma compleição de athletas, no vigor da existencia.

4. Os bons pensamentos

«Trabalhemos, pois, em pensar bem, diz Pascal, eis o principio da moral.»

O homem possui órgãos subordinados á vontade, a qual deve guiar-se pela razão esclarecida pela fé, segundo a ordem implantada por Deus.

A segurança neste estado de animo deve ser mantida pelo pensamento, que precisa pairar sempre em regiões puras e alegres.

A pureza garantirá a salubridade da alma, volvida só para o que é nobre e digno; a alegria equilibrará o espirito, nos embates e variações da sorte.

Debalde tentará conservar a pureza do corpo e a honradez do nome aquelle que tiver o pensamento saturado de corrupção e maldade.

A castidade requer o afastamento de todo pensamento, palavra e imaginação impudicos.

Os máos pensamentos penetram, facilmente, na alma, como os microorganismos da atmosphera se introduzem no corpo humano.

Escapar á influencia destes germes mortiferos é questão capital para assegurar a vida; assim á alma faz-se mister expellir as imaginações lubricas e peccaminosas.

Nem sempre se consegue, de prompto, expulsar uma lembrança indigna, mas permanece de pé o preceito de não lhe conceder guarida e alojamento.

Para contrabalançar o influxo malefico das idéas impuras, o desejo de uma existencia, moralmente, nobilitada e a aspiração suprema do perfeito e do bello devem constituir o alicerce da virtude.

Os bons pensamentos protegem o animo contra as phantasias torpes; formam uma muralha espiritual contra as representações obscenas, constituem um dique poderoso contra as ondas de infamias e a vasa de immundicias, que inundam a terra.

A contemplação attenta das maravilhas da natureza, a nota de perfeição assignalada na obra divina, tudo, emfim, convida o homem a elevar-se acima do material e do sensivel.

O coração amesquinhado pelo egoismo e solapado dos cuidados materiaes não realiza os actos de generoso desprendimento que a virtude

impõe e não comprehende as palavras do Apostolo das gentes: «*Procurae as cousas do alto; amae as cousas do alto e não as da terra.*»

A pureza da vida enquadra a nobreza das volições, dos sentimentos e até dos habitos sociaes.

A sanidade da alma exige que os pensamentos não sómente sejam puros, mas também alegres, porque a alegria é elemento primordial nas lutas da vida.

Os livros santos não perdem oportunidade de insinuar a jovialidade de espirito no serviço do Senhor e declaram que a alegria constitue uma das características dos filhos de Deus, que exultam de gaudío sobrenatural.

A serenidade de animo pertence aos valentes; e o sustentaculo nos momentos difficeis do combate e a recompensa nos dias gloriosos do triumpho.

Do contrario admittiriamos que tudo que é alegria e distendimento dos nervos, tudo que illumina as idéas fôra creado para os perversos e que a tristeza toca sómente aos bons.

Não. A religião é uma fonte de luz e de forças para os corações generosos e as almas nobres; e bem o provam as lutas intimas sustentadas pelos grandes convertidos, cuja historia acaba no dia de seu regresso ao christianismo, porque no sentir de M. Gonçalves Cerejeira, a paz da alma não tem historia, é sempre a mesma.

La bonne Souffrance, de François Coppée, e *Du Diable à Dieu*, de Adolphe Retté, dizem bem destas tragedias da intelligencia e destes dramas do coração.

Anthero de Quental, na antevisão clara do espiritualismo, fez estes versos inspirados:

«Na mão de Deus, na sua mão direita

Descançou afinal meu coração...»

Huysmans, nas suas *confissões*, analysa as baixezas e as vulgaridades da materia e no redil da catholicidade encontrou o equilibrio dos seus sentimentos e a nobreza da renovação espiritual. Os embates travados na consciencia de Durtal, que é o proprio escriptor do livro «A caminho», repetem-se em todos aquelles que comprehendem a nobilitante cruzada da propria regeneração.

Poderíamos citar philosophos e publicistas, que após a conversão, dedicaram ao serviço da Igreja os seus primoroso talentos, procurando assim a reparação do mal, que causaram. Quase todos, em paginas memoraveis, narram como amainaram as tempestades de sua alma, quando abraçaram, definitivamente, a religião catholica, fonte do bem e manancial da tranquillidade.

Bastará nomear apenas Verlaine, que confessa haver encontrado na moral christã firme apoio contra si mesmo e os seus vicios.

Daqui se evidencia quanto erra a fantasiosa juventude, que procura a felicidade no torvelinho das paixões e na servidão do peccado.

Ao lado do espirito religioso, a educação moral prega a necessidade de banir do animo o temor e os cuidados excessivos da existencia, que constituem os mais terriveis inimigos da alegria e assassinos da felicidade.

O temor destróe a esperança, paralyza as iniciativas e afasta as idéas progressistas.

A impaciencia e a preocupação matam a tranquillidade e a confiança; os cuidados e as inquietações entenebram a vida; são uma enfermidade de optica do espirito, que augmenta as cousas e lhes exaggera o valor.

A harmonia, diz illustre pensador, é tão normal ao homem, como o é para a musica.

Nas crises da alma, o temor e o cuidado representam a diminuição das forças do bem contra as potencias do mal.

Os moralistas, sem selecção de credo, unanimemente, recommendam a placidez de animo no desempenho das proprias obrigações.

A fé concede a liberdade de espirito, que repousa, tranquillamente, sob a protecção da Providencia.

5. O trabalho

As admiraveis facultades do homem supõem todas objectos determinados a que se applicuem.

O pensamento, póde dizer-se, não pára; até no somno se exerce, embora desordenadamente.

O coração pulsa constante, seu trabalho cessa quando a vida se esvae.

O Eterno sentenciou: «Comerás o pão com o suor de teu rosto».

Lei divina; necessidade natural — o trabalho é manifestação da vida.

Toda materia encerra um principio destruidor, um agente de morte e de ruina, uma fonte de resistencia e de inercia.

O homem não se exceptua. As suas mais nobres aspirações devem consistir em acostumar a vontade ás cousas incommodas ou desagradaveis, habituar o organismo ás intemperies das estações, familiarizar os membros com as fadigas e o canção e exercitar a intelligencia em trabalhos difficeis.

Deste modo o labor humano readquirirá a posição que lhe compete na ordem social, e todo elle, qualquer que seja, intelligente, honesto e util, será executado de todo o coração.

Factor de engrandecimento economico e fonte de conforto material, o trabalho offerece as maiores vantagens moraes, além de robustecer physicamente o individuo.

A actividade bem ordenada corrige o trabalho excessivo dos sentidos, fortalece o espirito, acalma os nervos e fortifica o organismo.

Perguntando, certa vez, porque tanto atormentava o proprio corpo, Cassiano respondeu que o atormentava para não ser por elle atormentado.

Quem não tem coragem de martyrizar os sentidos, acaba simples juguete das paixões caprichosas e insaciáveis.

O trabalho reveste modalidades infinitas, cada qual com seu peso especifico.

Ha, porém uma mais rude que as outras, o trabalho da pobreza honesta, nos primeiros dias da vida — são os começos difficeis.

Em taes circumstancias, fonte de energia moral e alevantamento do animo é o nobre empenho de tornar-se um membro util da collectividade humana, consolação e alegria dos paes e proveito do proximo, pelo cumprimento exacto das obrigações inherentes á posição em que se está collocado.

Numa palavra — cultivar os proprios talentos, para a gloria de Deus e dignificação da propria individualidade.

E' condição peñosa e aspera para a juventude ver-se obrigada a, desde cedo, procurar a propria subsistencia com o labor quotidiano, quando o espirito se abre ás alegrias da vida e a alma experimenta a sêde de prazeres e sensações novas.

Para estes a victoria, na luta pela vida, será o lemma: Não desanimar! Fronte erguida!

O real propheta conta que foi moço; chegou ao fim de seus dias e nunca viu o justo desamparado e seus filhos esmolando o pão.

De olhos fitos na Providencia, sahirá vencedor quem, consciente e ordenadamente, empregue todas as energias.

A biographia dos grandes homens conta innumerous exemplos de victorias, que corôaram os sacrificios perseverantes.

«Jesus, diz G. Papini, foi operario da materia antes de ser operario do espirito.»

Claude Bernard realizou suas mais proficuas experiencias no subsolo humido do Collegio de França, e Pasteur, nos baixos da escada de uma casa de commodos.

Castilho, o incomparavel manejador da lingua portugüesa, era cego, bem como o autor de «Paraiso Perdido».

Não envergonha uma occupação laboriosa, uma profissão ardua, mas honesta e digna.

A perseverança e a paciencia vencem e sobrepujam o proprio genio; incontaveis são os exemplos dos que, de uma posição humilde e de uma condição obscura, galgam os mais elevados cargos civis e postos militares.

Os jovens, principalmente, se esforcem por obter toda sorte de conhecimentos uteis e noções diversas, em qualquer ramo de industria ou de sciencia, os quaes, decerto, lhes aproveitarão muito.

A pureza é fonte de energias, que facilitarão a victoria nas lutas da vida. Um animo livre de preocupações baixas e uma imaginação toda votada ao cumprimento do dever constituem poderosos recursos para quem deseja realizar algo de grande e de nobre na sua existencia.

O grande mathematico Cauchy perguntou, certa occasião, a seus alumnos: «Desejaes ser sabios? Pois bem! antes de tudo sêde castos.»

As occupações do espirito constituem uma força extraordinaria contra os assaltos dos sentidos.

O estudo prende todas as potencias da alma: a intelligencia, na excogitação da certeza; a vontade, no fito almejado; a memoria, na retenção dos conhecimentos adquiridos; deste modo o vicio não encontra alojamento nas faculdades superiores.

Nos estabelecimentos de ensino, em geral, observa-se que os melhores alumnos no comportamento fazem maiores progressos nos estudos:

índice certo de que os corações puros vivem mais libertos do sensível e, portanto, são mais inclinados ás especulações do raciocínio.

O vício obscurece a intelligencia, prendendo-a a cogitações lubricas, enfraquece a vontade, inclinando-a para objectivos indignos, e perverte a memoria, retendo, de continuo, imagens torpes.

Observa-se, na biographia dos grandes homens, que os mais illustres creadores de obras notaveis foram de vida illibada, conservando e poupando as energias do cerebro, que os libertinos desperdiçam.

«A leitura, diz Bacon, torna o homem perfeito.» A bôa, já se entende.

Ao lado do estudo, quer o obrigatorio do gymnasta ou academico, quer o livre, do amator, a leitura, que Affonso Karr chamou de ausencia agradável de si proprio, offerece a mais bella occupação da intelligencia.

Fenelon costumava declarar que não trocava por nada no mundo o prazer que lhe proporcionava a leitura. De facto. Recreia o espirito, entre o tedio da existencia, esclarece difficuldades, illumina a razão e enriquece a memoria, com revelações novas.

Montaigne dizia que a companhia dos livros era a mais fiel e o meio mais seguro de afastar uma idéa importuna e Montesquieu consôlava-se de qualquer desgosto com um quarto de hora de leitura.

Laboram em erro os que, passada a primeira juventude, julgam não haver mais tempo para o estudo.

Escreve Gebhart que, um dia, o Cardeal de Farnese encontrou Miguel Ângelo, encanecido e alquebrado, errando pela neve, nas proximidades do Coliseu e perguntou-lhe onde ia, com tão máo tempo. O genial architecto retrucou ao purpurado: «A' escola, para aprender alguma coisa.»

Nunca é demasiado tarde para dissipar as trevas do erro e estabelecer o imperio da verdade.

Infelizmente, porém, nem sempre os livros estão á altura de sua missão instructiva e educadora. Se nunca houve livros tão numerosos e tão variados, como em nossos dias, em tempo algum se editaram tantas obras corruptoras e immoraes como agora.

Conta-se que, na India, um homem quando retirava um livro da estante, foi ferido por uma serpente e morreu. Ha livros que matam; inoculam veneno na alma.

Ruskin, illustre pedagogo inglês, condemna a falta de senso moral dos paes de familia, que deixam a seus filhos liberdade plena de lerem qualquer obra, que não seja absolutamente má e diz: «devem-se escolher os livros, romance, poesia ou historia, não pelo mal que não têm, mas pelo bem que deixam de ter.»

A leitura alimenta o espirito; logo, cumpre que seja bôa, do contrario, causará o intoxicamento da alma, como os alimentos deteriorados envenenam o corpo.

Dois requisitos asseguram o proveito da leitura: a escolha criteriosa dos livros e o uso constante e intelligente dos mesmos.

«Quereis, pergunta Seneca, que a leitura vos deixe impressão duradoura? limitae-vos a alguns autores de são espirito e bebei-lhes a substancia.»

O habito de ler contos sentimentaes, romances amorosos e novellas passionaes perverte o gosto literario, torna o individuo incapaz de uma leitura seria e constante.

E o tempo?

Não falta. Além das horas vagas dos domingos e feriados, ha sempre, durante o dia, alguns momentos disponiveis, quando se possui bôa vontade. O tempo perdido com os excessos

de *toilette* e certos generos de diversões, se fosse poupado, bastaria para algumas leituras e um pouco de estudo.

Petit de Julleville, em *O discurso francês*, calcula que o estudante, reservando, na media, uma hora diaria para a leitura, em quatro annos — mil quatrocentas horas — poderá percorrer, lentamente, até com a penna na mão, oitenta volumes em oitavo, de quinhentas paginas cada um.

Póde considerar-se excessiva esta previsão, mas é bem certo que, com um plano bem ordenado de leitura, se consegue uma cultura vasta e profunda, sem grande esforço e muito dispendio.

Samuel Richardson compôs seus celebres romances nos momentos que lhe deixava livres a profissão habitual de livreiro e typographo.

6. A conquista de si mesmo

Aquillo de que os tempos presentes mais necessitam é a força da alma; a energia moral—o caracter.

Engrandecido pelas conquistas scientificas, lo-cupletado pelo desenvolvimento economico, elevado sob diversos aspectos, o homem continúa egoista e utilitario, enfim, pobre das qualidades superiores.

As almas grandes, os espiritos desempenados e os corações nobres constituem as excepções na mediania dos costumes e habitos sociaes.

As homenagens e o respeito tributados, apesar das injustiças do seculo actual, aos portadores de um caracter sem jaça offerecem a demonstração da affirmativa supra.

O caracter, segundo Meschler, é o traço distinctivo, particular e especifico, que domina as disposições naturaes do homem. A falta deste provém da desordem — falha ou excesso — nas faculdades da alma ou em suas mutuas relações.

A intuspecção de nós mesmos, em ascética, exame de consciencia, revelará qual a brecha ou falha do caracter, defeituosidade que uma energia constante e uma resolução firme deverão corrigir. O tempo e a vontade, embora não possam modificar, de todo, a essencia individual, conseguirão conter os desmandos e emendar os desvios principaes.

A rectidão de caracter garantirá a victoria contra o mal, sem capitulações vergonhosas e derrotas humilhantes. E, se ao serviço da nobreza do espirito, se reunirem os recursos da intelligencia e os predicados do coração, de nada valerá o poder do mal.

A pureza necessita de uma força que a sustente e esta força é a integridade de caracter.

A carne, necessariamente, procura satisfazer suas inclinações e segue, fatalmente, os proprios instinctos.

Quem deseja guardar a castidade precisa dominar a si mesmo, resistir ao amor das commodidades, porque amimar escravos e condescender com servos é incitá-los á desobediencia e á revolta.

Para viver de accordo com os postulados da razão, os dictames da consciencia e as verdades da fé, não se póde prescindir de uma compressão moral, que despoje o homem do amor de si mesmo, da vontade propria e do interesse individual.

A dignidade de homem — creatura racional — impõe-lhe certa somma de sacrificios, para viver de conformidade com o dever.

O Evangelho preceitua, clara e positivamente, o sacrificio e a renuncia. Jesus declarou, peremptoriamente: «Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.»

A mortificação, tal como a entende o christianismo, não consiste apenas em certas praticas de austeridade, mas, sim, na renuncia da vontade,

desejos e sentimentos. E' convicção intima, antes de se traduzir em actos extremos.

As penitencias corporaes gozam de valor impetratorio junto de Deus, offerecem satisfações á justiça infinita; servem ainda de meio, e este muito poderoso, para forçar a sensualidade a sujeitar-se á razão e submeter as paixões ás potencias superiores da alma.

O dominio de si mesmo, pela mortificação, quer dos regalos e commodidades da vida, quer dos caprichos e desordens da vontade, offerece um lado aspero e penoso, que espanta os caracteres pusillanimes, mas retempera a alma e tonifica o coração, rompendo todo apêgo dos bens terrestres e da estima dos homens, que encadeia o espirito.

A grandeza moral desta virtude conquista os animos bem formados, que preferem os caminhos arduos e escarpados á via larga dos pequenos e mesquinhos.

Até mesmo independentemente de principios religiosos, a elite dos fortes e dos bravos não se poupa a sacrificios e trabalhos, enquanto os fracos e os villões se enervam nos prazeres e se fartam de glotonarias.

Não. O homem não é só uma collecção de visceras: coração, pulmões e estomago; é um espirito acorrentado á materia — moderno Prometheu — que aspira á liberdade.

«Seria tão absurdo, diz O. S. Marden, em *O Poder da Vontade*, dar o nome de composição musical a um amontoado de notas mal executadas num instrumento desafinado, como chamar homem a quem transgride os principios fundamentaes que estabelecem a harmonia entre a natureza humana e a divina.»

Os mais caros e os mais nobres interesses — a sanidade corporal e a honra viril — impõem a reacção firme e constante contra o orgulho e sensualidade.

7. A vigilancia

As escavações feitas nas ruínas de Pompéa puseram a descoberto o cadaver carbonizado de uma sentinella, que o tremendo cataclysmo do anno 79 da éra christã surprehendera no posto do dever. Este humilde e desconhecido soldado romano passou á historia, personificando a vigilancia.

Onde quer que haja um bem a guardar, torna-se indispensavel o emprego de todas as precauções; as sociedades organizadas, para garantia da propria existencia, premunem-se, fortemente, contra todos os elementos perversos ou principios destruidores: assim a policia garante a cidade, o exercito, o país.

O livro dos Proverbios affirma que devemos vigiar nosso coração, porque delle promanam as fontes da vida.

Dentro em nós moram inimigos empenhados na ruina e destruição do bem. Ha forças secretas, que procuram nos enfraquecer e rebaixar, tornando impossivel ou pelo menos difficilima a resistencia ás exigencias dos sentidos.

A guarda interior não é desanimo: este rouba as energias e foge ao perigo; aquella enriquece as potencias da alma e, serenamente, espera as emboscadas.

A mocidade deve estudar-se a si mesma e indagar as causas de enfraquecimento oriundas da hereditariedade, indole e meio envolvente, para oppôr-lhes a influencia neutralizante da virtude.

O coração humano assemelha-se a uma fortaleza assediada de todos os lados; a guarnição deve ser toda intrepidez e vigilancia, para não capitular vergonhosamente; se as portas ficam abertas, as pontes descidas, a breve tempo o inimigo conquistará a posição.

Os livros santos sustentam que o sabio arreceia-se do mal, mas o estulto é temerario e descuidoso.

A modestia, elemento precioso contra o fremir das paixões, é, infelizmente, uma das virtudes mais raras e descuradas.

A luz do corpo é o olho; se este fôr puro, o corpo será luminoso; mas se o olho fôr máo, o corpo estará mergulhado em trevas. São palavras da sabedoria infinita.

Os olhos, ardentes janellas da alma, necessitam de vigilância especial.

Jámais se viram, como agora, tantas scenas estonteadoras; tanta licença de palavras e exposição de formas, nos cartazes, annuncios e vitrinas. Pelas ruas e casas de diversões campeia a desenvoltura das modas femininas.

O espirito não poderá ser puro se o olhar não fôr casto.

Os aspectos lubricos, quadros e photographias, disfarçados sob os titulos de «nú artistico», e «obras de arte viva», devem ser desterrados de junto daquelle que quer ficar livre do contagio do peccado.

A degradação do espirito só se evita cerrando os ouvidos aos gracejos duvidosos, ás anedotas picantes e ás palavras impudicas; desviando os olhos de tudo que póde focalizar, na imaginação, phantasias viciosas, que arrastam a transigencias culpaveis.

Condescender com os sentidos é abrir as portas ao rebaixamento do character, degradação da memoria e envenenamento da alma.

«O' vós que entraes na vida, coração e alma tão cheios de sentimentos elevados, tomae sentido, ha lama em redor de vós.»

Estas simples e profundas palavras do autor das *Palhetas de Ouro* falam bem da decadencia moral da sociedade contemporanea, e dos perigos, que envolvem a juventude.

«Associações para homens e moços, diz S. Emerico, o Cardeal D. Sebastião Leme, é a solução,

a conclusão ultima a que chegam todos os que se preocupam com o problema da regeneração espirital da nossa época.»

Além da vigilancia individual, ha a collectiva, a solidariedade dos bons, que se guardam uns aos outros contra os assaltos do vicio.

Enquanto os máos se arregimentam e procuram, por todos os meios, embaraçar a influencia salvadora da Igreja, urge aproveitar o espirito de associação — característica dos nossos tempos — e congregar para o bem a mocidade, a fim de que, ao calor das paixões e sob a influencia defeteria dos máos exemplos e das más companhias, os jovens não se percam para Deus e para a patria.

O patrimonio moral do catholicismo é rico de associações, correspondentes ás necessidades e circumstancias dos diversos meios. Ha sodalicios de mera piedade ou de fins caritativos, de moldes um tanto austeros; outros existem, que, sem prejuizo do nobre objectivo da formação espirital, proporcionam aos seus conscriptos leituras amenas, jogos licitos, divertimentos variados, representações theatraes, sessões cinematographicas, passeios e excursões pelos campos, conferencias e cursos instructivos.

As congregações aloysianas, as ligas *Jesus, Maria e José*, as uniões de moços e os escoteiros catholicos merecem todo amparo e protecção, tanto pelo alevantamento de sua finalidade espirital, como para neutralizar a infiltração protestante e antinacionalista da Associação Christã de Moços.

A gymnastica obrigatoria em estabelecimentos de ensino e o desporto, praticado pelos amadores, beneficiam o espirito e o corpo; robustecendo o organismo, remedeiam varias doenças, que a vida sedentaria e a tensão nervosa produzem; auxiliam a formação do coração, e o aperfeiçoamento do character, porque exigem energia

e força de vontade, em exercicios que demandam não pequenos sacrificios, obediencia e respeito ao dever.

O escoteirismo offerece uma nobre escola de valor e dignificação individual, combate os vicios e as tendencias degradantes e fortalece a vontade, para dominar os extravios da imaginação e as fraquezas do temperamento.

Incontestaveis são os resultados da grande instituição badeniana, que, devidamente modificada, se vac estendendo ao sexo feminino.

Cumpre, porém, notar que se o escoteirismo é um meio de educação, a sua efficacia moral deve estar na razão directa da integridade de character dos instructores. Aos paes compete cuidadosa investigação sobre os costumes da tropa, antes de lhe confiarem seus filhos.

As nossas tropas escoteiras devem, acima de tudo, evitar que se implante em nosso meio o paradigma francês do laicismo, que prescinde dos principios eternos da verdade revelada. O escoteirismo precisa conservar a directriz de Baden Powell, que affirma, peremptoriamente, no seu livro fundamental *Scouting for boys*: «uma organização como a nossa faltaria a seus fins se não ensinasse aos rapazes a Religião.»

A cultura physica completa a educação, porque favorece o espirito de iniciativa e apprehendimento, incrementa as relações de amizade e dá o habito de encarar de frente as difficuldades da vida.

Se a religião procura conservar intacto o legado precioso das crenças de nossos avós, a patria necessita de uma mocidade destemida e forte, que a defenda nos campos de batalha e a enriqueça no labor fecundo.

O catholicismo e a brasilidade nada podem esperar de caracteres aviltados e de organismos exhaustos.

Os circulos de estudos, reunindo a mocidade em agradável e fraternal convivencia, agitam, entre os futuros mentores do país, idéas nobres, concepções brilhantes, projectos patrioticos e principios de engrandecimento moral e economico.

Em Paris, ha annos, fundou-se uma sociedade de fins humanitarios, sob o patrocínio de S. Vicente de Paulo. Alguns jovens estudantes, chefiados por F. Ozanam, se propuseram a collocar a propria castidade debaixo da égide da caridade.

O alcance social e moral desta instituição, em beneficio do pobre, não se discute; as obras, que mantém, testemunham-lhe o valor.

Não menor é a importancia da sociedade vicentina como preservatorio para os jovens, particularmente nas grandes cidades. E' mestra da vida, pois emparelha condições sociaes diversas e classes extranhas entre si; desperta nos corações generosos dos moços a compaixão da miseria.

Não páram aqui as suas vantagens: reúne — a união faz a força — proverbio inscripto no escudo belga — os jovens na pratica do bem, combate o respeito humano e arregimenta, para as sollicitudes da caridade, as energias dispersas de cada um; desenvolve salutar emulação na pratica dos deveres da caridade; por fim, de raro em raro, organiza romarias, onde, ao lado de actos religiosos, proporciona ao espirito honesta recreiação.

O apostolado leigo é indispensavel aos nossos tempos, por duas razões: a deficiencia de clero, para enfrentar o mal em todos os ramos da actividade humana, e o obstaculo que este encontra, para penetrar em certos meios sociaes.

Muitos recebem a palavra sacerdotal com scepticismo, vêm no padre o *Cicero pro domo sua*, defensor de prebendas e honrarias; os indifferentes e os orgulhosos accitam de melhor vontade a palavra de um companheiro, filho do seculo como elles proprios.

A sotaina não póde penetrar em determinados pontos e, se ahí toma assento, um ambiente de constrangimento impede a mutua expansão na troca de idéas.

A palavra evangelica, enunciada do alto do pulpito, apresenta uma feição official e circumscreve-se aos limites de pequeno auditorio; a influencia do apóstolo leigo reveste-se de camaradagem e não conhece restricções; ao contrario, attinge os mais necessitados — os arredios dos templos.

Sem congregar em associações de moços todos os elementos aproveitaveis para a bõa causa, jámais teremos em nosso país um nucleo forte, disciplinado e instruido de apóstolos leigos.

«A menina dos olhos» do actual Pontifice é «a união das forças vivas dos catholicos para exercer sobre os elementos e as manifestações da vida social a maior influencia possível moral e christã no desenvolvimento, direcção e actividade de instituições, programmas e obras, para a Restauração do Reino de Christo nos individuos, na familia, na escola, na sociedade.»

SER BOM ANTES DE FAZER O BEM

Aos que pretendem realizar algo de bom e proveitoso, em favor do reino de Deus, cumpre, antes do mais, a valorização individual, pela energia em vencer-se a si mesmo, prudencia nas acções, e affabilidade para com o proximo; em tudo, grandeza de animo, para o completo triumpho do espirito sobre a materia.

Renancia de si proprio, de seus gostos, de suas opiniões é a trilha que Christo assignalou aos discipulos.

A pureza de coração e a simplicidade de alma attrahem as bençams do Omnipotente sobre as iniciativas humanas.

G. Palau, no livro de ouro, merecidamente chamado a *Imitação do Seculo XX*, dá alguns conselhos, tão claros e tão succintos, que não tentarei resumir:

«Tenho muitas cousas a dizer-te. Praza ao céo que ouças.

Se queres defender a fé catholica, defende-a principalmente á força de boas obras.

E' preciso exaltar os meus dons mas sem faltar á humildade.

Tua fé é justamente um dos meus dons; exaltando-a, reconheces minha bondade que t'a concedeu, sem que a merecêras.

Não ha maior honra para o homem do que ter sido admittido em minha Igreja.

Todas as riquezas e todas as sciencias que são, em comparação com isso?

Oh! se comprehendêras, lastimarias a incredulidade e não a odiarias.

Quando um sabio ignora o christianismo, tanto mais sabio seja, mais será preciso, para instruí-lo, começar pelo A. B. C.

Quando alguém teime em errar, não disputes nem te obstines; é inutil parte das verdades que elle admitte.

Se és uma autoridade intellectual, vive bem, mostrando com isso o que ha de virtude na verdade.

A virtude e o amor, eis os mais terriveis adversarios do erro.

Como uma doutrina, que por si tem uma virtude divina, poderia ser falsa?

Como poderia enganar um apóstolo que, por minha doutrina, morre com humildade e dôçura?

Queres attingir á verdade? Começa por vencer a ti proprio.

Mais serás casto e humilde, mais util serás.

Saber muito sem possuir os principios da vida christã é habitar uma casa sem alicerces.

Mais vale saber pouco e viver como um santo do que saber muito e viver mal.

Leviandade e vaidade são os peores amigos da verdade.

O orgulho e o amor proprio têm necessidade de enganar para viver. A verdade só requer a simplicidade. Basta-se ella a si mesmo.

Se são precisas muitas virtudes para instruir o ignorante, são necessarios thesouros de sabedoria e humildade para ensinar o sabio.

Se fôr esclarecida a tua fé, as sciencias humanas servir-te-ão. As verdades são irmãs: a fé serve á sciencia e a sciencia confirma a fé.»

— Resta ouvir a palavra da sciencia leiga a respeito das imposições da moral evangelica.

Com os dados fornecidos pela propria medicina demonstraremos quanto erram os que declaram a castidade nociva á saúde.



VII

As exigencias do Decalogo e as conclusões da sciencia

«Depois, quando a concupiscencia tem concebido, produz o peccado; e o peccado, consummado que é, gera a morte.»

(Tiago, I, 15)

«Quanto mais te poupas agora e segues a carne, tanto mais severo será logo o castigo, e mais lenha para a fogueira ajuntas.»

(I Imit. XXIV)

«Todos os meus filhos soffrerão por causa de meu crime.»

MILTON — *Paraiso Perdido.*



As exigencias de Decalogo e as conclusões da sciencia

A SCIENCIA E A MORAL

Houve tempo em que era moda a sciencia, enfeudada ao materialismo e a salario da impiedade, insultar a fé e promover o desprestigio dos ministros da religião.

Em nome da historia assacavam á Igreja os maiores crimes e as mais negras intolerancias.

A biologia eliminava, com a hypothese da geração espontanea, todo agente extranho á materia e a evolução das especies decretava a origem simiesca do homem.

A pretexto das exigencias da natureza os physiologistas condemnavam a castidade, combatiam a pureza e proclamavam a impossibilidade da continencia.

Estes preconceitos de falsa sciencia, favoravel ás paixões sensuaes, prepararam a decadencia moral dos nossos tempos e precipitaram as gerações moças e frescas na voragem do vicio.

Hoje, porém, observa o Dr. Surbled, já passou esse tempo.

Depois que Pasteur desmentiu a geração espontanea e investigações rigorosas patentearam as falsificações de Haeckel, os espiritos sensatos reconhecem e affirmam a harmonia entre a sciencia e a fé.

Em memoravel sessão da Academia Francêsa, a 25 de maio de 1882, Renan, em termos discretos, exordiava a oração funebre da fé chris-

tã; mais de seis lustros depois, a 27 de novembro de 1913, René Bazin, director da mesma Academia, entre applausos dos assistentes — a fina flôr do pensamento humano — saudava o christianismo como fonte de vida, capaz de elevar o homem ao apice do aperfeiçoamento moral.

O mais elevado espirito scientifico contemporaneo reconhece a verdade das palavras de Leão XIII: «Não pôde existir verdadeiro conflicto entre a theologia e a physica, enquanto cada uma se mantenha dentro dos seus limites.»

Mais ainda. Sabios de fama universal e sociologos dos mais illustres reconhecem a necessidade de estreita alliança entre a sciencia e a religião, no combate á immoralidade crescente.

OS QUE NÃO CASAM

Pessôas ha que, em razão de certas difficuldades de familia, a necessidade de amparar irmãos menores ou fazer companhia a paes idosos, renunciam ao casamento e abraçam a vida celibataria.

Encontram-se tambem individuos, que, por amor de alguma profissão, desistem de contrahir o matrimonio, reservando para si, intacta, a sua liberdade. A sciencia apresenta numerosos destes espiritos devotados ao sacrificio e á solidão.

O codigo civil e o direito ecclesiastico estatuem, igualmente, impedimentos ás nupcias, em certos e determinados casos.

Estas restricções demonstram que o amor deve submeter-se á razão.

Privado de recursos materiaes ninguem pôde abraçar um estado onde se arrastaria na mais negra miseria, com mulher e filhos.

Resta ainda encarar o problema pelo aspecto medico-juridico, isto é, daquelles que, em razão de molestias contagiosas ou hereditarias, não pôdem ou não devem abraçar o estado matrimonial.

Em defesa da raça, para evitar a procreação de imbecis ou degenerados, pedem não poucos a legislação do exame pre-nupcial obrigatorio.

O illustre deputado Amaury de Medeiros já levou esta questão ao parlamento nacional.

Em Padua, na Italia, os pretendentes ao casamento submettem-se a provas medicas no Hospital Central, onde se expedem os certificados de habilitação.

Alcantara Vilhena, no livro já citado, declara-se favoravel a esta medida, que alguns estados da União Americana incorporaram ao seu codigo de leis. Cita em favor do exame medico dos nubentes as opiniões de Sousa Lima, Amancio de Carvalho, Rodrigues Doria, Cassalis, Heger e ainda outras autoridades.

O attestado pre-nupcial não basta para salvaguardar a jovem esposa das contaminações, que um marido sem consciencia lhe póde causar.

No Brasil esta medida apresenta grandes difficuldades de applicação, dado haver largos tratos de territorio, legoas e legoas de extensão, sem medicos, que passem os devidos attestados.

Ademais a questão offerece certos aspectos dignos de consideração.

Ha possibilidade do candidato, indemne ao tempo do exame, entregar-se aos excessos da vida chamada de rapaz, e, na época do casamento, oito ou quinze dias depois, offerecer o mais grave perigo de contagio.

Sem de leve alimentar suspeitas de improbidade profissional numa classe benemerita, não é de extranhar que algum candidato, officialmente noivo, ante a vergonha da denegação do attestado, procure, por qualquer meio a seu alcance, conseguir de clinicos menos escrupulosos o certificado favoravel.

Além disto, tratando-se de molestias venereas, a ausencia de «manifestações contagiosas

apreciáveis», actualmente, não implica o afastamento absoluto do perigo de infecção.

A este proposito o Dr. Maurice Fleury escreve: «No tocante ao mal blenorragico: tal symptoma revelador, muito visivel ao despertar, pôde desaparecer completamente no correr do dia.»

Não obstante estas objecções em contrario, acredito na efficiencia da lei, no sentido de compellir a melhoria dos costumes.

A providencia legislativa obrigará o doente a tratar-se melhor, corrigindo, em beneficio proprio e de sua descendencia, as graves leviandades, commettidas por ignorancia ou falta de esculpulos.

Alguns países foram mais além, decretaram a esterilização legal em castigo de certos crimes. Esta monstruosidade, indigna de governos christãos, é pleno retorno, por processo scientifico embora, á crueldade da legislação hellenica, que ordenava o sacrificio dos nascidos monstros ou invalidos.

A curabilidade completa da syphilis é materia controvertida em sciencia medica. Ferreres, na theologia moral, vol. I, cita o professor Debove: «Acreditava-se anteriormente que a syphilis era susceptivel de cura completa, e que, com um tratamento bem dirigido, se poderia conseguir o retorno do organismo á normalidade mais absoluta. Desgraçadamente, porém, a verdade dista muito de tão bello ideal.»

Sobre este assumpto podemos aceitar como ultima conclusão da medicina as palavras do professor Osler, da Inglaterra: «A syphilis é uma molestia curavel. Ella não é, contudo, *sempre* curada, mesmo com o tratamento mais efficiente; e não ha, infortunadamente, meio de determinar com exactidão se o tratamento, num dado caso, foi sufficiente para nos garantir um prognostico dogmaticamente favoravel.»

Assume responsabilidade tremenda para com o respectivo conjuge e sua descendencia quem, attingido por esta praga social, contrahir matrimonio.

Paulo Mantegazza, obstinado materialista, em *Uma pagina de amor*, fulmina tremenda sentença contra os envenenadores do proprio sangue, que geram uma prole fraca e doente.

A theologia vedã, em consciencia, abraçarem o matrimonio os infeccionados de molestias contagiosas ou syphiliticos.

A bôa razão e a longa experiencia aconselham muita prudencia em materia de tamanha importancia e de tão graves consequencias.

Individuos propensos á tuberculose ou lesados profundamente em seu physico, não pôdem nem devem pensar em casar-se, porque iriam fazer mais uma victima de sua enfermidade, na pessôa amada, e gerariam filhos de organismo debilitado e de existencia curta e dolorosa.

E' de summa importancia para as partes contrahentes a investigação de casos de loucura na familia, para que, mais tarde, não os surpreendam os filhos estupidos ou lunaticos.

POSSIBILIDADE DA CONTINENCIA

Um philosopho antigo provava o movimento... andando.

Os factos não precisam de demonstração, são evidentes. E a castidade é um facto.

Os gregos tiveram as sacerdotizas de Ceres, os romanos as virgens de Vesta, os gauleses, as druidas, os germanos, as prophetizas, e os incas, no Perú, as esposas do Sol.

O monachismo christão e o sacerdocio catholico fazem profissão de vida celibataria e o mesmo se observa em muitas religiões do paganism, onde á iniciação nos mysterios sagrados, quase sempre, precede uma vida de rigorosa continencia.

Resta agora ver se as conclusões dos estudos scientificos estão de accordo com estes factos do dominio religioso.

Aos medicos compete a primeira palavra, pois o assumpto lhes diz respeito immediato.

Durante a puberdade o organismo passa por modificações profundas e o jovem experimenta necessidade imprescindivel de todas as suas energias vitaes, até que se consolide sua nova natureza.

Nessa longa época de crescimento e de evolução organica, operam-se graves transformações physicas e psychicas, que assignalam o transito da meninice para a adolescencia e desta para a virilidade.

Eis a razão pela qual as maiores autoridades nessa materia reconhecem e proclamam que a castidade não sómente é possível, mas até se torna necessaria aos moços, porque o organismo, ainda em formação, deve armazenar energias para despender mais tarde.

O Dr. Ribbing apresenta estatisticas comprovadoras, das quaes se depreheende que o indice da letalidade de individuos casados antes de 20 annos se eleva a 60 %, e nos casados depois desta idade a percentagem desce a 14.

P. Mantegazza, insuspeito de preocupações religiosas, escreve, no livro *Hygiene do amor*: «Nunca vi uma doença, sequer, causada pela castidade.»

J. Payot, em *A Educação da Vontade*, condemna a theoria da necessidade, taxa-a de «pretenso axiomas, que servem para legitimar o triumpho da besta humana sobre a vontade racional.»

Sir James Paget diz que a disciplina da castidade não offende á alma nem ao corpo e sua disciplina é preferivel a todas as outras.

Os illustres professores Tanner de Abreu, A. Autregesilo e Hilario de Gouveia, notabilidades conhecidas em todo Brasil, responderam a

uma consulta da «Liga pela moralidade» com positiva declaração em favor da castidade pre-matrimonial.

A Faculdade de Medicina da Universidade de Oslo, Noruega, proclamou, sem fundamento experimental algum, a affirmação de que a pureza e a moralidade sejam prejudiciaes á saúde.

A Conferencia Internacional de Prophylaxia de Bruxellas, onde tomaram assento mais de trezentos votantes, unanimemente, declarou desconhecer a existencia de qualquer prejuizo para a saúde originado de uma vida pura e moral e que a continencia e a castidade devem ser recommendadas sob o ponto de vista medico e hygienico.

Georges Surbled sustenta que os males da incontinnencia são notorios e incontestes e os da castidade desconhecidos e imaginarios.

Kraft-Ebing, summidade da medicina allemã, emitta a opinião de «que um grande numero de homens, normalmente constituídos, pôdem pôr um freio ás suas paixões».

Dr. Niesser, professor em Breslau, Alemanha, tratando do alevantamento moral do povo, pela regeneração dos costumes, diz: «Esta scientifica reacção em favor da sã hygiene e da velha moral é salutar e preciosa.»

Dr. Paulo Good lança um repto a que lhe provem a existencia de uma só — uma só — molestia proveniente da castidade.

Ludwig Jacobsohn, de Petrogrado, colligiu, entre notabilidades medicas mais de oitenta por cento de opiniões favoraveis á castidade masculina. Escreveu a mais de duzentos professores de physiologia, neurologia, psychiatria e outros ramos da sciencia medica, na Allemanha e na Russia. A grande maioria dos sabios consultados affirmou que a castidade é inoffensiva á saúde; apenas 39, sendo 11 russos e 28 allemães, apresentaram algumas duvidas e 4 declararam que não tinham experiencia sobre o assumpto.

Cincoenta medicos e professores dos Estados Unidos, recentemente, subscreveram esta declaração — «A castidade, isto é, uma vida pura e continente, concorda com as melhores condições da saúde physica, mental e moral.»

A igual conclusão chegou a *Sociedade Alleman para a luta contra as molestias venereas*.

Antonio Forjaz, lente da Universidade de Lisboa, em conferencia publica, affirma: «Podia citar-vos trechos numerosos, colhidos no estudo da correspondencia dos homens celebres de todos os seculos, por exemplo, na dos insuspeitos d'Alembert e Lagrange, para vos mostrar como o simples grão de cultura é sufficiente para annullar, ás vezes, as sollicitações da carne.»

Serras e Silva, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, exprime este conceito sobre tão momentoso assumpto: «Não é portanto em nome da hygiene, nem com os suffragios da sciencia, que se pôde sustentar a these da castidade absurda e physiologicamente impossivel. Defenda-se, por motivos de sensualidade e de prazer, essa these dissolvente, porque a sciencia não a pôde sustentar.»

Vinte e uma universidades da Allemanha, Austria e Suissa, em «appello», reconheceram que a continencia é não só inoffensiva, mas até necessaria.

Silva Gonçalves, no precioso livro «Lutas do espirito e da carne», além de eruditas e copiosas citações de illustres medicos do país irmão, tráz extensa lista de summidades em sciencias medicas, de todas as nações cultas, favoraveis á observancia da castidade.

OBJECÇÕES

Depois de tão importantes testemunhos em favor da castidade, parece, não ha mais a refutar ás accusações que se levantam contra a mais sublime virtude do christianismo.

Já vimos que, empregados certos cuidados, no tocante á moral e á hygiene, qualquer individuo, normalmente constituído, póde, honrosamente, manter-se na abstenção da impureza.

Não falo, é claro, de certas aberrações, classificadas por Pende de temperamentos hypergenitaes: são anomalias com as quaes a regra geral nada tem que ver.

Alguns atacam a continencia em nome da demographia; não é serio este argumento, primeiro porque o celibato religioso attinge uma percentagem infima da população, segundo porque as estatisticas provam que a despopulação caminha na razão directa da deschristianização das familias. As regiões mais fervorosas e de maior numero de vocações religiosas distinguem-se pela grande natalidade.

Objectam muitos que a castidade viola os direitos naturaes do homem. Ora, este argumento fallece de razão, porque a posse de um direito não obriga, necessariamente, o seu uso.

S. Thomás responde, admiravelmente, dizendo que a divina providencia concedeu ao homem todos os dotes que lhe são necessarios, embora o individuo não esteja *ipso facto* obrigado a fazer emprego dos mesmos. E pondera: qualquer um terá habilidade e forças para construir uma casa ou combater numa batalha, no entanto, nem todos são soldados ou pedreiros.

Curiosas observações e multipla: experiencias, colhidas na zoologia e na botanica, provam a reabsorpção e o enxerto da energia procreadora nas vidas sensitiva e vegetativa.

O Dr. Nery Pinto, em seu valioso livro *O casamento e celibato*, escreve: «Nos animaes e nos mesmos vegetaes vemos, portanto, um — por assim dizer — estado celibatario conveniente para o prolongamento da vida, sem contudo deixar de haver a reproducção da especie em geral, para o que não é necessario que todos os seres exerçam as funcções da geração.»

A necessidade social do matrimonio não se póde applicar a cada pessôa de per si, o que iria de encontro á lei natural, pois, a desigualdade entre o numero de homens e mulheres levaria a sociedade á polyandria ou á polygamia.

A theoria da pretendida necessidade physiologica está destituida de fundamento.

Argumentam os inimigos da castidade, dizendo que esta virtude offende á saúde, e causa perturbações nervosas.

O notavel professor Pinkus, Allemanha, declara que «os incommodos da abstinencia estão longe das perturbações psychicas sérias que se seguem ao conhecimento de ter contrahido uma affecção venerea.» Moll, outro medico illustre, emitta opinião identica.

Antonelli, á pag. 253, vol. II, da theologia pastoral, fundado no testemunho de autoridades competentes, sustenta que a debilidade e irritação do systema nervoso não se originam da continencia, mas do abuso das satisfações da carne.

A. Gemelli, depois de estudar, profundamente, o assumpto, conclue, com a sciencia e as estatisticas, que os medicos desconhecem molestias provenientes da castidade.

Dr. Onofre Infante, apoiado em numerosas observações, affirma que o numero de alienados em consequencia dos excessos sexuaes é enorme.

Gruber, grande autoridade nesta materia, proclama: «Não ha sombra de prova de que a continencia seja prejudicial á saúde. Para o abstinente, a abstinencia se torna progressivamente mais facil.»

H. Loeb sustenta que todo homem normal póde, sem prejuizo para a saúde, guardar a continencia, comtanto que não excite propositadamente as tentações, «principalmente se se entregar a exercicios e occupações de espirito convenientes.»

Alcantara Vilhena, no livro já citado, diz que não consta existir no Hôspicio Nacional de Alienados nenhum demente senil que houvesse sido casto. E acrescenta: «Quanto ás perturbações nervosas e psychicas, nervosismo, neurasthenia, melancolia, hypocondria, excitação cerebral; nevrose de angustia, hysteria, epilepsia, não ha observação alguma concludente. Nós mesmo, não só procurámos, durante cinco annos de vida academica á beira dos leitos dos doentes, um só caso de molestia em que podessemos achar algo em que peque a continencia e não encontrámos mas recommendámos a todos os nossos amigos que nô-los procurassem, nos serviços em que trabalhassem e não nos deram relação de um só.»

Dr. Pedro de Alcantara Marcondes Machado, em *Um Ensaio de Moral Sexual*, these de doutoramento, approvado pela Faculdade de Medicina de S. Paulo, estuda, longamente, o problema da castidade masculina pre-matrimonial, refutando as objecções de ordem physiologica, hygienica e pathologica, aliás sem preocupação alguma de principios religiosos. Estabelece a continencia sobre uma base de «dupla abstinencia». Comprova o que já affirmámos: ser difficilissimo, senão impossivel, guardar-se de actos impuros, «abstinencia physica», aquelle que não afasta os pensamentos e desejos lascivos, «abstinencia psychica».

O doutorando de então estabelece um parallelo entre as molestias da continencia e as da incontidencia e á pagina 94 escreve:

«Os males apontados como provenientes da continencia, isto é, «sensação de peso na cabeça, mal estar, dores testiculares, fadiga, energia diminuida», etc., e isto mesmo em casos que não nos informavam o gráo de abstinencia psychica praticada pelo individuo, não se comparam nem por sombras aos males causados pela incontidencia; e se nunca ninguem morreu por causa da continencia, a incontidencia causa, pelo contrario, de-

vastações sem nome, e ninguém pensará em contestar a importancia da syphilis como factor etiológico nas estatísticas obituarias.»

Cumpre-nos agora responder á objecção mais moderna e revestida de apparatus scientifico. Alguns autores, apoiados nas theorias de Freud, sustentam que a castidade occasiona a nevrose.

Refutar a esses adversarios da observancia do VI preceito do Decalogo é facil; basta invocar o testemunho dos factos. Se o esforço necessario á repressão da sensualidade produzisse a exaltação nervosa, todos os castos seriam neurasthenicos. O que não é verdade.

Faz-se evidente que a nevrose não provem de resistencia ás tendencias da carne, porquanto o seculo actual mui fracas barreiras oppõe ás inclinações sensuaes. Modas exageradas, costumes desenvoltos, livros torpes, cinemas immoraes, theatros livres e figuras obscenas offerecem farto alimento á luxuria. Nessas condições favoraveis á libertinagem, se os principios da psychanalise fossem verdadeiros, as enfermidades do systema nervoso não mais pertenceriam á clinica dos nossos dias.

Infelizmente, porém, o contrario disso é o que nos apresenta a experiencia: dia a dia rareiam os individuos equilibrados e senhores dos proprios nervos.

Refutados os argumentos contra a castidade, vae por terra a theoria da necessidade physiologica.

BENEFICIOS DA CASTIDADE

Estudos aprofundados da psychologia humana apresentaram conclusões favoraveis á castidade.

Deixando de parte as funcções das diversas glandulas do organismo, especialização scientifica, que o escopo deste trabalho não comporta,

acceitemos a conclusão do professor Tanner de Abreu: «Da observancia destas virtudes resultam beneficios corporaes e intellectuaes.»

Dos beneficios corporaes enumera a preservação das infecções syphiliticas e a economia das reservas dos nervos; entre os intellectuaes apresenta especificações exemplificadoras.

E' logico. A economia do calcio e do phosphoro no organismo é fonte de grandes beneficios; a castidade favorece a esta economia.

Os lutadores são obrigados á continencia e, para o exito dos encontros, devem evitar toda e qualquer intemperança. Hager o affirma a respeito dos actuaes boxistas ingleses.

Se esta virtude traz tão importantes vantagens ao physico, não menores beneficios offerece á ordem moral, na educação da vontade e formação do character.

E quando estes raciocinios, que valem conclusões rigorosamente scientificas, não bastem, a ambição da resistencia organica e o desejo de uma prole são devem constituir freio energico aos desmandos da besta humana.

A aspiração nobre de melhorar physica e moralmente as qualidades da propria especie offerece apoio e sustentaculo á reacção do dever contra as seducções dos sentidos.

Mr. Galton fundou uma nova sciencia — a eugenia — que visa o possivel aperfeiçoamento do homem, quer no ponto de vista physico, quer mental.»

Entre os povos de origem germanica, na Europa e na America, e na Checoslavia, esta nova sciencia se acha fundada e bem cuidada.

O governo mantém fazendas de criação, estações de monta e postos zootechnicos, com enormes dispendios, e deixa ao abandono o proprio homem.

E' bem veridico, infelizmente, em nossos dias, o brado de Miguel Pereira: «O Brasil é um immenso hospital.»

O grande medico e insigne patriota apontava as grandes calamidades nacionaes: o impaludismo, a ancylostomiase e a syphilis.

O professor Eduardo Rabello declarou que «a syphilis é em nossa cidade (o Rio) o maior exterminador da vida humana». E o Dr. Oscar Clarck, em prelecção publica, affirmou que «uma enfermaria de clinica medica no Brasil é quase uma enfermaria de syphilis visceral.»

Os casamentos entre syphiliticos, degenerados, alcoolatras e lunaticos, realizam-se todos os dias, augmentando a leva de imbecis e invalidos.

O bom nome da nacionalidade impõe que risquemos, á face dos povos civilizados, o deprimente conceito de James Bruce, ex-embaixador da Gran-Bretanha em Washington: — o Brasil é uma nação perdida por causa da inferioridade da raça.

Olavo Bilac foi o grande apóstolo do evangelho do civismo; em appellos ás energias patrias, acordou a consciencia nacional e apontou á mocidade os grandiosos destinos do país.

Urge que appareçam apóstolos da civilização da nossa gente, elevando o nivel moral do povo e augmentando-lhe a capacidade productiva.

De que modo? Curando os intoxicados e os infeccionados e premunindo os sãos, para que não contraiam o germé de terriveis molestias.

Em linguagem scientifica chama-se eugénizar.

Consegue-se isto, diz João Ribeiro, «por providencias acceptaveis que impeçam a degeneração moral do individuo.»

A geração moderna, depauperada e enfraquecida, justifica, plenamente, as palavras de Emilio de Rousseau: «Esgotados os jovens, quando o corpo está a desenvolver-se, ficam rachiticos,

anemicos, defeituosos na estrutura; são como as vinhas obrigadas a dar fructos na primavera, porque morrem antes do outomno.»

As molestias venereas, quando não destroem a vida, fazem-na curta e penosa.

Na Allemanha e nos Estados Unidos as estatisticas das companhias de seguros de vida demonstram que, em 70 %, os syphiliticos findam a existencia antes do tempo que as probabilidades normaes deixam prever.

O sentimento e a obrigação de defender o solo patrio proporcionam á mocidade novo estímulo na luta contra a decadencia physica e a degeneração moral.

Corroborá esta affirmativa uma ordem do dia do general Pershing, em 1917: «E' uma grande necessidade vital para todo homem do exercito americano manter-se no melhor estado physico. Um soldado que contrae molestia venerea, não sómente soffre um mal irreparavel, mas torna-se um soldado inutil, um embaraço para o exercito.»

O TEMOR DAS INFECÇÕES

Ao lado do temor de Deus, dos elevados sentimentos de honra viril, nobreza de character e principios de educação, o perigo do contagio das mais horripilantes e devastadoras enfermidades pôde esbarrar á borda do vicio um individuo intellectualmente equilibrado.

Inventar os perigos ou exaggerar os existentes seria indigno desta nobre causa, e, além do mais, contraproducente, porque, conhecida a fraude dos propugnadores da castidade, haveria novo estímulo para o mal, considerado immune de todo risco.

Os testemunhos das notabilidades medicas de todos os países cultos affirmam unanimes o contagio das molestias chamadas venereas.

Peor ainda. A ruina não se limita, exclusivamente, ao transfuga do dever; não, vae muito mais além.

As infecções venereas estiollam, no recesso do lar, a flôr da felicidade e crestam o amor entre sêres que se adoravam.

Determinam o apparecimento de una prole mirrada e doentia e, consequentemente, o cuidado especial de que não prescindem estas creaturinhas rachiticas e os gastos de medico e pharmacia.

Dr. Rulot, primeiro inspector do ministerio do interior e de hygiene da Belgica, referindo-se á syphilis, sustenta: «E' pois uma molestia especifica. Além disto é *terrivelmente contagiosa*; pôde de facto ser transmittida por um contacto qualquer; o simples toque do doente, o uso de algum objecto (copo, colher, garfo, cachimbo, navalha, instrumento de sopro, roupas) de que elle se serviu, são frequentemente transmissores do mal.» E adverte mais: «Pela mesma razão se torna o syphilitico um permanente perigo para os seus familiares (paes, parentes, irmãos, irmãs, mulheres, filhos, companheiros de officina ou de escriptorio) perigo tanto maior quanto, geralmente, se ignora.»

Ademais é hereditaria; e a hereditaria, na maioria dos casos, é mais terrível que a adquirida.

As estatisticas de Fournier dão para metter medo aos mais descuidosos do futuro dos seus descendentes: em 3.338 creanças heredo-syphiliticas a mortalidade ascendeu a 68 %.

Não páram no individuo ou na familia as desgraças oriundas desta praga social.

Constitue verdadeiro suicidio colectivo o facto de um povo descer do nivel de estricta moralidade.

A fome, a peste e a guerra são flagellos da humanidade, assolam as nações, mas pasçam ao cabo de algum tempo, deixam intactas as energias latentes da raça e, depois de alguns annos, refazem-se os estragos, cresce a população e desenvolvem-se as fontes da riqueza publica.

A syphilis corróe o cerne da nacionalidade, desgastando todas as reservas physicas, moraes e intellectuaes de um povo.

Foi isto que levou um medico norte-americano e acatholico e dizer que «Os males tão graves causados pela guerra, fome e peste são insignificantes comparados com as praticas viciosas da juventude.»

O professor H. Rôxo affirma: Se não houvesse syphilis, se não houvesse alcoolismo, 80 % dos alienados não existiriam.»

O esclarecido patriota francês, Paulo Droulède, escreveu estas palavras: «viciar o sangue é peor que derramá-lo.»

CONCLUSÃO

«O temor do inferno, diz Hoornaert, nunca poderá ser substituido pelo temor de um hospital, nem por um remedio, o Evangelho.»

Certo que solidos principios de formação moral e esclarecimentos positivos sobre os perigos do contagio sustentarão á borda do precipicio os mais cautelosos e reflectidos; o receio de contrahir enfermidades vergonhosas e de consequencias medonhas é subsidio e reforço de valor nos combates da pureza, mas não bastam.

Proclamam-no os mestres da ascetica; confessam-no os cultores da medicina.

Dr. Sousa Araújo propugna a abstenção do peccado como medida prophylatica por excellencia.

O professor Augusto Paulino, numa prelecção, na faculdade medica do Rio de Janeiro, expôs estes conceitos: «Depois de indicar-vos tudo o que a sciencia dos nossos dias prescreve, afim de evitar o contagio das molestias venereas, ter-riveis em suas consequencias, e de demonstrar-

vos a fallibilidade respectiva, resta-me declarar que o unico preceito *absolutamente* seguro é o do sexto artigo do Decalogo: *Non Moechaberis*. «E' a unica prophylaxia certa em materia de venereologia.»

O illustrado professor de physiologia da Universidade de Glasgow, Dr. John G. M. Kendrick, faz esta advertencia: «A melhor salvaguarda consiste em cultivar em si a pureza de pensamento e a disciplina de todo o ser.»



A Gloria

«Agora vemos a Deus, como por um espelho, em enigma; porém então face a face. Agora o conheço imperfeitamente; mas então o conhecerei também como eu mesmo sou conhecido.»

(I Cor. XIII, 12)

«Mas considera, filho, o fructo desses trabalhos, o seu prematuro termino e a recompensa, infinitamente grande, e não terás de que sentir gravame; ao contrario, fortissimo será o allivio de teu soffrimento.»

(III Imit. XLIX)

*«O' contento! ineffavel alegria!
«O' de paz, e de amor integra vida!
«O' tranquilla riqueza sem cuidado!*

DANTE. — O Paraiso.



A Gloria

Nelson, em plena mocidade, desembarcou nas costas do Canadá e, por uma felicidade criminosa, abandonou seu posto, seu navio e seu futuro.

Alguns dos seus subordinados irritam-se, vão a terra e, á força, arrancam o commandante aos braços, que o prendiam, e dizem: «Nelson, o vento sopra, a gloria vos chama!»

Estas palavras acordam a alma do grande nauta, despertam-lhe as energias adormecidas e elle parte, vellas pandas e coração altivo, para os triumphos de Aboukir e Trafalgar; assegura os destinos marítimos de Albion e prepara a hegemonia dos oceanos.

Mocidade: a gloria vos chama! Sopra o vento das paixões, encapellam-se as ondas do peccado.

Mocidade: a honra viril, a dignidade da especie humana vos convida aos triumphos da razão contra os sentidos, do dever contra o egoismo.

A gloria vos chama!

Dos esplendores da civilização, das pompas da velha Roma, chegaram até nossos dias as narrativas do triumpho, suprema honra, que a gratidão da patria conferia aos generaes conquistadores.

No Campo de Marte reunia-se tudo que de grande ostentava o povo soberano do universo e um cortejo immenso e inegualavel transpu-

inha a porta triumphal e seguia até o templo de Jupiter Capitolino, no alto da collina sagrada, onde assentava o throno do imperio do mundo.

Os paes conscriptos do senado, de tunicas lacticlavias, ostentavam os signaes do poder; consules, edis, magistrados da republica, lictores e escribas formavam o prestito, avolumado pela plebe, clientes e protegidos.

Atrás; os despojos munificentes das cidades conquistadas, uma constellação deslumbrante de riquezas e trophéos; os miseros prisioneiros, indefesas victimas dos escarneos da multidão; no extremo da procissão, o triumphador, envolto em purpura abrochada de pedrarias, em carro de marfim, entre as nuvens de incenso, que os escravos queimavam em caçoilas de prata, não era um homem... era um semi-deus...

No entanto, não poucos dos que pela estrada de Appio galgaram as cumiadas do Capitolio, foram, mais tarde, precipitados da Tarpéa... e atrás do semi-deus ia sempre um escravo, que dirigia chufas e improperios ao triumphador, para o advertir e relembrar da mesquinhez da condição humana.

O Senhor dos exercitos preparou tambem um triumpho para o vencedor das batalhas psychologicas, travadas, no recesso da alma, entre o espirito e a materia, a razão e os sentimentos, o imperativo do dever e a fraqueza da vontade.

Esta gloria excede a dos semi-deuses romanos: por toga, a estola «branqueada no sangue do Cordeiro»; por quadrigas alvissimas, as asas da alma, librandose nas espheras sideraes; por scenario triumphal, os páramos celestes; por ovações, o côro dos bemaventurados; por um esplendor ephemero, os seculos sem fim da eternidade....

A liberalidade divina formou um lugar de deleites para aquelles que forem fiéis na observancia da lei.

O céo é o premio promettido aos combatentes da virtude; lá os vencedores tomam assento no throno do Omnipotente, todos cingidos de corôas e ornados da palma da victoria.

E' um eterno remanso de paz; onde não ha lugar para dores, angustias, prantos, nem suspiros.

E' uma morada de delicias; onde as intelligencias celestes, arrebatadas no eterno extase, se inebriam nas torrentes dos gozos ineffaveis.

E' um reino sempiterno; onde se encontra a felicidade immutavel e perenne.

E' o termino das canseiras deste exilio e o repouso seguro na patria.

S. Paulo, na I Epistola aos Corinthios, II, 9, diz que os olhos mortaes jamais viram, os ouvidos ouviram, o entendimento humano excogitou, o coração pretendeu nada comparavel á felicidade preparada por Deus para os que o amam.

«E transportou-me em espirito a um monte grande e elevado, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céo, de junto de Deus, illuminada da claridade de Deus. A sua claridade era semelhante a uma pedra preciosa, imitando uma pedra de jaspe, transparente como um crystal. Tinha uma grande e alta muralha, com doze portas; e nas portas doze anjos, e nomes escriptos, que são os nomes das doze tribus dos filhos de Israel. Da parte do oriente, tres portas; ao norte, tres portas; ao sul, tres portas; e tres portas ao poente. E a muralha da cidade tinha doze alicerces, e nestes doze alicerces os nomes dos doze Apostolos do Cordeiro Sua muralha era construida de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro limpido. E os alicerces da muralha da cidade eram ornados de

todas as pedras preciosas... E as doze portas eram, uma por uma, doze perolas; e cada porta era de uma perola; e a praça da cidade ouro puro, transparente como crystal... E não entrará ahi coisa alguma contaminada ou quem commetta abominação e mentira, porém, só os que estão inscriptos no livro de vida do Cordeiro.» (Apoc. XXI)

«E olhei; e eis que o Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião e com elle cento e quarenta e quatro mil traziam escripto em suas frontes o nome d'elle e o do seu Pae. E ouvi uma voz do céu, como o rumor de muitas aguas, e como o roncar de um grande trovão; e a voz que ouvi era como a de citharistas que tocavam as suas citharas. E cantavam como que um cantico novo deante do throno, e deante dos quatro animaes e dos anciãos; e ninguem podia entoar o cantico, senão os cento e quarenta e quatro mil da terra que foram comprados. Estes são os que se não contaminaram com mulheres, pois são virgens. Elles seguem o Cordeiro por toda a parte aonde fôr.» (Apoc. XIV, 1 a 4).

«Assim tambem a resurreição dos mortos. Semeia-se em corrupção, resuscitará na incorrupção. Semeia-se em vileza, resuscitará na gloria; semeia-se em fraqueza, resuscitará em vigor.» (I Cor. 42 e 43).

«O nosso viver, porém, é em communicação com os céos, donde esperamos tambem como Salvador a nosso Senhor Jesus Christo, que transformará o nosso corpo de humilhação, fazendo-o semelhante a seu corpo glorioso, pelo poder que tem de sujeitar a si todas as coisas.» (Philipp. III, 20 e 21).

«No renovamento universal, serão elevados todos os seres. Os espiritos inferiores, as almas, adquirirão las propriedades dos espiritos superiores, os anjos. E' esta a doutrina do mesmo Evangelho.» (S. Thomás.)

«O fogo, que ha de queimar o mundo, no ultimo dia, mudará as qualidades dos elementos corruptiveis, e o que pertencia aos mesmos corpos, sujeitos á corrupção, será substituído por outras qualidades, que hão de convir aos nossos corpos, tornados incorruptiveis; de modo que o mundo, assim renovado, ficará em harmonia com a natureza dos homens resuscitados. No dia do juizo final, serão renovados o céu e a terra; mudarão de figura, mas não de natureza.» (S. Agostinho.)

«No dia do renovamento universal, as almas humanas adquirirão as propriedades dos anjos. E pela mesma razão os corpos inferiores hão de vir a ter as propriedades dos corpos superiores. Ora, como os corpos inferiores só podem receber dos celestes a claridade, segue-se que se tornarão luminosos.

Demais, o renovamento do mundo terá por fim pôr o homem em estado de conhecer pelos sentidos, nas creaturas corporaes, os indícios da divindade. Ora, de todos os sentidos o mais subtil é a vista.

«E' necessario, pois, que todos os corpos inferiores sejam melhorados nas suas qualidades visiveis, das quaes a principal é a luz. Do que resulta serem revestidos todos os elementos como de um manto de luz; não por igual, mas consoante a natureza de cada um.» (S. Thomás.)

«Na terra dos vivos, as roseiras sempre com flôr formam uma perpetua primavera. A alvura do lyrio e o purpureo do açafão esmaltam

os prados verdejantes. O balsamo exhala os seus perfumes; e das arvores, sempre floridas, estão pendentes pomos que não acabam, e quantas mais se comem, mais se appetecem. (S. Agostinho.)

— — —

«A terra, que teve em seu seio o corpo do Senhor, será um paraíso; e como foi rociada do sangue dos santos, estará continuamente ornada de odoríferas flôres e violetas que nunca jámais murcharão.» (S. Anselmo.)

— — —

«Terão todos os sentidos dos bemaventurados as suas próprias e admiráveis satisfações, que os olhos nunca viram, nem os ouvidos ouviram.»
(Cornelio a Lapide)

— — —

«A vista, o ouvido, o olfacto, o paladar, o tacto, todos os sentidos dos bemaventurados gozarão de admiráveis prazeres.» (S. Anselmo.)



NOTAS Á MARGEM



O matrimonio christão

Christo, esquivo sempre ao bulicio das festas e aos encantos dos prazeres, presidiu a uma solemnidade de nupcias, em Caná de Galiléa.

L. Veuillot deste modo explica a significação profunda de semelhante acontecimento: «Assim como entrou no rio da penitencia para santificar a agua, que ha de ser a materia do sacramento da regeneração, atravessa tambem aquella festa de bodas, e a glorifica com um milagre para honrar eternamente o matrimonio, sacramento futuro, que purificará a fonte da vida.»

Então o divorcio e o celibato solapavam a decrepita sociedade romana e o matrimonio não passava de um miseravel contracto. Augusto, prevendo a derrocada, pedia leis aos paes conscriptos do senado e versos aos cultores das musas.

Inutilmente. Horacio, o melhor poeta, era celibatario, como os consules legisladores.

A familia é obra da mão divina.

E' o apoio necessario e a base natural da sociedade humana; a instituição elemental das gentes, que lhes marca o progresso e a decadencia. E' o fundamento e a vida de todo organismo politico, o santuario das tradições do povo e a escola de todas as virtudes.

Remontando aos primordios da humanidade, a Biblia nos desvenda a origem e a razão de ser da familia.

As lendas dos povos mais antigos da terra confirmam a narração do Genesis.

Os gregos e os romanos fundamentaram a sociedade domestica sobre principios religiosos.

Fustel de Coulanges, na *Cidade Antiga*, profundo estudo da sociedade greco-romana, que deveriam ler todos os interessados na governança hominal, exarou esta declaração: «O que uniu os membros da familia antiga foi alguma coisa de mais poderoso do que o nascimento, o sentimento, a força physica: a religião do lar e dos antepassados. Foi ella que fez que a familia formasse um corpo nesta vida e na outra.»

Theorias humanitarias e utopias sociologicas, não pôdem, satisfatoriamente, explicar a origem da aggremação familiar.

O sensualismo procura estabelecê-la sobre os sentidos; rebaixa o matrimonio á categoria de uma ligação de finalidade puramente egoistica. São aquelles que se corôam de rosas e se enchem de vinhos capitosos, porque a vida é curta.

Explicação falha, porque os sentidos, além de constituirem a parte inferior do homem, têm actuação passageira.

Os irracionaes gozam de sentidos e transmitem a vida, mas não fundam familias.

A intelligencia tambem não póde offerecer um vinculo sufficientemente forte e duradouro. O genio, affirmam, é celibatario: cerra-se no gabinete, para admirar os esplendores da sciencia.

O utilitarismo moderno pesa os prós e os contras, os proventos e os encargos, calcula as vantagens materiaes, depois fixa a escolha e diz ao coração: cala-te. Para estes o matrimonio é uma transacção mercantil, uma oportunidade de galgar a mediania confortavel, quando não a propria riqueza; desposa o dote e não a mulher; procuram-se os depositos bancarios e não as qualidades do character.

Systema aviltante, que desconsagra as uniões, dissolve a familia, sacrifica a prole e compromette o futuro da sociedade.

O christianismo, embora collocando a castidade celibataria em plano muito superior, chama o matrimonio de grande sacramento, compara-o á união de Christo com a Igreja e proclama que o homem não pôde separar, no tempo, o que Deus uniu para toda a vida.

O valor social da castidade, como escola de abnegação, quando observada para melhor desempenho de uma tarefa humanitaria ou para dedicação completa ao serviço divino, é incontestavel a quantos olham as realidades da vida por um prisma elevado acima das vulgaridades da materia.

No entanto, se o matrimonio não é uma necessidade individual, o é para as nações e torna-se uma função social, que deve ser nobilitada por aquelles que são chamados á sua representação.

A Igreja não desconhece nem condemna o appetite natural e os legitimos reclamos da physiologia humana. Reconhece na força procreadora uma prerogativa sagrada e regula seu uso e seu emprego.

E' santificação do instincto, elevado á dignidade do casamento, para perpetuar a raça humana.

«E' necessario, diz Montefeltro, subir mais alto para encontrar a base desta instituição divina; porque na familia o homem não transmite sómente a vida material, mas tambem a vida espi-ritual: transmite suas idéas e suas virtudes.»

— — —

Felippe III de Espanha, ao morrer sua esposa, exclamou: «E' o primeiro grande desgosto que ella me causa, em 23 annos de vida conjugal.»

Muito se tem dito da felicidade do lar, do conforto que se pôde encontrar no ambiente da familia, ainda mesmo em meio das agruras da existencia.

Varios escriptores traçaram, em suas obras, paginas admiraveis sobre tão nobre e delicado assumpto.

Julgo, porém, que muito resta a dizer do que ha de sublime, de poetico, de quase divino, na união de duas almas, que se juraram mutua fidelidade até a morte.

O paganismo, nos esplendores da civilização hellenica e na sumptuosidade do poder romano, não lhe descobriu todos os encantos e todas as grandezas.

No entanto, esta instituição, de si tão grande, está apoiada em creaturas falliveis e fracas, por natureza; aggravadas ainda esta fraqueza e esta fallencia pelas condições do meio social.

Duas grandes leis presidem ao casamento: o amor e o sacrificio.

O coração, inconstante, ama a creatura, que envelhece e morre. As illusões de um amor eterno e os encantos da primavera da vida fenecem mais depressa que as flôres e os perfumes.

Augusto Comte, no *Systema de Pol. Posit.*, observa que «não é demasiada a nossa breve existencia, para que bem se conheçam e se amem dignamente dois seres tão diversos como o homem e a mulher. Os corações são, de ordinario, tão voluveis, que a sociedade tem de intervir para evitar irresoluções e variações, cujo livre curso faria degenerar a existencia humana em uma serie deploravel de experiencias, sem bom exito e sem dignidade.»

Os ardores e os transportes esfriam e diminuem no volver dos annos.

A religião ampara a volubilidade dos sentimentos; da ao amor uma força sobrenatural, revela a formosura da alma, que não envelhece e que não passa. Interdiz novas paixões e assim defende o lar contra desejos e pensamentos illícitos.

De Boneau diz que o casamento é, antes de tudo, uma grande prova, um grande sacrificio da parte do homem e da mulher.

Phantasiam o matrimonio vida de perennes melodias, céo sem nuvens, rosas sem espinhos. Mas, quando se consideram os deveres de cumprimento imperioso, as difficuldades a vencer e as cruzes a levar, apparecem logo motivos de sacrificios continuados.

Doas almas, ligadas por uma sympathia profunda, pôdem sacrificar-se por longo tempo, quiçá a vida inteira; mas são excepções com que não devemos contar.

Só Deus pôde dar aos conjuges a sinceridade nos propositos e a graça da constancia; a religião os previne de que as alegrias do mundo são transitorias e os affectos passageiros e que só a força sobrenatural da graça pôde unir os corações na dôr e na alegria, no trescalar dos perfumes e no pungir dos espinhos.

E os filhos?

Lycurgo, Solon, Romulo, Numa Pompilio e os decemviros, os mais perfectos legisladores da antiguidade, legitimavam o infanticidio, sem restricção alguma.

Em Esparta, quando nascia uma creança, punham-na aos joelhos do pae; se este a fitava, devia viver, senão, devia morrer.

Os paes devem olhar para a alma dos filhos. Se ha tantos jovens dissolutos, desmoralizados e insubordinados, é que os seus progenitores não olharam para as suas almas, não lhes incutiram os principios da virtude e as maximas da verdade.

Debalde invocarão as consequencias do futuro, as conveniencias da sociedade, o bom nome e os interesses da familia. E' o appello ao egoismo.

O egoismo dos filhos suffocará a vóz dos paes.

Mussolini, interrogado sobre o segredo do levantamento moral realizado pelo fascismo, respondeu: «Sabia que a família ainda não estava desmoralizada em meu país. O sexo masculino estava bem contaminado, mas a mulher italiana, as mães de família ainda conservavam os sentimentos da honestidade e nelles desejavam educar a prole. Ahi estava o ponto de apoio para a alavanca da reforma fascista.»

Nesta hora solemne do mundo, de toda parte se ouve o brado de alarme, o grito de angustia de que a sociedade está em plena decomposição moral.

Uma onda de pornographia sacode o universo, procurando avassalar o pudor, a honra e a dignidade no seu mais augusto reducto — a intangibilidade do lar.

Casamento civil, desquite, divorcio, amor livre — escala descendente da honorabilidade da família.

A obliteração dos preceitos evangelicos e o excesso de preocupações materiaes levaram o homem ao esquecimento de sua finalidade suprema e sobrenatural.

Os seculos anteriores, em nome da arte, ergueram os mais notaveis monumentos, de que hoje nos orgulhamos; legaram ao tempo obras que honram e sublimam as faculdades creadoras do homem.

Agora, em nome desta mesma arte, se prescrevem as mais excentricas extravagancias da moda, os volteios langurosos da dança, as cançonetas lascivas e quanta cousa mais que não devo nomear.

«E' uma torrente transbordada de luxuria. Maré alta de lama asquerosa. Babylonia e Sodoma caidas de esplendores; e dentro fermentações contagiosas de repellentes immoralidades e asquerosas ignominias.» Assim se exprimiu um publicista do país irmão:

O remedio de tantas miserias acha-se na santificação da familia, pelo matrimonio uno e indissolúvel, e no reinado de Christo no lar, pela enthronização — de facto, não apenas a solemnidade — do Coração de Jesus em todas as familias catholicas.

Principios de educação

«A creança, diz Ruskin, sustenta muitas vezes entre seus fracos dedos uma verdade que a idade madura, com toda a sua fortaleza, não poderia supportar e que só a velhice terá o privilegio de carregar.»

Estas palavras do pedagogo inglês explicam o porque do retorno de tantos homens, no fim da vida, ás creanças bebidas no seio materno.

O autor das *Noites de S. Petersburgo*, grande philosopho christão, escreveu que «o homem é formado nos joelhos de sua mãe aos cinco annos de idade» e que a educação está terminada aos dez.

A' primeira vista este enunciado parece encerrar uma contradicção ou pelo menos um paradoxo, no entanto, se attentarmos bem á influencia, extraordinaria pela duração, e omnimoda pela amplitude, que a mãe exerce sobre seus filhos, concordaremos com J. de Maistre.

O homem possui, em gráo elevado, a tendencia para a imitação — retratar, em seu proceder, os actos dos que o cercam; ora, isto é tanto mais effectivo quanto, na mais tenra idade, lhe fallecem idéas proprias e o criterio director da vida.

Conta-se do Mr. Dupanloup, que interrogado por certa dama sobre quando deveria começar a educação de seu filho, lhe perguntou: «Quantos annos tem seu filho?» A' resposta de que a creança contava quatro annos, o bispo de Orleans retorquiu: «Quatro annos perdidos!»

Manifesta, claramente, que na primeira infancia se devem lançar os fundamentos de uma educação solida e verdadeira.

Nos mais tenros annos os paes devem contrariar, com bondade, sim, mas com firmeza, as teimosias da pequenina fera. Senão, dentro em pouco, teremos um tyrannete, ao qual todos se curvarão e que a todos imporá os caprichos de suas vontades.

Em a nossa civilização retardada o mal é chronico, vem dos tempos da colonia, quando o «nhôzinho» dispunha da obediencia cega do escravo que o pagiava. O estudo desta influencia daria vasto e profundo capitulo da historia social do povo brasileiro.

Por effeito dos descuidos do lar, na repressão dos impetos do temperamento, as crianças, caprichosas, ao principio, tornam-se, mais tarde, intolerantes e violentas, não obedecendo aos paes, não respeitando aos superiores.

A cada passo ouvem-se paes, que se dirigem aos directores de collegios e professores, pedindo: «dê um geito ao meu filho... eu não posso mais... só o senhor...» E enumeram as malcreações e desaforos do peralta. Quem escreve estas linhas, já escutou muitas destas lamentações.

Dá vontade de contar a estes paes de familia um relato da Grecia antiga. — O philosopho Diogenes, testemunha, um dia, das insolencias de um moço, em lugar de castigá-lo, deu uma bofetada no pae, que estava presente. Reprimenda tão severa diz bem alto da responsabilidade dos paes nos desmandos dos filhos.

Todos os educadores, sem exclusão dos catholicos e até dos atheus, são accordes no aconselhar aos chefes de familia extrema vigilancia sobre os filhos, para que as inclinações perversas do ser inferior não prevaleçam na phase difficil da puberdade.

Atenção desvelada e firmeza intransigente, accommodadas á indole do jovem, tornam-se elementos imprescindiveis á preservação moral, em nossos dias.

A educação moderna assenta uma de suas bases num artificialismo, que tem horror á simplicidade, isto é, á falta de apparato na vida externa.

Deixa-se ao esquecimento completo que o progresso que o homem deve aspirar é tornar-se melhor, mais justo e mais forte e que o seu valor é a substancia mais ou menos preciosa, que lhe constitue o moral, no sentir de C. Wagner.

O chiquismo, o bom gosto, a moda, enfim, consiste em parecer o que não é.

Purpurizam-se as faces, phantasiam-se os supercilios, carminam-se os labios, tinge-se o cabello — é o regime da falsificação authentica!

E, ó vergonha e tristeza! são as mães, não raro matronas que ultrapassam os cincoenta, que iniciam seus filhos na contrafacção de si proprios: mais tarde estas senhoras se lastimam e se revoltam, quando elles não as levam a serio.

Outro obstaculo á bôa educação reside na transigencia incoherente de muitos paes, sem firmeza bastante para manter uma prohibição ou infligir um castigo.

Amor mal entendido é este, que attende ás vontades desordenadas dos filhos; á negativa, dada com razão, succede a fraqueza da condescendencia, para satisfazer a creança amuada e choramingas.

Prohibe-se, reprehende-se; depois a menina voluntariosa bate o pé, o menino birrento puxa os cabellos, e os paes fraquejam miseravelmente, cedem tudo e o mais que se lhes peça e ainda dizem: «meu filho, tão bomzinho, só que ás vezes fica um pouco nervoso...»

Este amor é criminoso. A Escripura Sagrada o condemnou, declarando inimigo dos filhos o pae que lhes poupa castigos corporaes.

A formação do coração offerece lacunas serias, na educação moderna, que devem ser corrigidas. Da vontade ha de partir a energia directora da existencia, no emprego das mais nobres faculdades.

Cumpre, pois, dirigir os sentimentos e os affectos. A piedade filial, o amor fraterno, o respeito aos maiores, a obediencia aos superiores, a gratidão pelos beneficios recebidos e mais outras virtudes moraes os paes são obrigados a incutir nos corações dos tenros filhinhos.

Ao envés disto, porém, cultivam um sentimentalismo piegas, que se alimenta de beijos e presentinhos; ou então os progenitores deixam suas creanças ao mais completo abandono.

— — —

Theorias modernas, em nome da liberdade bastarda, que o philosophismo do seculo XVIII escogitou, arrancam aos paes o que de mais sagrado lhes conferiu a natureza — plasmar o character dos filhos e fortalecer-lhes os bons costumes, pelo ensino da religião.

Monstruoso attentado é violentar as consciencias, obrigando os filhos dos catholicos, que pagam impostos e supportam os encargos publicos, á frequencia de escolas neutras ou hostís á fé.

«A Igreja é mãe; e por isso que é mãe, é tambem mestra de escola, diz L. Veuillot. A despeito de todos os perigos, em todos os disfarces a que hão de constrangê-la, ha de conseguir ensinar o conhecimento de Deus e a arte de o conhecermos e amarmos.»

Ha muito que V. Hugo proferiu a celebre phrase: «abrir escolas é fechar prisões» e os factos de todos os dias contradizem esta asserção.

A legião dos estellionatarios, falsificadores, corruptores e criminosos de toda especie avoluma com o progredir das artes e das sciencias.

«Por toda parte, diz H. Spencer, ergue-se o grito: — Instrui!... Por toda parte se pensa que, se os homens sabem o que é bem, não deixarão de fazê-lo, e o desmentido quotidiano da experiencia não basta para pôr o homem de sobre-aviso contra o erro.

Não é que a sciencia, por si mesma, seja corruptora do coração, mas é fraca e insufficiente contra o egoismo desbordado e os assaltos das paixões.

Os mais insuspeitos testemunhos confirmam esta verdade terrivel.

Charles Lucas, inspector geral dos presídios francêses, escreveu que a irreligiosidade é a maior fornecedora das prisões.

E Maudsley, foi mais severo ainda, quando affirmou que «sem a educação religiosa a civilização é capaz de formar brutos mais brutos que no estado da natureza.»

A despopulação lenta, mas progressiva, paira como nuvem negra e tempestuosa, sobre os horizontes dos mais cultos povos da Europa.

Os governos investigam meios de assegurar o futuro das raças, mas as leis contra o celibato e os premios ás familias numerosas não pôdem substituir o ideal religioso, que manda receber os filhos como dadas do céu.

Em França, em novembro de 1910, reuniu-se, em Eure et Loire, um conselho geral da comissão do augmento da população, sob a presidencia de M. Deschanel, e lá se affirmou que «o augmento da natalidade depende *antes de tudo* de uma reforma moral».

As idéas anarchicas, numa avançada tremenda, ameaçam a estabilidade dos povos.

Gibier explica: «A sciencia sem Deus esclarece o país, mas á maneira de tocha incendiaria.»

As praticas, eminentemente christãs, da mortificação da propria vontade e do desprendimento das coisas temporaes, vão-se perdendo na noite do passado; o utilitarismo desenfreado está na ordem do dia, com prejuizo do engrandecimento moral da sociedade contemporanea.

«Onde o christianismo floresce, diz P. Bourget, os costumes sobem, onde elle enlanguesce, os costumes baixam. O christianismo é a arvore a cuja sombra medram as virtudes, sem as quaes as sociedades se condemnam a perecer. Não ha defesa social como a do Decalogo; esta é a convicção de Le Play, de Taine; esta é a minha tambem.»

O remedio para os males da sociedade moderna está na volta ao espirito christão, por meio da instrucção religiosa, amplamente diffundida, no lar, nas igrejas e nas casas de ensino, officiaes e privadas.

Em tempo algum as necessidades mysticas dos espiritos superiores se apresentam tão imperiosas e tão constantes como em nossos dias. A alma contemporanea abandonou os ensinamentos da religião divina e, hoje, debate-se na mais angustiosa das crises.

No meio das ruinas dos mais recentes systemas philosophicos, na fallencia do positivismo, scientismo, dilettantismo, pessimismo e realismo do seculo que Leon Daudet classificou de estúpido, ouve-se a voz da recta razão, nas palavras de Ollé-Laprune: «O pensamento moderno volta a Christo e Christo vae retomar o imperio.»

A legião brilhante dos novos conversos, da fina flôr intellectual do mundo, caminha sob o estandarte da verdade, cujo depositario é o catholicismo.

A phalange dos adhesistas aos ideaes christãos é tão brilhante que chego a vacillar na escolha dos nomes: na Inglaterra, o original Chesterton, vigoroso romancista; na Italia, «o operario da undecima hora», G. Papini, incomparavel historiador de Christo; na Dinamarca, Joergensen, que narrou a vida do *Poverello* de Assis; na França, o vigoroso anti-moderno, Jacques Maritain.

A reconquista intellectual do alto pensamento contemporaneo levou Parodi a escrever que «vindo dos differentes pontos do horizonte intellectual, sabios e philosophos se vêem como que forçados a abordá-lo, enquanto ainda ha pouco fôra possivel pensar que elle se eliminaria por assim dizer por si mesmo.»

Se, porém, os espiritos nobilitados pela integridade moral, possuidos das ultimas conquistas da sciencia e illuminados pelos postulados da philosophia, após longo jornada pelos plainos deserticos do materialismo, voltam ao seio materno e ao regaço acolhedor da Igreja, o vulgo, o proletariado, sepultado na ignorancia religiosa, depressa resvala para a impiedade e para o anarchismo.

Em 1857 o conde de Montalembert, na assembléa nacional francêsa, proferiu estas palavras propheticas: «Não ha meio termo entre o socialismo e o catecismo. Sim, sem o catecismo não tereis sociedade. Eis a alternativa dentro da qual vós, homens da ordem, deveis escolher por confissão de vossos amigos e inimigos.»

A. Thiers, testemunha dos horrores perpetrados durante a Comuna de Paris, escreveu: «Urge voltar ao catecismo catholico.»

Sim. Ou o Decalogo ou a dynamite; não ha meio termo nem meia medida.

J. Payot, laicista intransigente, portanto insuspeito, confessa que a Igreja catholica é uma incomparavel educadora de caracteres e reconhece que não ha substitutivo da influencia religiosa na orientação dos espiritos pensantes.

G. Hervé, jacobino e impio, declara o philosophismo do seculo XVIII responsavel pela indisciplina social, decadencia dos costumes e paganismo das modas, que, desde a revolução franceza ao cataclysmo bolchevista, ameaçam tragar a humanidade na voragem do anarchismo universal.

Em nosso tempo, felizmente, por todas as espheras da actividade intellectual, os espiritos mais equilibrados e os caracteres mais rectos proclamam que os principios religiosos são insubstituiveis como alicerces da estabilidade moral e taboa de salvação para a collectividade humana.

A semana de Barcelona e as irrupções communistas do após-guerra bem alto confirmam a incapacidade da civilização para salvaguardar a dignidade do homem e conter as explosões revolucionarias.

A inquietação hodierna

Narra o Genesis que, no começo dos tempos, o homem, na necedade de seu orgulho, intentou construir uma torre tão alta que lhe permittisse, de vez, realizar a escalada do céu. E Deus, na magnitude de seu poder, confundiu a soberba humana, transtornando a audacia sem nome desta concepção temeraria.

Este acontecimento tremendo, que até nas tradições pagãs se acha relatado, desfigurado embora, parece, se renova, porque a historia, de tempos a tempos, se repete.

Incontestavel é a pujança da evolução civilizadora dos nossos dias, mas é innegavel tambem que as conquistas moraes se encontram muito aquém deste surto estupendo de progresso material.

E porque? Porque a sociedade moderna perdeu de vistas o ideal christão.

A sciencia desce ás infimas especializações, procura desvendar os segredos mais reconditos da natureza; estuda os peixes nos abysmos do oceano, applica o radio, explora os polos da terra.

A arte toma as formas mais delicadas, reproduz os moldes mais perfeitos e reveste os productos manufacturados do aspecto mais agradavel.

A industrialização mais absoluta aproveita todas as energias creadas, para offerecer o maximo de conforto e de gozo ao homem gasto pela agitação estonteante da vida moderna.

Aeronaves sulcam os espaços sidereos, leviathans fazem o cruzeiro dos oceanos, a electricidade une os continentes... No entanto, perguntemos a qualquer dos pensadores contemporaneos se o homem se sente feliz e receberemos, em resposta, desoladora negativa.

Max Nordau, racionalista e anti-christão, julga o mundo actual um immenso hospital, cujos doentes enchem a atmospherá com seus gemidos desesperados.

Um publicista allemão diz que a alegria dos tempos presentes é antes atordoamento que expansão de verdadeira felicidade.

A alta industria absorve o homem, que se torna verdadeira machina, sem alma e sem affecto.

O lado politico ainda parece mais negro e carregado. As massas humanas, embrutecidas ou espoliadas, erguem a cabeça no reclamo dos seus legitimos direitos, sem attenção á liceidade dos meios empregados.

O parlamentarismo e a convenção mentirosa do suffragio universal abriram fallencia.

Os povos proclamaram os direitos do homem e esqueceram os de Deus; por isso depõem reis e enthronizam dictadores...

A questão operaria, agravada, depois da guerra, por causa do encarecimento da mão de

obra e da materia prima e da industrialização dos países novos, é a espada de Damocles, suspensa sobre os destinos dos povos mais adiantados do planeta.

Em resumo: na literatura, e na arte, o pessimismo e o scepticismo; na politica, o bolchevismo ou a dictadura; na administração publica, a rapina da fazenda nacional. Por todos os campos da actividade humana se presentem desordens, violencias e revoltas; entre as classes, lutas fratricidas; entre os povos, odios mortiferos.

O principio de legitimidade, a soberania do povo, o equilibrio entre as nações e a solidariedade na industria e no commercio não conseguiram implantar a paz, sustentar a justiça e manter a ordem. Do primeiro surgiu o absolutismo monarchico; da segunda, a anarchia demagogica; do terceiro, a conflagração européa; da ultima, o excesso de vida material.

Neste pandemonio de horrores, em que se debate a sociedade, perde-se a esperança de ver lucilar, na orla purpurina do horizonte dos povos, o alvor da paz, da ordem, da felicidade.

Presente-se a espectativa geral, mixto de receios e esperanças.

Wagner, em *Morale Sociale*, attesta que «o nosso estado é comparavel ao de um exercito em marcha, chegado a região duvidosa. Sente-se no ar a hesitação. O exercito olha para os chefes, e os chefes olham uns para os outros. Em que alturas estarão? Acaso se haverá errado o caminho? Não valerá mais voltar atrás?»

Emerson explica, sabiamente, o porque desta crise dos espiritos. Dí-lo: «Crê-se na chimica, na comida e na bebida, na riqueza e na machina, na caldeira de vapor, na bateria electrica, nas rodas das turbinas, nas machinas de costura, na opinião publica, mas não nas coisas divinas.»

A ordem entre as categorias sociaes e a tranquillidade entre as nações dependem do soerguimento moral do homem. A reforma dos costumes publicos opera-se pela regeneração dos individuos.

E, como é impossivel estabelecer uma moral leiga, torna-se imprescindivel a restauração das praticas religiosas — «voltar atrás».

Dirão: é um remédio lento... mas seguro, respondo.

E antes tarde do que nunca.

Idolatria da moda

Teresa Clemeuceau, filha do «ministro da victoria», escreveu, ha cerca de dois annos, «que o futuro, ao gargalhar escarninhos commentarios impiedosos contra os ridiculos do nosso tempo, ha de pôr em primeiro logar as escravas da «moda» carnavalesca e inesthetica.»

Esta linguagem, parecida com ralhos de freira contra collegiaes vaidosas, tem duplo valor, pelas verdades que encerra e pela condição de quem as escreve.

O pudor da mulher, a castidade feminina, vem a ser o mais seguro baluarte da familia, o ultimo reducto da moralidade sobre a pureza dos costumes, tanto nos esplendores da civilização, como na derrocada dos povos. Ao homem tudo se perdôa, á mulher, nada.

Nos livros santos basta verificar a severidade dos castigos estabelecidos pelo Genesis, Levitico, Deuteronomio e Juizes. E as cidades malditas dormem ao fundo das aguas negras e mortíferas do lago de Asphaltite.

As leis de Platão continham disposições energicas contra os attentados á virtude feminina.

Herodoto e Tullio contam que os egypcios antigos protegiam com dispositivos rigorosissimos a dignidade da mulher.

Heraclides de Ponto, historiador grego, refere o mesmo dos primeiros habitantes do archipelago de Tenedos.

Romulo, Cesar Augusto, Fabio Eburneo, e Zeleuco, rei de Locrida, deixaram exemplos de inflexibilidade neste particular.

O paganismo servia-se das penas mais ignominiosas e dos castigos mais cruéis, para garantir e sustentar a pureza dos costumes.

O christianismo, apenas com a sublimidade de suas maximas e as promessas divinas, sustentou a coragem de fracas donzellas, como Ignês e Praxedes, que preferiram todos os tormentos á perda da virtude.

Roma cumulava das maiores honras as sacerdotizas, que mantinham acceso o fogo sagrado do altar de Vesta, e punia-lhes a prevaricação de modo draconiano, enterrando-as vivas. De igual fórma procediam os Incas — filhos do Sol — antigos dominadores do Perú.

Das actas dos martyres constam, infelizmente, diversas apostasias, mas não se narra que alguma virgem haja attraído ao seu Deus.



Os hebreus, no deserto, afastados do olhar vigilante de Moysés, fabricaram um idolo, para adorar: foi o bezerro de ouro. A Eva contemporanea, furtando-se á obediencia dos preccitos da moral christã, construiu um idolo, ao qual adora e obedece: chama-se «moda».

Contra esta nova divindade, em vão erguem-se os anathemas de Roma, levanta-se o brado da consciencia e da educação christã.

E assim a mulher decae do pedestal de grandeza, a que a religião a sublimára.

Grave tropeço, e dos mais serios, para a castidade feminina, é a desenvoltura e liberdade excessivas, concedidas ás donzellas.

«O defeito da jovem moderna, diz Rachilde, é parecer-se demasiadamente com os irmãos... sem possuir nenhuma de suas qualidades.»

Anatole France, dirigindo-se ás mulheres, fala deste modo: «Se eu fosse vocês, odiaria todos aquelles que pretendem emancipar-vos, igualando-vos a elles. São inimigos das mulheres os que assim procedem.»

A civilização deste seculo masculinizou o sexo fragil, creando um typo especifico, que chamam de «mulher moderna.»

Com o desembaraço de rapazes, moças «fazem avenida» e cruzam os passeios dos jardins; penetram nos theatros, cinemas, barbearias, lojas e restaurantes; viajam nos caminhos de ferro; assumem collocações, em que expõem sua virtude; frequentam galerias artisticas, onde examinam quadros lubricos e despudorados.

Entregam-se, loucamente, á leitura de romances, não raro liberrimos de costumes, perniciosos á formação moral e offensivos aos sentimentos religiosos.

Fica de lado a religião, que illumina a intelligencia e fortifica o caracter; daqui tantos desfallecimentos e desesperos por qualquer paixão infeliz ou amor contrariado.

Uma piedade sem affectação e uma fé esclarecida são indispensaveis á formação moral deste ser, a um tempo, terno e delicado, voluvel e caprichoso — a mulher.

Elizabeth Leseur lamenta a ignorancia religiosa de nossos tempos com estas sentidas palavras: «Fico attonita, muitas vezes, ao ver até que ponto as mulheres ignoram tudo da religião que professam. O seu proprio espirito lhes é totalmente extranho; os seus dogmas, tão eternamente vivos, parecem um peso inerte que arrastam atrás de si; e a horrivel mesquinhez de vistas em materia de doutrina mostra até que ponto o coração de Christo deixou de bater para ellas, sob o céu dos ritos e dos symbolos.»

O pouco escrupulo com que estas creaturas abafam os reclamos da consciencia e sacrificam os preceitos da Igreja, em face das exigencias da moda e das conveniencias da sociedade, comprova a justeza dos dizeres da autora de *A vida espiritual*.

Parece que nestas almas «a religião eclipsa a moralidade», no sentir de Gladstone, illustre estadista inglês.

Um grande prelado, Mgr. Dupanloup, escrevendo sobre a educação e instrução das jovens, teve estas palavras: «o que posso affirmar é que algumas horas de trabalho bem regulado, juntas á fidelidade nos exercicios de piedade, são o caminho para a mulher ganhar a verdadeira e seria estima de seu marido — riqueza de que a mulher nova não cuida tanto quanto devera, embora seja de todas a mais necessaria e a mais duradoura.»

E, proseguindo, adiante, acrescenta: «como quereis vós que um marido tenha estima verdadeira e constante por uma mulher de vinte annos, que não faz cousa alguma, occupando-se apenas dos seus vestidos, dos seus divertimentos e das suas ociosidades?»

Eis a razão de fenecerem tantas illusões e falharem tantas promessas dos «casamentos de amor».

Notavel publicista catholico assim enumera os defeitos predominantes em nossa época: aversão ao trabalho, horror ao soffrimento — a quanto seja privação, mortificação e sacrificio; desejo febril, ansia absorvente de gozar as delicias capitosas e alardear grandezas bizarras.

Perfumes inebriantes, ostentação de luxuosos vestuarios, theatros, cinemas, recepções elegantes, leituras de romances de amor, phantasticos sonhos de imaginações escaldantes e doentias constituem os mais serios obstaculos á virtude do sexo fragil.

Merecem attenção as palavras do Exmo. Snr. Arcebispo de S. Paulo, apresentando aos seus ouvintes o quadro tocante de Jesus no pretorio de Pilatos: «*Ecce Homo*»!... Este quadro é para vós, senhoras levianas e vaidosas, que não chegaes a convencer-vos de que os requintes ridiculos da moda visam de perto o desprestigio da mulher christã. E' para vós, que não comprehendéis que o rastilho da sensualidade, ateado por semelhantes imprudencias, bem pôde ser o incendio em que se hajam de queimar donzellas *embonecadas* com tanto desprimor e tanta ausencia de sentimento christão.»

Chamfort e Nietzsche renovaram, em nossos dias, os conceitos deprimentes que o paganismo formava da mulher, a quem o christianismo concedera carta de alforria e constituira «um ser vivo», igual ao homem, no sentir de Ernesto Legouvé.

A moda modernizou a mulher, tirando-lhe os melhores predicados moraes e encantos phisicos.

Desperdicio de dinheiro, prejuizos varios para a saúde, — damnos moraes diversos — eis os efeitos da elegancia mundana.

Estatisticas publicadas pela escola de cabellereiros de Chicago, Estados Unidos, demonstram que o uso do corte de cabello custou ao sexo feminino quinze milhões de dollares, enquanto as construcções navaes consumiram, em igual lapso de tempo, pouco mais de tres milhões.

O governo da Yugoslavia, após detido exame da situação do país, na balança das contas internacionaes, concluiu que as mulheres eram responsaveis pelo regime deficitario do Estado, em razão do largo consumo de artigos de luxo. Mais ainda. Prohibiu-lhes a importação e determinou intensa propaganda contra as superfluidades femininas.

Não sem motivo Bernandes, classico seiscentista, escreveu que a «todo o mundo é necessario concorrer para ornar uma mulher.

Carlos Noce, no seu livro de palpitante actualidade, com a autoridade da sciencia medica, escreve:

«Assim, por exemplo, as tinturas artificiaes, usadas com o fim de tingir os cabellos, perturbam-lhes a vitalidade, alterando-lhes o brilho natural e «pódem causar verdadeiros envenenamentos, em que a absorpção pela pelle (de taes substancias) é favorecida pela tensão dos vapores em relação com a alta temperatura dessa região». (Landouzy e Brouardel.)

As pastas, os cremes, os *rimmels*, irritam as regiões sobre que são collocados. Estes ultimos, uma vez dentro dos olhos, ardem mais que pimenta. Os outros obturem os orificios das glandulas sebaceas e sudorificas (póros) acarretando a retenção dos productos de secreção e excreção e produzindo, não raro, inflammações, erosões e dermatoses varias. Acresce que a epiderme, com a absorpção lenta dos ingredientes daquelles productos, perde pouco a pouco o seu colorido natural, ficando como que tatuada, secca, quase lassada e com os póros abertos, dilatados dando a aspera impressão de casca de laranja azeda.

O andar torto e salto alto pódem occasio-
nar ás vezes vicios de conformação da bacia e
dahi uma serie grande de consequencias obstetri-
cas de que já falámos.»

A *Federação medica e popular allemã de ethica sexual e social*, pela revista *Zentrum*, declarou: «Cumpramos proclamar que se póde perfeitamente realizar a educação hygienica do corpo, de modo sufficiente e efficacissimo, sem desnudar o corpo. Devemos absolutamente insurgir-nos e protestar energicamente contra a erronea affirma-

ção de que a nudez favorece á saúde, e o costumé da mesma nudez suprime os instinctos baixos e eroticos.

A nós, médicos, e ao povo, não se póde impingir semelhantes mentiras, que não se tornam verdades, pelo unico motivo de defenderem alguns esta opinião falsissima.»

Alimentam-se pouco, porque é chique ser magra, e, mal protegidas, pelas vestes insufficientes e leves, contra las variações bruscas da atmosphera, resfriam-se com muita facilidade e, não raro, acabam tuberculosas.

A *Wisconsin Tuberculosis Association* realizou um Congresso em Nova York, para tratar dos meios de combater e evitar a tísica.

Primeiro que tudo verificou-se o augmento alarmante do numero das victimas do bacillo de Koch entre as jovens de 16 aos 24 annos.

As estatisticas demonstam que, em 1915, a porcentagem de mulheres ceifadas pela tuberculose excedia á dos homens em 3,8; em 1927, este excesso attingia a 49 %. Em doze annos, portanto, a mortalidade feminina, pelas doenças do peito, ultrapassou em 45, 2 % á do sexo forte.

O Dr. Dearbolt affirmou que este augmento «se deve ás saias curtas e aos fatos impostos pela moda».

O Dr. John A. Smith accrescentou: «Nem é só; devemos mencionar tambem as danças.»

Em Toulon, França, a senhorita Luiza Brun, de 18 annos, num baile familiar, dançava o *charleston*, quando foi accommettida de horriveis cólicas. Levaram-na ao hospital, onde falleceu, após uma hora de cruel agonia, victima de uma perfuração dos intestinos, de origem traumatica, por causa dos excessos da dança...

As elegantes não supportam o jejum e as praticas da mortificação christã, sujeitam-se, porém, a quesquer sacrificios, para satisfação dos imprudentes prazeres mundanos. Vão mais além.

Torturam-se por todos os meios, nas falsificações do embelezamento.

A's pomadas e pinturas succederam as mascaras orthoplasticas e a estas as intervenções cirurgicas, que corrijam os defeitos da natureza.

A sorte, porém, certa vez, é madrasta e lá são a emenda peor que o soneto...

O caso é recentissimo e «O ESTADO DE S. PAULO» estampou-o, na secção telegraphica, no dia 15 de Maio de 1928:

•«CHICAGO, 14 (A.) — A senhorita Sayde Holland, no intuito de melhorar o seu aspecto physico, procurou o cirurgião Henry J. Schireson, para uma operação de embelezamento.

A operação foi feita, mas agora como resultado da mesma, a senhorita Sayde Holland teve de amputar ambas as pernas acima dos joelhos.

A operada, em vista disso, está movendo uma acção contra o cirurgião plastico, exigindo a importancia de 200.000 dollares pela perda das duas pernas.»

Infelizmente, não páram aqui as influencias nefastas do paganismo das modas e costumes dos nossos tempos.

As legislações modernas, accitando o divorcio, cavaram fundo abysmo, onde se despeñará a collectividade humana.

O cardeal Gibbons, contemplando os estragos desta lei, em sua patria, chama-a de polygamia successiva e classifica-a de cancro, que corróe as entranhas da nacionalidade.

A experiencia demonstra que esta concessão ás paixões, longe de corrigir os desregramentos dos costumes, antes os favorece e incentiva.

Glasson, com os dados estatisticos, prova que o divorcio tende sempre a augmentar, onde quer que se tenha estabelecido.

Nos Estados Unidos, houve 33.461 separações legais de corpos, no anno de 1890; subiram a 165.139, em 1923.

No país dos recordes o mal chegou a taes proporções que, em 1906, se reuniu, em Washington, um Congresso, no qual tomaram assento delegados de 44 estados e territorios, para estudaram as reformas que se poderiam introduzir neste ponto da legislação. Terminaram por pedir que todos os estados restringissem, o mais possível, as causas legais do divorcio.

Seneca dizia que, no seu tempo, senhoras havia que contavam os annos não pelos consules, mas pelos maridos que tiveram. Os países mais civilizados caminham para este retorno ao paganismo.

O governo de Angora aboliu, recentemente, a polygamia, permittida pelo Alcorão; os povos christãos forcejam por introduzi-la em seus codigos.

Para condemnar esta lei de decadencia moral sirvo-me das palavras de Roosevelt, ex-presidente da União Americana: «A facilidade do divorcio é, como sempre tem sido, verdadeira maldição para a sociedade, ameaça para os lares, causa de máos casamentos, excitação á immoralidade, grande mal para os homens e mal muito maior ainda para as mulheres.»

A crise dos casamentos é outro mal da geração hodierna; é indicio de decadencia moral.

Os gregos e os romanos foram inimigos declarados dos celibatarios. Lycurgo classificava-os de infames, excluia-os dos cargos civis e postos militares e vedava-lhes a entrada aos espectaculos e jogos publicos. Cesar Augusto tentou constranger as damas refractarias ao matrimonio.

Um estado moderno promulgou leis que attingem os actos privados dos seus subditos.

O pagamento de uma taxa orçamentaria, porém, não substitue a observancia de um preceito divino.

A diminuição dos casamentos nota-se não só nas populações gastas da velha Europa, mas também nas plagas livres da jovem America.

Não é apenas ao egoismo dos barbados que cabe a responsabilidade deste phenomeno social. O mundanismo elegante creou taes habitos de liberdade que afrouxou os laços da familia, aggravando os males da geração contemporanea.

Dr. Hall diz que a sociedade precisa, urgentemente, de moças que sejam o braço direito de suas mães e saibam cuidar de creanças e dos afazeres domesticos; que sejam economicas, simples e modestas, e pouco amantes dos esplendores mundanos; que sejam uma auxiliar e uma alegria antes que um fardo e um pesadello.

O homem deseja uma companheira sobria e recatada, a mulher cobre-se de excentricidades e exotismo; quer uma esposa meiga e delicada, ella torna-se altiva e desdenhosa; espera uma mãe terna e paciente, a jovem apresenta-se egoista e frenetica. O marido exige uma guarda constante do lar e ella deserta de casa, vive na rua, descabellada e semi-vestida; não obedece aos paes nem quer occupar-se de cousas serias. Deste modo a mulher torna-se um peso na vida e não uma companheira amavel.

A moda actual tem grande responsabilidade na diminuição dos casamentos, como bem demonstrou o professor J. Lanzalone, pois tira á mulher o encanto que poderia exercer sobre o outro sexo.

H. Bolo escreveu que «O pudor feminino, que é uma virtude essencialmente christã, é também o que dá á mulher maior somma de poder sobre o homem que a ama. Póde-se dizer que,

se a belleza feminina parece accender o fogo que arde no coração e nos sentidos, nada é capaz, tanto como o pudor, de o mantêr e, ás vezes, mesmo de aticá-lo.»



Os excessos da moda deviam provocar e, de facto, provocaram uma reacção.

Deixemos de parte a campanha que a Igreja tem sustentado contra as *toilettes* femininas.

Na Espanha consituiu-se uma liga, dispondo de representantes por todos os pontos do país, com o fito de retirar da circulação publicações pornographicas, moralizar os theatros e centros de diversões, e combater os exaggeros dos vestuarios femininninos. Esta campanha de moralização começou por tratar de impedir a entrada nas igrejas e universidades ás senhoras trajadas inconvenientemente.

A cidade de Verona, na Italia, organizou uma commissão nacional, incumbida de crear uma nova moda, que liberte as nacionaes da influencia de Paris. Em Rimini, a policia prendeu banhistas que andavam com trajes demasiado transparentes; em Napoles, as autoridades municipaes vedaram o ingresso nos cemiterios ás senhoras que usassem de saias curtas e vestidos sem mangas.

O governo grego, a quando da dictadura de Pangalos, mandou augmentar o comprimento das vestes femininas.

A Convenção Nacional das Mulheres Catholicas, em Washington, approvou uma moção, que condemna, «como nocivos á moral das moças americanas», os concursos de belleza e os torneios balnearios, do genero do realizado em Galveston.

Na Allemanha, não ha muito, prohibiu-se ás esposas dos officiaes de marinha o uso dos cabellos curtos. Agora o ministro dos correios baixou um decreto que impôs ás cincoenta mil ser-

ventuarias das repartições postaes usarem, quando em serviço, de saias que cheguem ao menos vinte centímetros abaixo dos joelhos.

Cabe agora justificar estas paginas num escripto destinado aos moços.

O homem veste-se por necessidade natural; a mulher, esquecida deste dever, veste-se para agradar. Aquelle usa de vestes amplas e largas, que lhe cobrem o corpo; esta procura apenas disfarçar a nudez, vestindo-se o menos possivel.

O homem, a não ser um estulto, passará indifferente á curiosidade que provoque; a mulher gostará sempre de receber um testemunho de admiração, um olhar sequer.

Aqui bate o ponto.

Encontrassem certas modas a devida repulsa da parte de paes, esposos e irmãos e, sobretudo, de namorados e noivos, e já o despudor não campearia tão livremente entre a malicia de algumas, a irresponsabilidade de muitas e a inexperiencia de quase todas. Infelizmente, porém, ha chefes de familia tão ignorantes de seus deveres e responsabilidades que induzem mulheres e filhas a que sigam as exigencias da moda.

O *La Croix*, grande diario catholico da capital francêsa, registou em 1921 a morte de uma jovem «vestida, ou melhor desvestida, segundo é moda», em consequencia de um resfriamento apanhado durante uma corrida hippica.

«No leito mortuario, acabada a confissão, assim falou ao sacerdote:

— Meu pae, grande prazer me causou a vossa caridosa visita... Necessitava do perdão. Sou uma das muitas victimas da moda... As corridas... o desejo de me exhibir, me ocasionaram a morte... Estou arrependida... Sim, arrependo-me de haver dado escandalo... Fôra bem educada, era piedosa, filha de Maria... Perdão! é horrivel!

E grossas lagrimas lhe corriam pelas faces.

— Sou culpada, muito culpada. A principio era ingenua em trajar daquella fórma. Ao depois não o era... sabia perfeitamente que praticava o mal... Procurava olhares apaixonados, era objecto de culpaveis curiosidades...

Desejo reparar o mal.

— Por estes vossos soffrimentos, ajuntou o padre, acceptae-os resignadamente até a propria morte, se assim approuver a Deus...

— Já fiz este sacrificio, mas isto não basta... Pequei publicamente... Desejo arrepende-me e expiar publicamente... Peço-vos, meu padre, que digaes ás minhas collegas, ás jovens e por toda a parte, que: «Germana Duverseau morre victimia da moda indecente... e lhes supplica, neste momento, em que vae comparecer no tribunal de Deus, que não sejam ellas tambem causa de escandalo, trajando inconvenientemente».

No dia seguinte foi a infeliz moça levada ao cemiterio, com acompanhamento de grande multidão.

De bocca em bocca foi transmittido o seu salutar testamento.

Pedira ella que lhe cobrissem o corpo com o seu véo da primeira communhão e que lhe pusessem ao collo a sua fita de filha de Maria, como protesto contra as loucuras do seu trajar mundano.

Ao expirar, dissera á sua mãe: «Digne-se Nosso Senhor, ao ver estes meus ultimos trajes, esquecer os outros... que me perderam, e fazer que sejam estas as minhas vestes no céo.»

Cultura das vocações.

Multiplas questões agitam a mentalidade catholica de nosso país.

Graves problemas se apresentam em torno do futuro religioso da Terra de Santa Cruz.

A preservação da crença e da moral de nossas gentes, a arregimentação das classes proletarias de accordo com os principios do syndi-

calismo christão, a educação christã da juventude, a organização da imprensa catholica e da literatura confessional constituem necessidades prementes.

Ha, porém, acima destas multiplas questões, que affectam o patrimonio espirital do povo brasileiro, o problema das vocações sacerdotaes ou seja o augmento do clero nacional.

Em vão construiremos igrejas, nos centros urbanos ou nas populações ruraes; debalde abriremos escolas catholicas ou manteremos a imprensa confessional; se não houver sacerdotes, que sustentem estas obras, todas mirrarão, á falta da vida que só o sacerdote póde communicar.

«Para o Brasil e muito especialmente para esta archidiocese, diz S. Emília, o Snr. Cardeal Arcebispo do Rio, não ha problema mais importante do que o das vocações sacerdotaes. Sem clero, sem padres e sem apóstolos, nada poderemos fazer.»

Estas palavras nos convidam a considerar a crise tremenda de clero, a exiguidade de sacerdotes, phenomeno que se nota em grande parte da christandade.

Hoje ouve-se das mais remotas plagas do universo o pedido de mais sacerdotes, de mais missionarios, que confirmem os christãos na fé e convertam os infieis.

Sobretudo dos países novos e das terras de missões nos parecem ferir os ouvidos as palavras do grande apóstolo das Indias, moribundo: «Almas! Almas! Meu Deus, dae-me almas!»

Ha no mundo mais de um bilhão de pagãos, que desconhecem a bôa nova do Evangelho da paz. E, entre as nações que se dizem christãs, ha os E. Unidos, que possuem mais de cem milhões de habitantes, com mais de sessenta milhões de individuos que declaram não pertencer a religião alguma.

Em Londres, os frequentadores dos templos não alcançam os tres por cento da população...

O mesmo se pôde dizer de quase todas as cidades protestantes, as grandes, sobretudo. E entre estes poucos frequentadores, quantos curiosos, indifferentes, que negam, até os proprios pastores, as verdades basicas da revelação christã!...

Para não multiplicar exemplos e citações, restrinjo-me ás Filippinas, que, sob o guantê do protestantismo americano, nos apresentam o quadro desolador de uma christandade em abandono. Mons. Harty conta cerca de cem parochias sem sacerdotes e Mons. Hendrick mais sessenta, igualmente desprovidas; os pagãos pedem o dom da fé e não ha quem os doutrine.

Cumprem-se as palavras do livro santo: «Os pequenos pediram não e não havia quem lhes dêsse.»

Uma observação perfunctoria talvez nos deixe orgulhosos do numero de nosso clero; no entanto, um olhar attento ás estatisticas nos demonstrará que não levamos muita vantagem sobre as terras de missões.

Temos uns tres mil padres para mais de trinta milhões de fiéis, espalhados por oito e meio milhões de kilometros quadrados: na média um padre para dez ou quinze mil almas. Clero deficientissimo.

Agora mesmo nos vem da França a edificante noticia de que a parochia de Portel, fundada ha menos de sessenta annos, em humilde localidade de pescadores, acaba de celebrar, com grande jubilo, a ordenação dos 51.º e 52.º sacerdotes naturaes da mesma. Destes, alguns são vigarios na mãe-patria, e outros nas colonias, zelosos missionarios, propagam a fé e diffundem a civilização francêsa.

O problema é vasto e complexo e pôde ser analysado debaixo de diversos pontos de vista.

Ha a feição economica, a obtenção de fundos, para mantença dos seminarios e amparo das vocações pobres.

Ha o lado sobrenatural, isto é, aquillo que depende da graça de Deus, que dá incremento ás suas obras.

«A messe é grande, os obreiros são poucos. Pedi ao dono da seara que mande operarios para seu campo.»

Cabe evocar aqui uma mãe modelar, que durante trinta annos fazia uma hora de guarda, diariamente, ao tabernaculo, pedindo a Deus que chamasse seus filhos ao seu serviço: foi mãe de cinco religiosas e de seis padres, dos quaes tres foram bispos e um o grande cardeal Vaughan.

Não foi, pois, sem grande razão que um grande prelado francês escreveu algures: «Mães christãs! os vossos corações não estão de tal modo ateados de amor divino, que em suas pulsações produzam o coração de um sacerdote. Oh! implorae de Deus a graça de as vossas familias darem filhos á Igreja, pedi para vós mesmas a coragem do sacrificio, e que de vós nasça um apostolo».

Mercê de Deus temos em nossa patria um modelo destas mães, que dão os seus filhos a Deus — é Zelia, que, depois de consagrar ao Senhor os filhos que Elle lhe dera, se deu a si mesma, abraçando o instituto das sacramentinas.

Posso ainda citar, no Nordeste, D. Maria Barreto, que, de seus dez filhos, consagrou sete á religião, entre as irmãs de S. Dorothea.

Infelizmente estes exemplos são bem pouco imitados, visto como os paes, em tudo generosos e tolerantes, não raro constituem o maior obstaculo a que seus filhos se dêem a Deus.

Graças ao ambiente piedoso, que reina ainda na familia européa, é que lá florescem tantas vocações, não sómente para as necessidades de cada nação, mas ainda para os outros continentes.

São os fructos de muitos seculos de civilização christã, que os erros da reforma e do libera-

lismo, conjugados com as competições de classe e o utilitarismo egolátrico dos nossos tempos, não puderam destruir.

Urge que se restaure, em nosso meio social, a idéa de verdadeira dignidade sacerdotal. E' preciso que o nosso povo bem comprehenda que o padre é «outro Christo» e quem o escuta, ouve ao proprio Deus. E' necessario que o padre seja visto tal como o é pela excelsitude de seu character sobrenatural — pontifice que offerece ao Altissimo a hostia immaculada, por si e pelos seus irmãos prevaricadores.

O Cardeal de Vienna, Austria, em reunião da obra de S. Pedro de Canisio, falando sobre a escassez das vocações sacerdotaes, attribue este facto não á falta de recursos materiaes, mas, sim, á falta de espirito religioso nas famílias. Diz ainda que só reapparecerão as vocações com o resurgimento da fé e da piedade dos lares.

Uma educação catholica primorosa, imprimindo no coração das creanças veneração e respeito á dignidade sacerdotal, prepara terreno favoravel ao chamamento divino.

Ligas de oração e de propaganda, folhas avulsas e opusculos vão preparando, em nosso país, campo propicio á acção efficiente dos prelados diocesanos e das benemeritas congregações religiosas.

O Congresso Nacional das vocações, reunido na Bahia, sob a presidencia do Exmo. Arcebispo Primaz, marca o inicio de larga acção conjuncta e ordenada, para a solução do grande problema da formação de um clero nacional numeroso e digno.

Icaro contemporaneo.

O homem moderno, creado e educado no valle tranquillo da piedade christã, experimenta, em seu peito, ansias de subir e elevar-se ás cumiadas do racionalismo e da descrença.

A liberdade pagã de costumes e a ausencia dos principios de obediencia e respeito seduzem-no e levam-no a renegar os preceitos rigorosos da moral austera dos seus maiores.

As idéas falsas, porém brilhantes, de independencia politica e religiosa deslumbra espiritos fracos.

O homem, comtudo, experimenta a vertigem das alturas e sente-se infeliz; no recesso da consciencia reflectem-se os remorsos dos seus crimes, na razão projectam-se os deveres trahidos e desprezados.

Nesta lucta, pensa, ás vezes, em retroceder ao passado humilde, mas tranquillo e feliz; falta-lhe, porém, a coragem de se desprender dos vicios, que o arrastam, e das alegrias, que o estonteiam.

Voltar — será confessar seu erro, refugar suas loucuras — mais ainda, quebrar as algemas douradas do peccado; ficar nos cimtos da impiedade é-lhe quase impossivel, pois os prazeres do mundo não lhe bastam ao coração insaciavel.

Daqui a intranquillidade de espirito, que vemos em nossos dias, a falta de respeito ás tradições mais augustas do passado, a desobediencia aos poderes constituídos, enfim a anarchia mental de nossa época.

—

A quando do apparecimento de Christo sobre a terra dois centros intellectuaes attrahiam as vistas do homem: Roma e Jerusalém.

Em Roma predominava a cultura litteraria e o desenvolvimento material. A senhora do mundo recolhera o que os povos antigos possuam de melhor: a agricultura do Egypto, a diplomacia e a organização de Babylonia, a estrategia militar da Persia, o commercio e as industrias da Phénicia; as artes e as sciencias da Hellade.

Jerusalém guardava o legado dos prophetas e as tradições messianicas do povo de Deus; era o centro da cultura espiritualista.

O christianismo recebe este duplice legado e prepara-se para a conquista do mundo.

A acção divina e a obra dos seculos formaram a mais bella, mais equitativa e mais completa civilização que os fastos humanos registam.

Contra a obra portentosa da regeneração moral do homem ergue o espirito do mundo as mais terriveis accusações, dizendo que a Igreja é inimiga da razão e adversaria da liberdade.

Escriptores de erudição barata citam a idade media com o tempo sombrio do pelourinho macabro e das fogueiras inquisitoriaes; esquecem porém, que foi a éposa do heroismo das cruzadas e do pundonor da cavallaria; deslumbram-se do ensino classico universitario e das arrojadas concepções do estilo gothico; calam os grandes descobrimentos e as ousadas navegações.

Mais ainda. O cyclo historico medieval marca o inicio dos governos constitucionaes e da organização das classes proletarias.

A revolução proclama conquista sua o suffragio universal, que S. Thomás já inscrevera entre os principios da ethica politica.

Laforge e d'Avernel reconhecem a grandeza das realizações sociaes do christianismo, antes dos tempos hodiernos, e proclamam que, então, os operarios eram remunerados equitativamente e desfructavam de uma situação mais vantajosa do que em nossos dias.

G. Semeria, no monumental livro *L'Ereditá del Secolo*, sustenta e prova que o christianismo é a chave para a solução do problema social.

Accusam a Igreja de exercer, tyrannicamente, a dictadura dos espiritos e suffocar os anseios do pensamento humano.

Leonel Franca, ao final da historia da philosophia, escreve: «Não é sobre os escombros da razão que se ha de erguer o edificio da fé revelada. Longe de destruir as forças nativas da intelligencia, a fé as estimula, presuppondo o seu exercicio na demonstração das verdades, que servem

de preambulo racional ao conhecimento da revelação. Aniquillar a razão é trancar as portas da alma ao obsequio racional da fé; é, como engenhosamente diz Leibnitz: «arrancar os olhos para ver melhor os satellites de Jupiter através de um grande telescópio.»

A religião deseja apenas manter intacto o legado das crenças e defendê-lo contra a pedagogia e a ethica modernas infeccionadas de impiedade.

A idade media possuiu pouca sciencia e muita fé; os tempos modernos, observa um pensador allemão, possuem sciencia demasiada e muito pouca fé.

Todos os movimentos do espirito, que se distanciaram da orientação catholica, esbarraram na revolta. A Renascença retornou ao paganismo nas sciencias e nas artes; a Reforma do seculo XVI quebrou a unidade dos povos christãos; a Revolução Francêsa abriu caminho á demagogia.

Philosophismo, scientificismo, livre pensamento, radicalismo liberal, socialismo revolucionario, bolchevismo sovietico, laicismo e estadismo — formulas varias, cambiantes diversos do espirito anti-christão.

Cohausz, estudando as tendencias modernas das aspirações humanas, dividiu-as em tres classes: idealismo literario, materialismo pratico e mysticismo religioso, personificados, respectivamente, em Goethe, Marx e Tolstoi.

Bougaud, em *Le Christianisme et les Temps Presents*, affirma que está travado um duelo de morte entre a Igreja e a revolução: o catholicismo e a sociedade moderna pôdem dar-se as mãos, mas entre o espirito religioso e as tendencias revolucionarias não pôde haver accordo. Ou a Igreja matará a revolução ou a revolução destruirá a Igreja.

Effectivamente. A época actual caracteriza-se pela mais profunda anarchia: na intelligencia, a desordem de idéas e opiniões; nos usos e cos-

tumes, a licença das modas; na politica, o comunismo e a crise de responsabilidade; na economia politica, os conflictos entre o capital e o trabalho.

Consequencias fataes da falta de virilidade de character e firmeza de principios, que só o espirito christão pôde conferir.

Assistimos á realização das palavras propheticas de Peschaud, em 1868, no *Discours sur l'Education*: «Os seculos de pura sciencia produzem escriptores que agitam os povos, oradores que arrastam as multidões; mas raro produzem homens de acção, e muito menos espiritos organizadores e homens de governo firme e intelligente.»

Em Munich, Baviera, guarda-se um quadro de um pintor allemão.

Uma paizagem dos Alpes: formidavel macisso de montanhas descavadas, ingremes e abruptas; no fundo os valles tranquillos, suaves e verdejantes. No pincaro mais elevado, entre as escarpas talhadas a prumo, vê-se um homem despido, membros convulsos, braços erguidos para a amplidão, em attitude desesperada, buscando, talvez, apanhar duas aves de linda plumagem e uma nuvemzinha dourada, que desaparecem no além...

Outra imagem mais expressiva não se poderá encontrar do homem moderno. Galgou todos os obstaculos; suplantou a furia dos elementos; subjugou as forças da natureza; decifrou muitos dos enigmas da creação. Despojou-se de tudo; renegou as crenças dos maiores; desprezou as tradições do passado; quebrou os élos da familia.

Na correria louca, entre os mais contradictorios systemas philosophico-religiosos e as mais ouzadas experimentações politico-sociaes, o homem sente-se o eterno insaciavel...

Que procura? A gloria, a honra, o poder, o amor, a liberdade?... Ninguem o sabe; nem elle proprio...

Busca o infinito: Deus.

Restauração.

Cloudesley Brereton, estudando a sociedade inglêsa do após-guerra, dá conta dos males contemporaneos.

Enumera, entre os traços preponderantes da geração actual, o descontentamento. Censura-se á geração passada o não ter sabido evitar a guerra ou recolher-se os fructos. «Dahi, uma baixa universal do principio da autoridade, que se traduz por uma impaciencia geral de toda tradição religiosa, por um verdadeiro odio das convenções e das conveniencias, e por um desprezo soberano da technica em todas as artes, ao que se ajunta uma especie de vontade feroz de tudo construir «de novo», depois de ter feito taboa rasa de toda civilização anterior.»

A literatura moderna é expoente deste espirito de revolta contra todas as tradições do passado e a ansia de quebrar os moldes consagrados pelos mestres.

O futurismo é uma feição caracteristica deste estado de espirito.

E' na familia, porém, onde se faz sentir, de modo mais profundo e radical, o descredito do principio da autoridade. O patrio poder vae desaparecendo! O chefe da casa é apenas o responsavel obrigatorio dos encargos economicos do lar. Os conjuges trocam-se epithetos, com que se desprestigiam mutuamente; os filhos olham o domicilio commun como uma especie de restaurante, onde recebem amigos e condiscipulos.

O citado escriptor observa que a decadencia da instituição familiar é mais sensivel nas

classes elevadas que na burguesia, a qual conserva melhor as tradições ancestraes; no operariado, porém, a baixa é muito mais notavel.

O mesmo, guardadas as devidas proporções e distancias, podemos, infelizmente, constatar em nossa patria.

Causa tristeza ver o desprestigio em que cahiu a autoridade dos paes, até bem pouco tempo tão respeitadas; dá pena ver a indiferença com que se tratam entre si os membros da familia.

Os filhos entram e saem de casa quando entendem; frequentam cinemas e theatros, onde corrompem o coração e desgastam as energias; faltam ás aulas, ou senão embirram, formalmente, em deixar o collegio.

A familia afastou-se das praticas religiosas; a sociedade renegou os principios e os ideaes christãos; debalde agora procuram substitutivos para os mesmos.

A ordem degenerou em culto excessivo do methodo, fazendo do homem um automato. A força tornou-se o instrumento da violencia, apoiada em exercitos avassalladores e fortalezas inexpugnaveis. A liberdade soltou as peias á besta humana e preparou a sangueira da Moscovia. O principio de autoridade acalenta as dictaduras mascaradas dos governos constitucionaes, apoiados pelos syndicatos politicos, e as que fecharam os parlamentos e mandaram embóra os deputados... A solidariedade das nações preparou os entendimentos cordiaes e as allianças militares, donde proveio o incendio ateado no mundo, durante os quatro annos da Grande Guerra, que ensopou de sangue a Europa inteira. A moeda, necessidade da existencia, erigiu-se em centro do universo e fez da bolsa um templo, onde fervorosos devotos adoram o ouro. O instincto de conservação gerou o mais desalmado egoismo; atirou os servos contra os patrões, os opprimidos contra os oppressores, os pequenos contra os grandes.

A vida social não passa de uma convenção mentirosa. O poder, que defende as regras do direito, permite que as mesmas sejam violadas e desprezadas, impunemente. O código penal castiga os attentados ao pudor, mas tolera as modas, os livros, a imprensa, o theatro e os cinemas, que ataçam as baixas tendencias da natureza. O cofre que mantem os abrigos dos invalidos e dos orphans e as casas de correcção, subvenciona os clubs carnavalescos e regulamenta o jogo. A escola ensina a moral e prega o civismo, mas renega a crença em Deus e a sancção eterna.

—

O erro fundamental, das mais perniciosas e lamentaveis consequencias, é a negação da verdade absoluta.

O pensamento hodierno, orientador da sociedade dos nossos dias, considera «relativo» tudo que existe; as leis fundamentaes da physica e os principios elementares da ethica não têm valor maior que o concedido pelo individuo. Verdade ou erro, justiça ou injustiça, bem ou mal, nada disto existe.

Os decantados direitos do homem, que a Revolução Francêsa proclamou, estabelecem a soberania absoluta do cidadão no mundo politico e social. O pensamento humano é regra unica das relações sociaes.

As doutrinas libertarias deitaram abaixo as exigencias sacratissimas dos direitos divinos.

A mentalidade contemporanea, em todos os ramos da actividade racional, philosophia, economia politica e assumptos sociaes, orienta-se pelas ambições e phantasias do homem.

Uma palavra — laicismo — resume este novo estado de espirito, esta nova ordem de cousas.

Todo esforço da Igreja, para cumprir sua missão na ordem social, é taxado de usurpação.

Laicizadas são todas as instituições officiaes: constituição, governo, parlamento, até os estabelecimentos particulares, quando em relação com os poderes publicos. Leiga tambem deve ser a educação moral e a formação civica dos mesmos

Leão XIII, em 1881, escreveu: «E' consequencia fatal da guerra movida á Igreja achar-se, actualmente, a sociedade civil exposta aos perigos mais graves, porque estão abalados os alicerces da ordem publica, e os povos e seus conductores nada mais lobrigam que não sejam ameaças e calamidades.»

O desenrolar de guerras e revoluções, daquella época aos nossos dias, demonstra, claramente, o quantô previu o espirito sabio e esclarecido do grande Pontifice.

A's desgraças do seculo junta-se o mal do individuo — o nervosismo.

Sim. Chegou «o seculo nevrotico», que P. Mantegazza predisse.

Podemos, sem exaggero, applicar a todas as gentes o que Emerson dizia dos seus compatriotas: «Desejava saber se a preocupação e a duvida estão assim nitidamente estampadas na physionomia d'outro povo. Aqui, a velhice começa no berço.»

A velhice precoce origina-se da abreviação dos periodos da vida — infancia, adolescencia e mocidade.

Esta antecipação das épocas da existencia acarreta—o que é peor—a maturidade dos vicios.

Daqui a humanidade atirar-se aos logares alegres, ás diversões estonteantes, ás leituras sadicas; depois, insatisfeita, entre as crises da vida, procura o esquecimento nas drogas estupefacientes.

—

Narram as chronicas medievas que, certo dia, bateu ás portas do convento de Corvo um viajante andrajoso, poeirento e alquebrado.

Aos humbraes o ostiario interroga o extranho peregrino e pergunta: «Que queres, que procuras? — «Paz, paz», responde elle...

Era Dante, o genial cantor da «Divina Comedia», que, expulso da patria, trahido pelos amigos e foragido dos seus, buscava, á sombra de um monasterio christão, a tranquillidade para a alma abatida e repouso para os membros lassos...

O mundo moderno pede a esmola da paz. Paz, para a familia, cujos membros desaprenderam o amor; paz, para a sociedade, roida de invejas e gasta de odios; paz, para as nações, ensopadas de sangue e feridas de morte.

E onde encontrar a paz?...

Em Christo-Rei, que disse: «A paz vos deixo, a minha paz vos dou; não vô-la dou como a dá o mundo.»



“LUTAS DA MOCIDADE”

APPENDICE

A limitação da natalidade

**Com um prefacio do Professor Dr. Joaquim
Moreira da Fonseca**



Algumas palavras

O excellento trabalho que acaba de escrever o Revmo. Padre J. Cabral sobre «A Limitação da Natalidade» veio confirmar plenamente o justo e merecido renome que já havia conseguido com a publicação das suas anteriores obras «No Terreno dos Principios», «Lutas da Mocidade» e «Conceitos e Factos», as quaes alcançaram os melhores elogios dos competentes.

Dissertando sobre a «Limitação da Natalidade» o Sr. Pe. J. Cabral tratou de um assumpto da maior actualidade e que muito interessa a nossa Patria.

Do nosso meio social e intellectual este tão grave problema, nem sempre, tem recebido uma orientação acertada e digna.

A litteratura brasileira resentia-se de algo a respeito que expuzesse a questão de uma maneira clara e verdadeira, ao mesmo tempo que moralizadora e patriótica.

O Sr. Pe. J. Cabral reuniu em seu bem lançado trabalho todas essas indispensaveis prerogativas e, mais ainda, escreveu-o ao alcance de todos e sempre escudado na melhor doutrina da Igreja.

O seu estylo agrada sobremodo e a verdade que préga resalta com facilidade ao leitor que ávidamente devora essas bellas paginas de salutar ensinamento.

Era, realmente, preciso que alguém, com a devida competencia, viesse esclarecer a sociedade brasileira sobre esta matéria tão delicada e tão necessaria na época presente.

A restrição da natalidade, mercê do neo-malthusianismo, constitue uma pratica que não só offende profundamente a moral, como ainda implica um crime de lesa-patria, além de falta grave perante Deus.

E' imprescindivel e mesmo urgente transformar a mentalidade anti-concepcionista que cada dia mais avassala o espirito dos casaes, sob pena das peores consequencias para a nossa nacionalidade, sem falarmos da claudicação que representa da consciencia catholica.

Aos moralistas, aos escriptores, aos medicos e aos sacerdotes cabe, sem duvida, importante papel na pregação desta benemerita cruzada contra o neo-malthusianismo, em seus variados e disfarçados aspectos e em seus diversos e condemnaveis meios de actuação.

Em vão se tem appellado para a hygiene e para a medicina, assim como para motivos de ordem sentimental e economica; mas, a tudo a verdadeira sciencia e a recta consciencia, secundando os ideaes catholicos, tem respondido de maneira desfavoravel ás theorias néo-malthusianistas.

O Brazil precisa de filhos e o seu territorio immenso reclama braços que trabalhem pela grandeza desta Patria com que a Providencia Divina fartamente nos favoreceu; e si uma nação não progride no numero de seus nacionaes ou si fica estacionaria, acarreta um problema de capital importancia para a sua economia social, esboçando um certo gráo de inferioridade e provavel aniquilamento de seu povo.

Nestas condições, impõe-se uma campanha energica e sem tréguas aos inimigos do engrandecimento da Patria Brasileira que, pretendendo plantar aqui as theorias e as praticas néo-malthusianistas, provocarão a ruina da nossa nacionalidade pela baixa numerica e decadencia moral de seus filhos.

O Sr. Pe. J. Cabral, portanto, muito opportunamente, e com os mais alevantados fins doutrinarios e patrioticos, deu á publicidade o seu prestimoso trabalho sobre «A Limitação da Natalidade», o qual merece sêr lido, e sel-o-á com grande proveito por todos aquelles que se interessam por esses assumptos attinentes ao patriotismo, á moral e á Religião.

Aconselhando a sua leitura, sinto, como catholico, brasileiro e medico, que cumpri um dever de consciencia.

Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1930.

Dr. Joaquim Moreira da Fonseca.



SUMMARIO

*Estado da questão — A theoria de Malibus —
O anti-concepcionismo — O crime do aborto — Causas
da propagação do mal — A doutrina da Igreja —
Planò de combate.*



A limitação da natalidade

«Impedir de nascer é matar antecipadamente.»

Tertuliano.

Desejavamos passar por este assumpto, a um tempo tão delicado e tão importante, seguindo o «nem sequer se nomeie entre vós» do grande S. Paulo.

Infelizmente, porém, o mal vae se alastrando rapidamente, e os seus effeitos perniciosos já se fazem sentir no seio da sociedade brasileira, sociedade outróra de costumes austeros e genuinamente christãos.

Eis a razão pela qual julgamos de bom alvitre, senão de rigoroso dever, enfeixar, em poucas paginas, algumas notas sobre as obrigações attinentes ao estado matrimonial.

Desejamos lembrar aos futuros esposos os deveres graves, adstrictos ao grande sacramento, que legitima e ennobrece, deante da Igreja, a união do homem com a mulher.

Não alimentamos a pretensão de apresentar novidades ou entrar no campo scientifico; o nosso modesto intuito cifra-se apenas em esclarecer e orientar a mentalidade e formar a consciencia daquelles que querem viver de accordo com os seus principios religiosos e cumprir a vontade de Deus sobre a terra.

Queremos premunir a juventude catholica do nosso Brasil contra certas theorias e praticas alienigenas, que se introduziram em nosso povo, difficultando e complicando a solução dos problemas sociaes e moraes.

Não podemos fechar os olhos e desconhecer que se vae infiltrando em nossa sociedade a praga

moderna, delapidadora das forças vivas da nacionalidade: a limitação dos nascimentos, por via de fraudes diversas.

O peor é que o mal caminha livremente, ora sorrateiro e velado, através de annuncio de certos productos, ora ostensivo e declarado, em livros originaes ou traduzidos e theses de doutoramento. Vezes apresenta uma roupagem scientifica, chamando-se anti-concepcionismo, maternidade consciente, procreação racional, concepção eugénica; vezes toma uma forma declaradamente egoista, quando se intitula amor esteril e neo-malthusianismo.

De qualquer modo estas praticas criminosas ganham terreno e são tratadas e discutidas publicamente, até nos salões, entre gente que se preza de ser catholica.

Deante disso crêmos necessidade imperiosa offerecer aos futuros chefes de familia algumas considerações sobre deontologia conjugal.

Diremos algo, primeiramente, acerca das theorias anti-concepcionistas e do aborto directo; depois estabeleceremos a posição da Igreja nessa materia; trataremos dos effeitos perniciosos da restricção da natalidade e concluiremos apresentando os remedios de tão grande mal.

Ha no Velho Testamento uma passagem de tocante simplicidade e de profunda significação moral.

O jovem Tobias, após receber em casamento a sua prima Sara, rende expressivas acções de graças ao Eterno e declara que tomou uma esposa não para satisfazer á volupia, mas para gerar uma posteridade, que bendiga o nome do Senhor, pelos seculos dos seculos.

Aquelles poucos versiculos da Biblia traçam, admiravelmente, o plano providencial, que deve orientar o matrimonio christão: ter filhos e dilatar o reino de Deus.

Com os intuitos divinos se conformaram os patriarchas, prophetas e justos da Antiga Lei, que se orgulhavam de uma descendencia numerosa. Os filhos do povo de Deus estavam tão compenetrados disso que julgavam a esterilidade como uma ignominia e uma maldição.

A religião christã herdou esse modo de sentir, que foi sempre a norma das familias mais piedosas e mais submissas á lei divina. Assim foi até o seculo XVII, quando começaram a se introduzir, nas classes burguesas, certas doutrinas e certas praticas contrarias á ordem natural.

Em 1764, Nerac, de Bordéos, fazia notar a fraca natalidade das familias da classe media. Cerca de vinte annos mais tarde o bispo de Bayeux denunciava as fraudes conjugaes, opostas ao augmento da população, fraudes estas em voga, particularmente, entre os ricos e os grandes.

Thomas Roberto Malthus, pastor protestante inglês, foi o primeiro que abertamente, propugnou pela limitação da natalidade. Suas idéas e suas opiniões, compendiadas no livro *Ensaio sobre o principio da população*, constituem uma theoria, que tomou o nome de malthusianismo.

No intuito de colher amplas observações, Malthus visitou a Noruega, a Suecia, a Finlandia, o norte da Russia e a Suissa, e no anno de 1803 deu á publicidade a sua grande obra.

Em 1805, continuando no exercicio do seu cargo de pastor protestante, foi nomeado, graças á protecção de Pitt, para a cadeira de historia e economia politica do Colegio da Companhia das Indias Orientaes, em Haylebury. Não lhe faltaram, nos ultimos tempos de sua vida, honrarias conferidas por diversos governos.

Querendo pôr em pratica o seu modo de entender, casou-se tarde, em 1804 e teve apenas dois descendentes: um filho e uma filha.

Em breves palavras daremos a synthese da doutrina do celebre economista de Surrey.

Malthus parte do falso principio de que a população tende a crescer segundo os termos de uma progressão geometrica, ao passo que os recursos de subsistencia augmentam em progressão arithmetica. Daqui a necessidade absoluta de restringir os nascimentos, para que não haja calamitoso desequilibrio entre o numero dos vivos e a quantidade de alimentos offerecida ao consumo publico.

O equilibrio deve ser mantido por meios naturaes: as pestes e as guerras, que reduzem sensivelmente as populações; e por um recurso preventivo, isto é, a *contenção moral*, o celibato e a continencia dos pobres, que não dispõem de fortuna necessaria para a manutenção de uma prole numerosa. Aconselha ainda o retardamento do matrimonio.

No decurso do nosso trabalho demonstraremos a fallencia das doutrinas malthusianas. De passagem observaremos apenas que o seu autor errou palmarmente, quando affirmou que a população do mundo cresce em progressão geometrica, isto é, duplica em cada lapso de vinte e cinco annos.

As estatisticas demographicas se encarregam de provar a falsidade da affirmação gratuita de Malthus.

Cumpre ainda notar que elle prescinde, em absoluto, da acção providencial, que vela sobre todo o genero humano.

Se o economista inglês encontrou muitos adeptos de seus principios sobre a população e as difficuldades de abastecimento, poucos acceitaram suas idéas acerca da austeridade dos costumes da *abstenção do casamento alliada á castidade*.

Daqui se originou uma nova doutrina, que é conhecida sob o nome de neo-malthusianismo. Sua propaganda systematica começou no seculo passado e teve como primeiro apostolo o irlandês William Thompson.

Em 1854 Georges Druysdale publicou os *Elementos de sciencia social*, verdadeira carta do neo-malthusianismo. Na França Paul Robin encabeçou e dirigiu este novo movimento.

Dentro em pouco o mal transpoz as fronteiras da França e da Inglaterra, invadindo as outras nações da Europa.

Jornaes, folhas avulsas, folhetos e opusculos, tudo foi empregado para a divulgação das novas idéas, cujos arautos insistiam sempre no perigo social das familias muito numerosas e nas necessidades prementes da limitação dos nascimentos. Faziam sentir que o augmento da prole iria agravar o problema dos sem-trabalho, ao passo que, baixando a natalidade, os filhos unicos poderiam, tranquillamente, succeder aos seus paes nas officinas.

Continúa a propaganda nefasta. Na Inglaterra Lord Balfour chegou a apresentar um projecto de lei, autorizando o ensino do anti-concepçãoismo, e Mary Stopes fundou um hospital, onde, abertamente, se ministram esclarecimentos sobre essa materia.

As consequencias do neo-malthusianismo não se fizeram esperar.

O indice da natalidade caiu muito em diversos países, chegando em alguns a proporções verdadeiramente alarmantes.

F. A. Vuillermet, em *Le Suicide d'une Race*, apresenta quadros comparativos muito eloquentes.

O fasciculo II, volume XI, da revista lusitana *Brótéria* tráz dados estatisticos, pelos quaes se observa que os nascimentos continuam a declinar de 1913, ultimo anno anterior á grande guerra, a 1927. A Allemanha de hoje apresenta apenas 11 nascimentos por mil habitantes.

Do Velho Mundo este flagello contemporaneo se estendeu á America, vindo assentar arraiaes em nosso Brasil.

Ao lado das fraudes anti-concepcionistas está o aborto directo, outro factor do decrescimo da população.

E' difficil a verificação de quanto as manobras abortivas concorrem para a queda dos nascimentos nos países mais civilizados. Ha, no emtanto, alguns dados, que permittem ajuizar, approximadamente, do prejuizo de vidas ceifadas pelo processo summario de eliminação previa dos nascituros.

A tal ponto chegou o mal que as grandes nações europeas lembram o imperio romano em dissolução. Os governos procuram por diversos meios a seu alcance combater a desnatalidade.

Alguns dados estatísticos comprovam o que acima dissemos.

Calcula-se que ha, na França, cerca de 500.000 abortos annualmente. Na Allemanha Bender conta 250.000; Moses eleva esta cifra a 800.000 e Hansberg fala de 600.000 sómente nas grandes cidades e centros industriaes. Nos Estados Unidos, em 1919, Tobinson avaliava em um milhão os abortos criminosos.

O problema do aborto offerece um lado pathetico e um aspecto langustioso todas as vezes que a expulsão violenta do fêto é julgada imprescindivel á conservação da vida mãe.

No intuito de prestar esclarecimentos ás consciencias bem dispostas, queremos lembrar alguns principios elementares de ethica e responder a certas objecções costumeiras e muito em voga.

Ha um principio de moral universalmente acceito: não é permittido fazer uma acção má, ainda que o fim visado seja inteiramente bom e licito.

Ora, o aborto directo é de sua propria natureza um assassinio. Supprime-se um ser humano; uma pessoa, no proposito deliberado de salvar a existencia de outra creatura.

Aqui está a pedra de toque da illiceidade de todo aborto directo.

O Dr. G. Clément, notavel clinico suíço, em um livrinho admiravel, *Le droit de l'enfant à naître*, offerece um estudo completo desta delicadissima questão. Prevalecemo-nos da presente oportunidade para recommendar a leitura do citado trabalho, que será tão util aos medicos como aos não medicos.

O argumento basico que a Igreja oppõe ás praticas abortivas, reside em o respeito á vida do proximo, respeito esse fundado no direito natural, promulgado pela lei divina e adoptado nas instituições humanas.

O homicidio é sempre condemnavel e repugnante, seja qual fôr o meio usado. O emprego de um instrumento cirurgico não é menos illicito que o de um punhal.

Por isso um medico, aliás unsuspeito de clericalismo, Pinard, escreveu: «Nem pae, nem mãe, nem o medico tem o direito, em circumstancia alguma de supprimir a vida da creança, que se encontra no seio materno.»

De nenhum modo se póde admittir que a mãe seja senhora absoluta de seu corpo, a ponto de lhe ser permittido libertar-se do producto da concepção, como faz extirpar um kysto ou um polypo, apara as unhas e corta o cabello.

Não. Inadmissivel tal raciocinio.

O fêto, muito embora não goze do pleno exercicio de suas faculdades, constitue uma pessoa juridica, possuindo direitos inalienaveis e imprescriptiveis.

A despeito da absoluta dependencia do organismo materno, em que se encontra a creança, no periodo de vida intra-uterina, deve notar-se que ella se destina a uma existencia autonoma dentro de certo periodo fixado pela natureza; ao contrario dos tumores, que não podem subsistir indefinidamente, uma vez separados do organismo em que se formaram.

A' anthropologia faltam elementos para determinar o momento exacto em que se dá a união

da alma com o corpo, tornando-se aquella a forma substancial deste e conferindo ao embryão a personalidade humana.

A incerteza sobre se tal ou qual fêto possui ou não uma alma impõe a prohibição terminante de se tirar partido da duvida em assumpto de tão grande monta. Não é licito, pois, provocar o aborto uma vez que não se sabe se o producto da concepção já recebeu ou vae receber ainda seu principio vital.

Esta doutrina parece, á primeira vista, entrar em conflicto com o direito de defesa da propria existencia.

Objectar-se-á: cada um tem o direito sagrado de proteger sua vida contra qualquer aggressor injusto. Portanto, a mãe, para escapar á morte, pôde desembaraçar-se do fêto, provocando a expulsão do mesmo.

A força desta objecção provém de uma confusão de idéas.

Expliquemos. Injusto aggressor é quem, materialmente ou formalmente, attenta contra a vida do proximo. Em tal caso, sim, é licito resistir, ainda que a resistencia vá até á eliminação do aggressor.

A creança, encerrada nas entranhas maternas, não põe acto algum injusto ou violento contra a sua genitora. Se constitue um perigo para a vida da autora de seus dias, este perigo procede das proprias leis naturaes e das condições do organismo materno.

O infante, enclausurado no seio de sua mãe, absolutamente, não se pôde comparar com um ebrio, um louco ou um inimigo, que de arma em punho assalta o seu semelhante.

Daqui não ser permittido o aborto, ainda que este recurso seja considerado necessario á salvação da vida de uma parturiente.

Ha ainda outra objecção, que tira da sentimentalidade a maior parte de seu pretendido valor: a vida da mãe tem mais valor que a de um nascituro.

A isso responderemos que não se pôde illudir aos imperativos do dever, estabelecendo parallelos de valores. E' falso e contrario á razão fazer comparação entre a existencia de uma dona de casa, centro de um lar, e o futuro de um enteuzinho, ainda em vespéras de vir ao mundo.

Comprovando o que acima dissemos, basta citar os nomes de Julio Cesar, Scipião Africano e S. Raymundo Nonnato, que deveram sua vida á operação cesariana.

Dir-se-á que é crueldade impôr á gestante o sacrificio da propria vida a consentir no extermínio do germe, que tráz nas entranhas.

Para responder a esta ultima interpeação precisamos de ouvir a palavra da sciencia medica, que affirma a raridade dos casos em que o aborto é de absoluta necessidade.

O citado Dr. Clément diz: «o aborto pôde ser supplantado pela abstinencia em todos os casos em que foi praticado.» E apresenta documentação scientifica de sua declaração.

As manobras abortivas deixam os mais tristes vestigios no organismo da mulher, inhabilitando-a, muitas vezes, para as funções da maternidade, isso quando as hemorragias e as infecções não põem termo a uma existencia tão egoista.

Não raro succede que os medicamentos ingeridos para a provocação do aborto dão em resultado a morte da gestante.

O coração materno, sobretudo quando formado pela religião christã, deve estar prompto para todos os sacrificios, sem exclusão do da propria vida.

A lei da immolação e do devotamento é a constante da historia humana. Se, pois, fôr necessario que a mãe se sacrifique pelo seu filho, assim proceda, porque dar a propria vida em obediencia aos principios da moral é a mais bella corôa que pôde exornar uma frente de mulher.

A vida compõe-se de um tecido de sacrificios e de resistencias heroicas. O commandante, que

se conserva no posto, na hora do naufragio; as guardas avançadas, que se arriscam em explorações perigosas; o medico, que se expõe ao contagio da peste, assistindo aos seus doentes; todos esses praticam actos de supremo desprendimento. Morrem: guardando seus logares, para não commetterem a covardia da deserção.

A mãe christã, consentindo em immolar-se, para salvar a vida de que é depositaria, terá não sómente a certeza de satisfazer ás obrigações de ordem natural, mas restar-lhe-á o conforto de se haver submettido ás imposições da consciencia religiosa.

A moral deve ser intransigente nos seus principios, do contrario ficará á mercê da sentimentalidade.

Cumprê agora esclarecer as razões do exito dessas doutrinas e praticas perversas.

Observaremos, preliminarmente, que encontra franco acolhimento tudo que lisonjeia os sentidos e concorre para tornar a vida mais commoda.

O enfraquecimento da fé e dos sentimentos religiosos, combatidos pelo espirito do seculo, constitue o primeiro elemento favoravel á penetração de theorias e usanças contrarias ás leis naturaes e divinas.

A sociedade se esqueceu da finalidade que a Providencia lhe assignalou com aquellas palavras no Eden: «Crescei e multiplicae-vos.»

A' obediencia aos designios eternos succedeu o egoismo, sedento de gozos e adverso a quanto tráz consigo peso e trabalho.

Não querendo seguir os dictames da consciencia e supportar as consequencias do matrimonio, a humanidade procurou, por todos os meios, fruir da satisfação dos sentidos sem os encargos da prole.

A imprensa corruptora e a sciencia expuria puseram-se ao serviço da mais baixa sensualidade.

Por semelhantes vielas as fraudes conjugaes abriram caminho por entre as classes mais humildes da sociedade.

As despesas, que os filhos acarretam; o dispendio com a educação de varias creanças; a preocupação de legar aos descendentes uma posição social de certo destaque; as conveniencias do mundanismo, que custam tão caro, constituem os motivos que levaram as classes medias á burla das leis e dos fins do casamento.

O temor de dividir a fortuna da familia introduziu, nas altas camadas da sociedade, o filho unico.

Para explicar a quéda da natalidade muitos recorrem ás difficuldades de ordem economica. Se, porém, aprofundarmos as nossas observações, verificaremos que a razão é bem outra: o egoismo individualista.

O temor de educar os filhos, a moda, que condemna as familias numerosas, e o receio, que tem a mulher de perder as linhas plasticas e a belleza physica, são os introductores do anti-concepcionismo.

A posição da Igreja, em face da limitação da natalidade, acha-se francamente definida.

Nega a absolvição sacramental e, consequentemente, afasta da mesa eucharistica os conjuges que fraudaram as leis naturaes. Declara excommungados todos os cumplices do aborto directo.

Em synthese daremos os principaes argumentos, que justificam a sabia e necessaria intransigencia da doutrina catholica.

As praticas neo-malthusianistas acham-se expressamente condemnadas na Biblia, onde lemos que Deus julgou detestavel a conducta de Onan e o puniu com a morte.

As manobras abortivas encontram terminante prohibição no V Mandamento do Decalogo: *Não matarás.*

Aos que se arreceiam dos pesados encargos de uma prole numerosa a Igreja appella para os sentimentos de fé e para as esperanças da vida eterna. Adverte que o tempo presente é de provas e trabalhos, que merecerão recompensa nos seculos futuros.

Lembrem-se os paes catholicos daquella sublime admoestação do Apostolo S. Paulo sobre o premio promettido aos fiéis, que crucificarem a carne com as suas concupiscencias. Neste particular o evangelizador das gentes não fez mais que desenvolver o sentido daquellas consoladoras palavras de Jesus Christo: «Buscae primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por accrescimento.»

Além destes motivos de ordem sobrenatural, outros ha, de ordem humana, que condemnam toda e qualquer restricção ou *controle* dos nascimentos.

Antes de tudo veremos que o anti-concepçãonismo é contrario á lei natural e falho sob o ponto de vista economico.

E' contario á lei natural porque a sexualidade é conferida ao homem não para fins individuaes, mas para os fins da collectividade e para a perpetuação da raça.

Ao invés disso, o neo-malthusianismo faz consistir na volupia a finalidade exclusiva do matrimonio.

Em consequencia dessa doutrina summamente immoral ficariam justificadas todas as ligações infames e todas as uniões monstruosas, que a historia regista para vergonha da especie humana.

Debaixo do ponto de vista economico a limitação da natalidade é uma theoria fallida.

A geographia commercial, na eloquencia dos algarismos, demonstra que a riqueza publica augmenta, proporcionalmente, com a população dos países.

O maior numero de consumidores acarreta o desenvolvimento da producção e o melhor apro-

veitamento dos recursos naturaes, trazendo consigo o progresso das industrias e ascensão das permutas internacionaes.

Basta cotejar os dados relativos ao incremento da fortuna nas diversas nações do mundo para se verificar o que acima dissemos.

A falta de trabalho, que tanto se faz sentir nos grandes centros industriaes, provem não da proliferação das familias, mas das condições especiaes do industrialismo moderno, em que uma só maquina póde substituir a mão de obra de centenas ou mesmo milhares de operarios.

Ajunte-se a este factor o exodo das populações ruraes, que vieram procurar o conforto e as diversões das grandes cidades, concorrendo assim para aggravar a situação do operariado e augmentar o numero dos desoccupados, e ter-se-á encontrado a chave da questão.

Não lancemos, portanto, á conta da Providencia males cuja responsabilidade cabe aos homens tão somente.

Importa além disso considerar que o anti-concepcionismo envolve um crime de lesa-patria. Diminue o numero dos braços livres, que se applicam ao trabalho fecundo e constructor, que faz os grandes povos, e de peitos robustos, que sustentam a honra da nacionalidade e defendem o solo patrio nos campos de batalha.

O excesso da população da Hellade antiga disseminou-se pelos continentes em fóra, levando a todo o mundo a civilização, as artes e a literatura daquella raça privilegiada.

No seculo quarto, antes da era christan, os philosophos gregos, inquietos acerca do futuro da sua gente, preconizaram a esterilidade como recurso salvador. Isso deu em resultado a carencia de homens e dois seculos mais tarde a Grecia perdia a sua independencia, porque não houve mais quem fizesse frente ás legiões romanas.

No volver dos tempos, tombou com ruído formidável o imperio de Roma, quando os senhores do mundo, gastos pelos prazeres sensuaes, não tiveram mais a energia necessaria para a devida repulsa das hordas barbaras.

Para esses factos se voltam os publicistas do Velho Mundo, lembrados de que a historia se repete.

Poucos filhos, porém, fortes. Assim falam os partidarios da chamada concepção eugenica ou maternidade consciente.

Veremos, após breves considerações, que a limitação dos filhos nem sequer sob o ponto de vista eugenico encontra justificativa.

As estatisticas sanitarias demonstram que os filhos unicos, em geral, são debeis de saúde, victimas de perturbações nervosas e sujeitos a muitas affecções morbidas.

Um congresso de psychiatria, reunido em Amsterdam, na Hollanda, revelou algo de curioso a esse respeito. Assim é que entre setenta e quatro homens de genio, estadistas, musicos, poetas e escriptores, apenas dez eram o filho mais velho. O talento se manifesta, mais frequentemente, nos derradeiros filhos. Cooper era o undecimo de doze irmãos; Balzac era o ultimo dentre tres; Napoleão, o oitavo; Franklin, o decimo setimo; Rembrandt foi o ultimo de seis irmãos; Wagner, o setimo; Mozart, idem; Schumann, o quinto; Schubert, o penultimo de quatorze irmãos.

O doutor Friedjing, em novembro de 1910, apresentou á Sociedade de Medicina de Vienna, Austria, algumas observações dignas de nota.

Examinou o citado clinico cem filhos unicos, creanças de dois a dez annos. No meio destes meninos encontrou 18 seriamente atacados de nevropathia; 69 apresentavam tendencia para perturbações do systema nervoso; apenas treze eram

perfeitamente normaes. Verificou ainda que os phenomenos de neurasthenia e hystericismo eram frequentes nestas creanças. Em outra centena de creanças tiradas de familias que tinham varios filhos, o resultado foi completamente diverso: 30 revelavam tendencias nevropathas e 70 eram absolutamente normaes.

A essa especie de tara cumpre accrescentar as falhas da educação domestica, pois, em sua generalidade, os filhos unicos são creados com mimos excessivos e satisfeitos em todos os seus caprichos.

Se uma descendencia grande é de vantagem para os filhos, não o é menos para os proprios paes.

Um medico allemão, Dr. Gummert, depois de vinte e cinco annos de clinica nos grandes hospitaes, disse: «A tentativa de evitar filhos causa mil vezes mais doencas e mortes do que uma prole numerosa.»

Os filhos, no sentir de Gounod, são as rosas do jardim da vida. Não é preferivel ter muitas rosas a ter uma só? A perda de uma será compensada pelas que ficam.

Quem poderá confortar e animar aos paes que perderam seu unico filho?

Luís Veuillot, em *Les Libres Penseurs*, e René Bazin, no romance *La Barrière*, trazem paginas que bém merecem ser lidas e meditadas pelos conjuges egoistas e refractarios ás obrigações do proprio estado.

Finalizando nosso pequeno estudo sobre o momentoso problema da limitação da natalidade, indicaremos, em linhas geraes, um plano de combate a essa praga moderna, que mina as bases da sociedade.

A campanha inicial contra o neo-malthusianismo consiste em formar na opinião publica um ambiente favoravel á natalidade. Torna-se imprescindivel

divel a divulgação de livros e opusculos de propaganda contraria á limitação dos filhos e retirar da mentalidade do povo os preconceitos da moda, que condemna as familias numerosas.

Do mesmo modo que os inimigos da religião e da humanidade introduziram as fraudes contrarias ás leis da natureza, devemos, igualmente, incutir nas consciencias a noção exacta das responsabilidades sociaes daquelles que estão vinculados pelo sacramento do matrimonio.

O amparo franco á maternidade, por todos os meios de que dispõe a sciencia medica dos nossos dias, constitue um dos recursos mais efficazes para incrementar os nascimentos e diminuir a letalidade infantil.

Resta encarar o problema sob o aspecto economico.

Segundo os ensinamentos do grande Papa da *Rerum Novarum* o operario deve ganhar o necessario para sustentar com o producto de seu trabalho uma familia de cinco ou seis filhos.

Ora, as condições actuaes do industrialismo não permitem isso. Se, porém, um industrial por si só não pôde resolver a difficuldade, a industria, tomada collectivamente, a deve solucionar.

Diversos systemas foram propostos até agora, offerecendo resultados mais ou menos felizes.

Em França acham-se instituidas as «Caixas de Compensação». E' uma organização eminentemente social e christã, que visa auxiliar as familias numerosas. Os communistas combatem-na fortemente, porque conhecem que é um poderoso meio de approximação de patrões e operarios.

Em setembro de 1925, segundo as estatisticas, do *Bulletin du Ministère du Travail*, havia, no territorio francês, 165 «Caixas de Compensação», correspondentes a outros tantos centros industriaes, que abrangiam 11.000 firmas e distribuíram 146 milhões de francos entre paes de familia, seus operarios.

O mecanismo destas Caixas é muito simples. Associam-se os patrões de uma determinada industria ou de certa região, comprometendo-se ao seguinte:

Cada firma obriga-se a depositar em uma caixa commum 2 1/2 ou 3 % dos salarios totaes, sejam solteiros ou casados os seus operarios. Para evitar queixas dos operarios solteiros contra os casados esta importancia não é paga pelos empregados; para evitar que os patrões dêem preferencia a operarios não casados, a quota é paga pelos patrões, tenham familia ou não os seus jornaleiros. A compensação consiste em que os proprietarios de fabricas contribuem com uma porcentagem igual, em proporção ao estipendio dos seus trabalhadores. Daquí ninguem ficar prejudicado.

As Caixas distribuem auxilios ou subsidios aos paes ou mães de familia, segundo uma norma previamente estabelecida, de accordo com o numero de filhos menores de quatorze annos.

Além da quota regular, as Caixas, em sua grande maioria, offerecem, por occasião do nascimento, uma gratificação unica, variavel, de 50 a 300 francos.

Certo que o problema da manutenção das familias numerosas inda não se acha de todo resolvido na França, mas um grande passo já está dado.

Trata-se, evidentemente, de uma questão de ordem social e que para a solucionar não bastam as generosas inicitivas privadas, sendo necessaria a interferencia dos poderes publicos.

Ao Estado compete importante papel no que respeita ao incremento da natalidade. De dois modos elle pôde concorrer para esse fim: directamente, auxiliando com pequenas dotações as familias pobres e numerosas; indirectamente, promulgando leis que amparem e fortifiquem os laços matrimoniaes.

No mundo antigo encontramos exemplos de governos que attendiam á repressão do que atenta contra a procreação da especie humana. Em Roma quem intentasse o aborto, mesmo que não sortisse effeito — para correção do máu exemplo — era condemnado ao trabalho das minas, se pobre: sendo pessoa nobre ou rica soffria a pena do exilio e o confisco dos seus bens. Se a gestante morresse, em consequencia da tentativa de aborto, os culpados eram mandados ao ultimo supplicio.

Não podemos deixar de citar o novo codigo penal italiano, que, em muitos pontos, está em perfeita harmonia com as doutrinas da religião catholica.

A nova legislação fascista prohiibe terminantemente a venda de livros, pamphletos ou qualquer outro genero de publicações em que se faça a apologia da limitação da natalidade dentro do matrimonio ou em que se proponham systemas para lavá-la a effeito.

O commercio de esterilizantes é absolutamente interdito e o anticoncepcionismo é rigorosamente prohibido. Ha sancções mui severas para os casos de infidelidade conjugal. A pratica de operações abortivas é tambem vedada.

Oxalá que em nosso codigo penal se introduzam dispositivos semelhantes, que salvaguardem os direito sagrados do grande sacramento da Nova Lei.

Cumpré, porém, observar que acima dos favores economicos e da protecção legal, que os governos podem offerecer, está o sentimento religioso, unico bastante forte para reprimir o egoismo humano.

Esperamos que a familia brasileira, familia sinceramente catholica, saberá resistir ás investidas e ás manobras tendentes á desnatalidade.

Para isso no emtanto torna-se imprescindivel formar a consciencia dos nubentes, instruindo-os acerca dos deveres do proprio estado.

Desse modo trabalharemos, na medida de nossa capacidade para que o mal não se propague em nosso país e nem os esposos christãos, com grave offensa da lei divina e grande perigo de condemnação eterna, se entreguem ás crimosas praticas de restricção á natalidade.



NOTA

Estava no prelo este nosso modesto trabalho quando sahi á publicidade a recente e momentosa encyclica de S. S. Pio XI, gloriosamente reinante, acerca do matrimonio encarado sob o ponto de vista catholico. Com prazer vimos, mais uma vez, reafirmados os principios da verdadeira moral, que o catholicismo oppõe ás fraquezas e transigencias dos theologos anglicanos e demais protestantes. Apesar da decadencia moral dos nossos dias, a Igreja mantém a mais absoluta intransigencia no que toca aos principios.

INDICE

	<i>Pags.</i>
Approvação do Exmo. Sr. D. Alberto José Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto	3
Prefacio do Professor Dr. Celestino Bourroul, da Faculdade de Medicina de S. Paulo	5
Dedicatoria	8
Anteloquio	9
Duas palavras	11
Summario geral	13
A crise da puberdade	18
I — Elucidação doutrinaria	27
O espirito e a carne	28
O mandato	29
Antinatura	31
Alerta	35
O peccado	36
Peccado mortal	36
« venial	38
Clarividencia do espirito	39
II — Ciladas do inimigo	41
A offensiva	42
Assaltos do inimigo :	
1) A ociosidade	44
2) As más companhias	45
3) As palavras licenciosas	47
4) A dança	48
5) As más leituras	50
6) Os cinemas e os theatros	53
7) As relações perigosas	56
III — A guarda dos sentimentos	61
No portico	62
A amizade	62
Amores e amor	65
Esponsaes	66
Fidelidade	69
A porta estreita	71

	<i>Pags.</i>
IV — Esplendor e decadencia	75
Ruínas	76
A perola das virtudes	76
Vencido	77
Avidez e tédio	78
Pretensas justificativas	80
V — Elementos de victoria	85
O conceito de homem	86
O poder da vontade	87
Confiança	89
Principios directivos	90
VI — Recursos da defesa	93
No acampamento	94
Meios a empregar :	
1) Os sacramentos — Eucharistia e Penitencia	95
2) A oração	102
3) A sobriedade e o desporto — Pureza, fonte de vigor	107
4) Os bons pensamentos	116
5) O trabalho	120
6) A conquista de si mesmo	125
7) A vigilancia	128
Ser bom antes de fazer o bem	133
VII -- As exigencias do Decalogo e as conclusões da sciencia	137
A sciencia e a moral	138
Os que não casam	139
Possibilidade da continencia	142
Objecções	145
Beneficios da castidade	149
O temor das infecções	152
Conclusão	154
A GLORIA	157
Notas á margem	165
I — O matrimonio christão	167
II — Principios de educação	173
III — A inquietação hodierna	180
IV — Idolatria da moda	183
V — Cultura das vocações	192
VI — Icaro contemporaneo	199
VII — Restauração	204
APENDICE	209
Algumas palavras	212
A limitação da natalidade	216

Do mesmo autor:

„No terreno dos principios...“

(Prefacio de Soares d'Azevedo)

«Vozes de Petropolis» — 1927

„Conceitos e Factos“

(Prefacio de S. Excia. D. José Pereira Alves,
Bispo de Nitheroy)

«Vozes de Petropolis» — 1930

„No terreno dos principios...“

Estudos e impressões

pelo

Padre J. Cabral

— Prefacio de Soares d’Azevedo —

Espirito conservador, tradicionalista amigo do progresso e da lei, sabe expôr com limpida clareza os seus argumentos nos themas mais variados e complexos; a literatura, a religião, a politica militante, do aspecto da civilização hodierna e as lacunas da vida actual.

Tudo isto é architectado com a mais notavel sobriedade de linhas. Os seus themas jámais afadigam os leitores que devem ser numerosos do seu livro como o foram do seu jornal.

Não ha questão social, politica, religiosa, de ethica e de moral publica que ahí não seja apreciada com limpido criterio, sem paixão, mas sem desfallecimento.

«O seu estylo — diz Soares d’Azevedo no prefacio — é elegante e, com ser elegante, não perde aquelle tom vivo e decidido dos grandes batalhadores medievaes, que por isso mesmo sabiam conjugar a belleza das maneiras com que a pureza das intenções. O autor sabe terçar as armas com galhardia e afoiteza, e tanto se embrenha nos ingratos labirintos da politica, como alça remigios para os dominios suaves da apologetica.»

E depois: «O autor sabe descrever ao sabor do nosso povo, sabe tocar-lhe na corda sensivel e encaminhá-lo pacientemente».

Que mais será preciso dizer depois dessa recommendação de um escriptor autorizado? Basta citar uns titulos, para aguçar a curiosidade: «Dictaduras e Democracias, — Educação physica, — Do bom feminismo, — Dictadura da imprensa, — Os esplendores da Liturgia sagrada, — Theosophia — Militarismo e politica, — O pauperismo, — Modos e modas, — Calles *versus* Christo, — Do trabalho feminino, — Literatura nacional, — O problema cambial, — O Filho de Deus.»

O livro será lido com gosto e sem fastio, pois o leitor encontrará nelle o que baste para distrahir o espirito, suavizar o coração e tonificar a alma.

Pedidos á Administracão das «VOZES DE PETROPOLIS»

Petropolis — Est. do Rio

Preço 4\$000

CONCEITOS E FACTOS

pelo Padre J. Cabral

Prefacio de S. Excia. Revma. D. José Pereira Alves

Um livro de plena actualidade, cheio de vigor e de reconhecido interesse.

CAPITULOS DA OBRA

I — ASPECTOS NACIONAES—O BRASIL ACTUAL — 1. *Contrastes e confrontos* — 2. *Ethnographia brasileira* — 3. *A unidade da Patria* — 4. *As fraquezas do regime* — 5. *Resenha historica* — 6. *Cruzada redemptora.*

Independencia politica e independencia economica — Reflorestamento — Migrações — Actividade agricola e expansão nacional.

II — QUESTÕES CONTEMPORANEAS — AS REIVINDICAÇÕES DA MULHER — 1. *Feminismo* — 2. *A mulher através dos tempos* — 3. *O Christianismo e a mulher* — 4. *Feminismo aceitavel.*

DO CASAMENTO AO DIVORCIO — 1. *Objecções* — 2. *O Divorcio e as suas consequencias* — 3. *A crise da familia brasileira* — 4. *De que modo remediar o mal.*

A illusão da soberania popular — O trabalho — Campos oppostos—Argentaria—Clerophobia — Males de hoje e de outr'ora...—Liberalismo e liberdades — Pacifismo.

III — ENSAIOS APOLOGETICOS — A IGREJA E O PROGRESSO SOCIAL— 1. *A Igreja e o progresso material* — 2. *A Igreja e o progresso intellectual* — 3. *A Igreja e o progresso moral.*

A IGREJA E A DEMOCRACIA — 1. *A Questão social* — 2. *A Igreja e o futuro.*

A liberdade da escola — Christus Rex — Educação moral — Franciscanismo — Fé e sociedade — Argumentos contra factos — O poder das trevas — O catholicismo e o seculo XX.

«Conceitos e factos» não é um livro de uma só leitura, ella se repetirá pela consulta frequente de quantos o tiverem apreciado e desejem orientar-se acerca dos problemas importantes que preoccupam a sociedade moderna. E' util a todos, mas, principalmente, não deve faltar na estante dos professores, dos educadores, dos escriptores, dos jornalistas, do pae de familia, em nenhuma bibliotheca emfim.

Offerece ainda materia grata e já talhada para a realização de conferencias, discursos e palestras sobre assumptos patrios, sobre questões contemporaneas e estudos de apologetica.

Neste sentido constitue fonte abundante e verdadeiro guia para os directores de nossas associações.